

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Rita de Cassia Goulart Caraseni

**Compaixão no pensamento do Papa Francisco: a compaixão como chave de leitura
da *Laudato Si'***

MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

SÃO PAULO
2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Rita de Cassia Goulart Caraseni

**Compaixão no pensamento do Papa Francisco: a compaixão como chave de leitura
da *Laudato Si'***

MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. João Décio Passos.

SÃO PAULO
2017

Banca Examinadora

.....

.....

.....

DEDICATÓRIA

Ao meu Deus, que é meu Pai Amado e que olhou para mim.

À minha mãezinha Aparecida.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Fundação São Paulo (FUNDASP), pela concessão da bolsa nas modalidades I e II, tornando possível a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A palavra é gratidão, sempre.

Ao meu Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

À minha avó Maria Senhora (*in memoriam*).

Aos meus pais Irineu e Aparecida.

À minha filha Ariela, o meu leãozinho.

Aos meus irmãos Maria Aparecida e Pedro Henrique.

Aos meus sobrinhos Jorge, Linda, Carlo, Pietra,

Lorenzo e Helena e a todos os meus familiares.

A todos os meus amigos, especialmente: Maria Thereza, Padre Genival, Jorge,

Mauricio, Padre Paulus, Padre Élcio e Padre Mario.

À Igreja Católica, especialmente: Papa Francisco,

Comunidade Santo Emídio e Legião de Maria.

A todas as pessoas que convivi e que convivo.

Ao meu orientador Prof. Dr. João Décio Passos, por seus conselhos e dicas que sempre se revelaram frutuoso e pela sua confiança em meu trabalho.

À generosidade dos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da

Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Prof. Dr. Frank Usarski,

Prof. Dr. Wagner Lopez Sanchez, Prof. Dr. José J. Queiroz,

Prof. Dr. Eduardo R. Cruz, Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito,

Prof. Dr. Fernando T. Londoño, Prof. Dr. Edin S. Abumanssur,

Prof. Dr. Silas Guerriero, Prof. Dr. João Edênio R. Valle e

Profa. Dra. Fatima R. Machado.

À generosidade da assistente de coordenação Andreia Bisuli de Souza.

Às secretárias acadêmica e de bolsas, à biblioteca e a todos os funcionários.

A atenção dos professores: Prof. Dr. Antonio Sagrado Bogaz e Prof. Dr. Paolo Parise.

“Pois nisto é verdadeiro o provérbio: ‘Um é o que semeia, outro, o que colhe.

Eu vos enviei para colher o que não vos custou nenhum trabalho; outros
trabalharam e vós entrastes no que lhes custou tanto trabalho. ”“

João 4:37,38

RESUMO

CARASENI, Rita de C. G. *Compaixão no pensamento do Papa Francisco: a compaixão como chave de leitura da Laudato Si'*.

Esta pesquisa teve como objetivo geral, elaborar um estudo sobre a categoria compaixão e como ela se apresenta no pensamento do Papa Francisco, especialmente na encíclica *Laudato Si'*. Tivemos como objetivos específicos: caracterizar a categoria relacionando-a com elementos identificados na encíclica, investigar e debater como a categoria se faz presente no pensamento de Francisco e identificar os principais significados da categoria na encíclica *Laudato Si'*. O tema dessa dissertação surgiu da vontade de realizar uma pesquisa que tratasse a compaixão como um princípio a ser estudado por sua relevância no processo de amadurecimento do ser humano em suas relações. Como hipótese da pesquisa, consideramos que a categoria compaixão vem expressa de forma subjacente ao longo de todo o texto da encíclica, através do uso de elementos da categoria presentes no texto e também nas interligações dos principais significados da categoria: antropológico, ecológico e teológico. O enfoque metodológico utilizado para compor esse estudo, partiu de pesquisa bibliográfica e documental. Buscamos autores que representassem o estado da arte e que apresentassem um modelo de discussão que mais se aproximasse da nossa intenção de colocar a categoria compaixão em um contexto social e global, utilizando-a como chave de leitura. Como resultado da pesquisa, observamos que através da compaixão, o ser humano se reconhece dentro da vida, uma vez que esse princípio é capaz de eliminar fronteiras, criar laços de irmandade e erguer pontes de acessibilidade.

PALAVRAS-CHAVE (7)

Compaixão, Papa Francisco, *Laudato Si'*, Ecologia Integral, Mãe Terra, Casa Comum, Indiferença.

ABSTRACT

CARASENI, Rita de C. G. *Compassion in the thought of Pope Francis: compassion as a key to reading Laudato Si'.*

This research had as a general objective, to elaborate a study on the compassion category and how it presents itself in the thought of Pope Francisco, especially in the Encyclical *Laudato Si'*. We had as specific objectives: to characterize the category by relating it to elements identified in the encyclical, investigate and discuss how the category is present in the thought of Francisco and identifying the main meanings of the category in the Encyclical *Laudato Si'*. The theme of this dissertation arose from the desire to carry out research that treated compassion as a principle to be studied for its relevance in the process of maturing the human being in its relations. As a hypothesis of the research, we consider that the compassion category is expressed in an underlying way throughout the text of the Encyclical, through the use of elements of the category present in the text and also in the interlinkages of the main meanings of the category: anthropological, ecological and theological. The methodological approach used to compose this study was based on bibliographical and documentary research. We looked for authors who representing the state of the art about what was being researched and who presenting a discussion model that was closer to our intention of placing the compassion category in a social and global context, using it as a key to reading. As a result of the research, we note that through compassion, the human being is recognized within life, since this principle is capable of eliminating boundaries, creating bonds of brotherhood and building bridges of accessibility.

KEY WORDS (7)

Compassion, Pope Francisco, *Laudato Si'*, Integral Ecology, Mother Earth, Common Home, Indifference.

ABREVIATURAS

- EG:* Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.
- Jo:* Evangelho segundo João.
- Lc:* Evangelho segundo Lucas.
- LF:* Carta Encíclica *Lumen Fidei*.
- LS:* Carta Encíclica *Laudato Si'*.
- MV:* Bula de Proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	13
CAPÍTULO PRIMEIRO	22
UM ESTUDO DA CATEGORIA COMPAIXÃO	22
Introdução	22
1. Origem, estrutura e definição	25
2. Elementos do princípio compaixão	32
3. Expressões de compaixão.....	40
4. A relação da compaixão com a sua antítese e a justificação do sofrimento.....	48
Conclusão	58
CAPÍTULO SEGUNDO	62
FRANCISCO E A COMPAIXÃO	62
Introdução	62
1. Um homem integrado ao seu tempo.....	66
2. Educando para a conscientização	73
3. Conhecer para intermediar	80
4. Francisco, o Papa.....	86
Conclusão	94
CAPÍTULO TERCEIRO.....	97
A COMPAIXÃO NA LAUDATO SI' DE FRANCISCO	97
Introdução	97
1. Significado Antropológico	100

2.	Significado Ecológico	108
3.	Significado Teológico	114
4.	A casa comum como símbolo da compaixão	124
	Conclusão	133
	CONCLUSÃO GERAL	137
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
	Dicionários.....	146
	Livros e Artigos	147
	Documentos Pontifícios.....	154

INTRODUÇÃO GERAL

O tema dessa dissertação surgiu a partir da vontade de empreender uma pesquisa que tratasse a compaixão como um princípio a ser estudado por sua relevância no processo de amadurecimento do ser humano em suas relações e por ser esse princípio considerado como uma espécie de chave para a vida eterna por religiões como o cristianismo, por exemplo.

Ao dar início ao trabalho de pesquisa, já tendo contato com algum material sobre o tema, percebeu-se que a categoria poderia ser trabalhada como um princípio capaz de provocar transformações na humanidade no sentido de promover soluções responsáveis para as crises da atualidade.

Tem-se assistido a forma destrutiva como o planeta Terra vem sendo tratado, o risco eminente de extinção de espécies, o surgimento de doenças, desastres naturais e guerras.

Pode-se dizer, que esses fatores configuram alguns dos cenários de crises e sofrimento dos habitantes desse planeta, inclusive, as informações veiculadas diariamente pela mídia possibilitam que diferentes setores da sociedade tenham acesso ao teor da gravidade do que vem sendo exposto. Tornando-se assim inevitável dizer que vivemos uma crise generalizada.

O Papa Francisco ou simplesmente Francisco de Roma tem se mostrado uma representativa voz daqueles que assim como ele, se apresentam sensibilizados com esse drama da nossa história.

A compaixão presente no pensamento de Francisco, especialmente na encíclica *Laudato Si'* - sobre o cuidado da casa comum constitui o nosso *objeto de estudo* nesta pesquisa. Na encíclica, Francisco conseguiu tratar o tema com abrangência, sendo possível ao leitor pensar sob diferentes formas e chaves de leitura e provocando com isso reflexões e discussões intensas no âmbito científico, religioso, cultural, entre outros.

A encíclica, grau máximo das cartas pontifícias, tem um âmbito universal, onde o Papa empenha a sua autoridade como sucessor de Pedro e primeiro responsável pela Igreja Católica. [...] A palavra 'encíclica' vem do grego e significa 'circular', carta que o Papa enviava às Igrejas em comunhão com Roma, com um âmbito universal, onde empenha a sua autoridade como sucessor de Pedro e primeiro responsável pela Igreja Católica. [...] O título de uma encíclica é o começo do texto, na sua versão oficial em latim, e procura, de forma genérica, ensinar sobre um tema doutrinal ou moral, avivar a devoção, condenar os erros ou informar os fiéis sobre eventuais perigos para a fé. Quando tratam de questões sociais, económicas ou políticas, são dirigidas, normalmente, não só aos católicos, mas também a todos os homens e mulheres de boa vontade, prática iniciada pelo Papa João XXIII com a sua encíclica '*Pacem in terris*' (1963).¹

Laudato Si' ou, Louvado Seja, é uma expressão de louvor contida em uma oração feita por São Francisco de Assis. Nessa oração, São Francisco de Assis louvava a Deus, a Terra e tudo o que nela contêm ” Quase moribundo, compôs São Francisco o Cântico das criaturas. Até ao fim da vida queria ver o mundo inteiro num estado de exaltação e louvor a Deus. ”²

A encíclica, tem em seu conteúdo, de forma explícita, alertas sobre a degradação do planeta Terra e sobre a necessidade urgente de diálogos interculturais que possam gerar mudanças na forma como essa *casa comum*, que abriga a todas as espécies, vem sendo tratada.

Diariamente são expostos pela mídia, cenários de guerras civis e religiosas, que geram um enorme contingente de refugiados, migrantes em situação de desamparo, sendo

¹ Disponível em:

<<http://arqrio.org/noticias/detalhes/3243/o-que-e-uma-enciclica>>. Acesso em: 10/06/2017.

² Página dos Franciscanos na internet. Disponível em:

<http://www.franciscanos.org.br/?page_id=3124>. Acesso em: 30/06/2017.

espoliados de suas famílias, casas e cidades. Ainda assim, ganham força manifestações de xenofobia que acontecem em diferentes partes do planeta.

A palavra fronteira assume contornos de uma ideologia defendida por indivíduos, grupos e até países, em uma quase cultura do isolamento, da intolerância e da indiferença.

Resistência e hostilidade encontram-se presentes em diferentes setores da sociedade, quando o assunto abordado apresenta questões de natureza espirituais e humanas, e da relação da sociedade com as outras espécies de vida e com o planeta. Simplesmente descompor ou menosprezar questões que tratam da finita ou infinita existência do indivíduo, de uma sociedade e de outras espécies, pode ser entendido quase como uma indiferença a vida.

Essas e outras questões cruciais da atualidade, que de uma forma ou de outra atinge a todos e que são detalhadamente abordadas por Francisco, na encíclica aparecem sob a forma de um diálogo com o leitor, na medida em que provoca intencionalmente uma reflexão e até uma revisão de conduta, que implique transformações profundas. Francisco não reinventa a roda, mas procura resgatar o que está presente no ser humano e até por que não dizer, em outras espécies, a compaixão.

A *motivação* para a execução desse trabalho se deve principalmente por acreditar que o desenvolvimento do exercício da compaixão em todos os segmentos, poderia representar um salto imprescindível para superar a crise de convivência e compreensão por que passa essa casa comum.

Esse foi talvez, o principal motivo para o empreendimento desta pesquisa e nesse sentido, nos escritos do Papa Francisco, encontramos o eco dessa palavra que comporta valores e virtudes que transcendem. Conforme Queiroz: “Somente a graça de Deus pode libertar a humanidade dessa via de desolação.” (2012, p.36)

Tivemos como problema da pesquisa, investigar na Laudato Si’, como a categoria compaixão se faz presente na encíclica, os principais significados da categoria e os principais elementos da categoria presentes no texto.

Logo no primeiro capítulo, entendeu-se que a categoria compaixão certamente foi a principal razão para a concepção da encíclica. Sobre esse entendimento, o Papa dá indícios, ao chamar a todos para junto com ele, *transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece no mundo* e fazer dessa razão uma orientação para a vida, *reconhecendo a contribuição que cada um lhe pode dar.*

Depois dum tempo de confiança irracional no progresso e nas capacidades humanas, uma parte da sociedade está a entrar numa etapa de maior consciencialização. Nota-se uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza, e cresce uma sincera e sentida preocupação pelo que está a acontecer ao nosso planeta. Fazemos uma resenha, certamente incompleta, das questões que hoje nos causam inquietação e já não se podem esconder debaixo do tapete. O objectivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar. (LS 19)

A palavra compaixão aparece textualmente na encíclica apenas duas vezes, porém, *como hipótese desta pesquisa, consideramos que a categoria compaixão vem expressa de forma subjacente ao longo de todo o texto da Laudato Si', através do uso de elementos da categoria presentes no texto e também nas interligações dos principais significados da categoria: antropológico, ecológico e teológico, uma vez que esses significados estão entrelaçados, ou seja, a compreensão não se dá de forma separada.*

Nesta pesquisa trabalhamos a indiferença, a intolerância e o isolamento como uma tríade que representa a antítese da compaixão, mas, entendemos que existem outras possíveis antíteses, inclusive poderíamos apontar o estado do medo como o responsável pelo desenvolvimento dessa tríade e como agente capaz de paralisar a compaixão, impedindo que se transforme em um ato concreto de misericórdia. Explicar o estado do medo demanda um trabalho de investigação envolvendo aspectos sociológicos, psicológicos, entre outros, os quais temos a intenção de desenvolver em uma outra pesquisa.

Encontramos fartamente explicitado na encíclica as situações de indiferença, intolerância e isolamento, caracterizadas nas situações descritivas do estado do indivíduo, das relações e da sociedade contemporânea. Ao longo do texto iremos utilizar estas situações com o intuito de provocar a percepção da ausência e da importância do princípio compaixão, de forma a reforçar a chave de leitura.

Em nossos estudos identificamos expressões da categoria compaixão nos discursos, homilias e nos documentos referentes ao pontificado de Francisco. O princípio compaixão em sua definição, apresenta de forma subjacente uma série de elementos que o compõe, permitindo com isso a expressão da riqueza que o caracteriza. Elencamos alguns desses elementos presentes na encíclica, como facilitadores da nossa pesquisa e para construir simbolicamente a relação compaixão, planeta Terra e *casa comum*.

O Papa tem apresentado uma coerência, seja por suas palavras, seja por suas atitudes, que o qualificam como uma personalidade atenta e atuante aos acontecimentos que perpassam a atualidade. Chama atenção a intensidade com que aborda de forma explícita ou implícita, a necessidade de compaixão e misericórdia em suas obras. E esse apelo é dirigido a todos:

Mais de cinquenta anos atrás, quando o mundo estava oscilando sobre o fio duma crise nuclear, o Santo Papa João XXIII escreveu uma encíclica na qual não se limitava a rejeitar a guerra, mas quis transmitir uma proposta de paz. Dirigiu a sua mensagem *Pacem in terris* a todo o mundo católico, mas acrescentava: e a todas as pessoas de boa vontade. Agora, à vista da deterioração global do ambiente, quero dirigir-me a cada pessoa que habita neste planeta. [...]. Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum. (LS 3)

Especialmente na *Laudato Si'*, Francisco apela não só aos católicos, mas a toda a humanidade, para a necessidade de dar um salto evolutivo que signifique a superação de hábitos e até de uma cultura que nos colocam como agentes causadores dos problemas que afetam o ser humano e suas relações com o próximo, com as outras espécies e com o planeta. Conforme Altemeyer, Francisco representa uma Igreja que vai ao encontro do povo:

O total de 269 documentos percorrem um vasto universo religioso e político em 240 anos de história. Muito se interpretou dos sinais do tempo, mas só essa última carta assumiu uma nova perspectiva. De uma Igreja acuada e presa [...] vive-se a irrupção do evento Concílio Vaticano II tal qual primavera eclesial e doutrinária. Francisco é filho desse momento histórico e apresenta uma encíclica plena de vigor, de esperança e em diálogo com povos, religiões e instituições. Essa encíclica do papa Francisco é um portal dialógico inspirado em uma Igreja em saída que pretende um discurso plenamente católico, ou seja, universal. É a busca humilde da verdade, do bem e da beleza. (2016, p.51-52)

A perspectiva de relacionar o tema compaixão com o Papa Francisco e sua encíclica, se revelou uma forma de abordar a categoria frente a questões atuais e também de interagir junto com Francisco e com outros que se sensibilizam com essas questões.

Nesse trabalho procurou-se distribuir o tema a ser tratado, obedecendo uma lógica estruturada em cada capítulo, de forma a favorecer a exposição dos objetivos esperados.

No *primeiro capítulo* buscamos caracterizar a categoria a partir da análise essencial dos elementos elencados na encíclica, investigou-se como eles se relacionam com a categoria e como são interdependentes entre si.

A compaixão ainda que vivida sob diferentes doutrinas e tradições, parece refletir o mesmo estado de espírito e a mesma disposição, tornando-a universal. Em nosso trabalho, tivemos que nos limitar a um recorte, mas conscientes da relevância com que a categoria se faz presente na história de outras religiões, tradições e na riqueza da abordagem com que outros autores trataram o tema.

No *segundo capítulo* intencionou-se traçar um perfil da pessoa do Papa Francisco, o que impulsiona o seu apelo por uma convivência harmônica e como esse apelo vem sendo direcionado a toda a humanidade, inclusive, num sentido mais amplo, envolvendo não só a convivência entre humanos, mas também a convivência dos humanos com as outras espécies e com o planeta.

Analisamos a sua trajetória a fim de tentar compreender as suas motivações, preocupações e inquietações. Não só por se tratar da figura do Papa da Igreja Católica, mas também por sua extraordinária personalidade e atuação, encontrou-se uma rica bibliografia nesse sentido.

No *terceiro capítulo*, explora-se três grandes significados da categoria presentes na encíclica e nesse contexto, analisando de que forma eles se apresentam no texto e como eles se relacionam entre si.

Também, entende-se que a *casa comum* se apresenta como símbolo da compaixão, sendo assim, procurou-se evidenciar a relação existente entre a compaixão, o planeta Terra e a *casa comum*.

O *enfoque metodológico* usado para compor esse estudo, partiu de pesquisa bibliográfica e documental, privilegiando os documentos pontifícios do Papa Francisco, como por exemplo, cartas apostólicas, cartas encíclicas e exortações, mas também utilizamos alguns documentos pontifícios de seus antecessores. Para ajudar na composição desse trabalho, recorreremos a autores que representassem o estado da arte sobre o que estava sendo pesquisado.

Importantes estudos sobre Francisco e sobre a *Laudato Si'* foram desenvolvidos, e nesta pesquisa utilizamos desses trabalhos. Especialmente nos estudos de João Décio Passos, encontrou-se um modelo de discussão sobre a encíclica, que mais se aproximou

da nossa intenção de colocar a categoria compaixão em um contexto social global, utilizando-a como *chave de leitura*.

Passos se revela não só um estudioso da igreja e das sociedades, mas também um estudioso de Francisco, representando um valioso *referencial* para as discussões e reflexões desenvolvidas nesse trabalho. Em suas obras encontramos os potenciais epistemológicos de documentos da igreja, de forma a atuar como um facilitador ao confrontar esse *referencial teórico* com o *objeto de pesquisa*.

A intenção foi criar um canal que simplificasse o entendimento dessa chave de leitura, pois, ao mesmo tempo em que pretendemos fragmentar a categoria compaixão em seus elementos e significados, também pretendemos reconstruir a sua essência, especialmente no tocante ao pensamento de Francisco, e nesse sentido, conforme Passos:

A busca de compreensão e de diálogo com o mundo presente se torna um caminho regular para as abordagens do Magistério no tocante ao mundo contemporâneo. [...] Os textos do papa Francisco se inserem na tradição conciliar, de modo particular na sua recepção a partir das igrejas latino-americanas, onde a consciência da realidade presente se mostra não somente como um desafio para a fé, mas também como um lugar desde o qual se busca discernir os desígnios de Deus, no confronto direto entre a palavra de Deus. Esse tem sido o método adotado por Francisco. (2016b, p.80)

Também tivemos como *referencial teórico*, os estudos de Emilce Cuda, com o intuito de tentar compreender o que influenciou e ainda influencia Francisco em suas motivações e preocupações. Cuda desvela o cenário teológico argentino e latino-americano, seguindo de perto os passos de Francisco.

Para tentar formar um quadro do que representa a Igreja e a teologia latino-americana, buscamos auxílio em autores como Jon Sobrino, Leonardo Boff, Gustavo Gutierrez, Hans Jonas. Para o estudo da categoria compaixão e os seus elementos, e também para ajudar a entender a dimensão e a força dos símbolos, nos utilizamos de autores como Erich Fromm, José Severino Croatto, Gilbert Durand, José Maria Mardones e Abrahan J. Heshel.

Na encíclica, os temas abordados e que configuram a situação de crise por que passa a humanidade e o planeta são retomados sucessivamente sob diferentes perspectivas. O mesmo transcorre em nossa abordagem, sendo assim, torna-se conveniente prevenir sobre o risco de se criar uma imagem de repetição de redação e teor,

o que não é o caso. O que ocorre é que um mesmo cenário é apresentado para encabeçar conceitos que vem logo a seguir, mas, sob ângulos distintos, e que no final do texto, esses conceitos se integram.

Esta pesquisadora é católica praticante e tenta viver uma fé consciente. Esse catolicismo foi herdado e durante muito tempo, desprezado, para não dizer, renegado, principalmente por não haver compreendido que todas as famílias passam por problemas e que não se descarta a família. As Igrejas, católicas ou não, também representam em um sentido macro, famílias que estão lutando para sobreviver frente a um mundo secularizado, desencantado e tecnológico.

O tema compaixão independe de religião, por não se tratar de algo adquirido através da religião. As religiões podem ajudar, mas não parecem ser determinantes. O Papa alerta para a prática de uma genuína compaixão, ao invés de uma compaixão mundana:

Porque sofrem as crianças? Precisamente quando o coração consegue pôr a si mesmo a pergunta e chorar, então podemos compreender qualquer coisa. Há uma compaixão mundana que para nada serve! Uma compaixão que, no máximo, nos leva a meter a mão na carteira e dar uma moeda. Se esta tivesse sido a compaixão de Cristo, teria passado, teria curado três ou quatro pessoas e teria regressado ao Pai. Somente quando Cristo chorou e foi capaz de chorar é que compreendeu os nossos dramas. [...]. Convido cada um de vós a perguntar-se: Aprendi eu a chorar? Quando vejo uma criança faminta, uma criança drogada pela estrada, uma criança sem casa, uma criança abandonada, uma criança abusada, uma criança usada como escrava pela sociedade?³

A situação de crianças que sofrem vítimas do abandono, maus tratos e abusos, choca, incomoda e revolve as entranhas, não só de Francisco. Especialistas da ONU vêm alertando sobre isso. Em 2015 eram 150 milhões⁴, de lá para cá, esse número vem crescendo principalmente em decorrência de guerras e conflitos. O Papa também faz referência a uma falsa compaixão:

³ Papa Francisco. Encontro com os jovens. Discurso do Santo Padre. *Universidade de São Tomás, Manila. Domingo, 18 de Janeiro de 2015*. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150118_srilanka-filippine-incontro-giovani.html>. Acesso em: 01/07/2017.

⁴ ‘Abandonadas e descartadas: mais de 150 milhões de crianças vivem nas ruas’, alertam especialistas da ONU” disponível em: <<https://nacoesunidas.org/abandonadas-e-descartadas-mais-de-150-milhoes-de-criancas-vivem-nas-ruas-alertam-especialistas-da-onu/>>. Acesso em: 09/09/2017.

O pensamento dominante propõe por vezes uma «falsa compaixão», que considera uma ajuda para a mulher favorecer o aborto, um acto de dignidade proporcionar a eutanásia, uma conquista científica «produzir» um filho considerado um direito em vez de o acolher como dom; ou usar vidas humanas como cobaias de laboratório presumivelmente para salvar outras. Ao contrário, a compaixão evangélica é aquela que acompanha no momento da necessidade, ou seja, do Bom Samaritano, que «vê», «tem compaixão», se aproxima e oferece ajuda concreta (cf. *Lc* 10, 33). A vossa missão de médicos põe-vos diariamente em contacto com tantas formas de sofrimento: encorajo-vos a ocupar-vos delas como «bons samaritanos», cuidando de modo especial dos idosos, dos enfermos e dos deficientes. [...] E a muitas consequências sociais a que leva esta fidelidade. Estamos a viver num tempo de experimentos com a vida. Mas um experimento mau. Fazer filhos em vez de os acolher como dom, como eu disse. Brincar com a vida. Estai atentos, porque isto é um pecado contra o Criador: contra Deus Criador, que criou as coisas deste modo.⁵

É importante dizer que, durante as pesquisas uma certeza crescia, para sedimentar esse trabalho, não precisaríamos relativizar a compaixão a fim de não imprimir juízo de valor e manter a subjetividade. Esse não seria um caminho viável e se fizéssemos isso, estaríamos ignorando a realidade dos fatos e cedendo ao medo de arriscar o empreendimento de um trabalho acadêmico.

Ao invés disso, procuramos contextualizar analisando pormenorizadamente o tema, o objeto de estudo, estabelecendo comparativos e buscando as origens e as fontes. Esse trabalho não tem a pretensão de abarcar a complexidade do tema, mas intenciona contribuir para a ciência nas discussões e reflexões que pedem continuidade.

Não se pode relativizar o sofrimento nem a exigência de compaixão. Não se pode ofender o ser humano justificando a barbárie: "Eles são infiéis", por um lado. "Nós somos os melhores, os mais poderosos", por outro. Sofrimento e compaixão relativizam - colocam no seu lugar - qualquer outra coisa que se faça passar por última: igrejas e religiões, mas também - tão esquecido - socializamos antes, democracias ocidentais agora. A grande pergunta é: As vítimas sofrem e reclamam ou não? O sofrimento dói e reclama ou não? A compaixão fascina e interpela ou não? Nesse ponto, dividem-se os espíritos e decide-se o futuro da família humana. (SOBRINO, 2007, p.156)

⁵ DISCURSO DO PAPA FRANCISCO. AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS CATÓLICOS ITALIANOS. Sala Paulo VI. Sábado, 15 de Novembro de 2014.

Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141115_medici-cattolici-italiani.html>. Acesso em: 22/09/2017.

CAPÍTULO PRIMEIRO

UM ESTUDO DA CATEGORIA COMPAIXÃO

Introdução

Neste capítulo, procuramos nos aprofundar no estudo da categoria compaixão, relacionamos elementos que entendemos pertencer a essa categoria de forma a descrevê-la e inserimos no texto alguns exemplos de pessoas que expressaram com suas vidas o significado da compaixão.

Um comportamento compassivo não precisa de um código de ética, ou de uma lista de procedimentos que se enquadrem na sua descrição. Desenvolver a compaixão não implica uma relação com ter ou não uma educação construída nos melhores moldes, mas, parece estar mais relacionado ao desenvolvimento de uma sensibilidade, não fazendo referência a uma intuição, mas um sentir profundo, tanto de si mesmo quanto do outro e esse outro pode ser uma pessoa, um animal, uma árvore, qualquer ser com vida.

Esse sentir profundo seria quase como uma conexão externa, mas semelhante ao que ocorre no nosso organismo, o qual, em sua dinâmica, permite que diferentes órgãos se integrem, se ajudem e se defendam. Por apresentar elementos que na maioria das vezes estão presentes no dia a dia do ser humano, a compaixão se manifesta não como uma utopia, mas como uma realidade possível, capaz de conectar as pessoas.

Algumas religiões tratam do tema compaixão, seja em parábolas, homilias, reflexões, relacionando-a com Deus ou com outros seres supremos. Não tivemos a intenção de conceituar a compaixão através de uma perspectiva anagógica, mas, em nossos estudos sobre religião, percebeu-se que a compaixão parece estar associada a uma expressão do divino dentro da realidade humana e também como uma característica chave para se chegar a uma atitude natural, maior e melhor, capaz de proporcionar uma elevação espiritual ou uma paz interior.

Elencamos alguns elementos da compaixão presentes no texto da *Laudato Si'*: amor, compreensão, comunhão, conhecimento, cuidado, diálogo, doação, fé, generosidade, gratidão, gratuidade, liberdade, perdão, preocupação, respeito, responsabilidade, solidariedade, ternura e vontade.

A criação pertence à ordem do amor. O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação: «Tu amas tudo quanto existe e não detestas nada do que fizeste; pois, se odiasses alguma coisa, não a terias criado» (*Sab* 11, 24). Então cada criatura é objecto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo. Até a vida efémera do ser mais insignificante é objecto do seu amor e, naqueles poucos segundos de existência, Ele envolve-o com o seu carinho. Dizia São Basílio Magno que o Criador é também «a bondade sem cálculos»,^[44] e Dante Alighieri falava do «amor que move o sol e as outras estrelas».^[45] Por isso, das obras criadas pode-se subir «à sua amorosa misericórdia».^[46] (*LS* 77)

Pode-se dizer, que o olhar compassivo se apresenta como um olhar cósmico, de grande energia, um olhar amoroso e generoso, que faz acionar a busca pela compreensão e o auxílio. Erick Fromm prodigaliza ao descrever o amor e sua relação com outros elementos, tornando-se assim, inevitável nos servirmos desse autor.

A coragem do desespero é o contrário da coragem do amor, assim como a fé no poder é o contrário da fé na vida. [...]. Amar significa entregar-se sem garantia, dar-se completamente na esperança de que nosso amor produzirá amor na pessoa amada. Amar é um ato de fé, e quem tiver mesquinha fé terá mesquinho amor. (1964, p.121-122)

Na história, temos exemplos de pessoas tidas como iluminadas ou doadoras de si, que apresentaram a compaixão como a sua maior

característica, capaz de vencer até mesmo a intimidação de doenças, guerras e cenários inóspitos, e permitindo que realizassem verdadeiros milagres de caridade. Essas pessoas se transformaram em grandes exemplos de virtudes, que comovem até hoje milhares de pessoas que tomam contato com a história de suas vidas.

Esse histórico de conduta induz a equiparar a compaixão como uma força, uma graça, algo que se relaciona com o divino. E essa força se revelasse como a chave ou a fonte da certeza, ou fé, que leva a admitir a concepção de um ser que constitui um fundo impreciso de admiração e mais ainda, de libertação. Essa graça, aumenta a percepção das realidades como elas realmente se apresentam. Conforme Passos:

A fé abre-se à realidade como o lugar onde Deus fala pela via negativa – na dor e no sofrimento dos pobres e nas dores do planeta – e pela via positiva: com seus sinais a serem percebidos e discernidos. A fé é sempre o pressuposto de onde se lê a realidade, a partir de onde se insere nela e com a qual se transcende a própria realidade na direção do Deus que chama a todos para a comunhão consigo. A realidade é, por sua vez, um lugar e um tempo que desafia a fé a ser interpretada e vivenciada de modo concreto. (2016b, p.90)

Procuramos traçar um comparativo dessas expressões de compaixão, que apesar de apresentar diferenças de época, cultura, religião, ainda assim, se irmanam e se completam. A compaixão pode também representar o requisito chave, para uma interface entre as ciências, as religiões e o ser humano, trazendo compreensão e o sal tão vital a concretização da ilusão em realidade, o sal que transforma uma existência imprecisa, sem beleza, sem admiração e sem amor, em vida plena, o sal da terra.

Partindo da tentativa de ilustrar o paradoxal panorama da atualidade e como uma forma de reflexão acerca do comportamento humano, pode-se pressupor que a antítese da compaixão ou a máscara infernal da atualidade é composta pela tríade *indiferença, intolerância e isolamento*, ou talvez, seja uma visão pessimista da sociedade, sem dúvida, é discutível.

Também nos servimos das reflexões de Gutierrez ao abordar em nossas pesquisas a teologia da retribuição⁶. Essa doutrina parece servir para justificar injustiças, desigualdades e até eximir da consciência obrigações e caridade.

Certas tendências dentro do mundo cristão deram nova vida, ao longo da história, a esta concepção ética que vê na riqueza um prêmio de Deus ao homem honesto e trabalhador, e na pobreza um castigo ao pecador e ao ocioso. Por outro lado, sabe-se que, historicamente, a ideologia do sistema capitalista se serviu deste esquema doutrinal, primeiro abertamente, e no presente sob formas mais sutis, para justificar-se religiosamente. (1987, p.53-54)

1. Origem, estrutura e definição

Em nossos estudos encontramos um maior número de definições referente a palavra misericórdia em detrimento da palavra compaixão. Nos dicionários bíblicos e teológicos consultados, a palavra compaixão nem chega a ser abordada. Em relação a essa dificuldade, encontramos a seguinte consideração por Moriconi:

Se todavia, se procura o tema da compaixão num *Dicionário de Teologia Bíblica* ou de *Espiritualidade*, geralmente se orienta para outros verbetes. Ainda que pareça surpreendente, o tema da compaixão ainda não foi assumido como um tema em si mesmo. [...] Embora tenha afinidade com os sentimentos de piedade e de ternura, a compaixão é, portanto, um conceito “original”[...]. (1999, p.174)

O ser, que conhecendo as deficiências do outro e se reconhecendo como aquele que possui a capacidade de agir no sentido de transformar para melhor a vida do outro, não se detém frente aos empecilhos, obstáculos e até mesmo uma ética.

Assim se deu na parábola do Bom Samaritano (Lc 10:30-37), na qual nem o sacerdote e nem o levita foram capazes de tocar o ferido, superando com isso a ética judaica que se prendia a estritas observações de purificação,

⁶ Na teologia da retribuição encontramos um sistema de recompensa versus punição, aplicado como pagamento pelas nossas ações. Essa teologia se mostra preconceituosa e, para entendê-la, podemos nos utilizar de expressões populares, como por exemplo: *aqui se faz, aqui se paga, colhe-se o que planta*. “Numa religião interessada não se chega a um verdadeiro encontro com Deus, mas à construção de um ídolo. Quando mais tarde os amigos de Jó falam de recompensas pela atitude religiosa (por exemplo, 85-7; 11,13-19) já saberemos a que ater-nos. Crer ‘por nada’, ‘sem paga’, é o contrário de uma fé baseada na doutrina da retribuição. P.28-29” (GUTIERREZ, 1987, p.29)

mas o samaritano, olhou para o homem que havia sido espancado, tomando conhecimento de sua situação e agiu socorrendo o sofredor não por um seguimento da lei judaica, já que os samaritanos não seguiam essas leis, mas por algo que o revolveu em seu interior, a compaixão.

Na época de Jesus, os samaritanos não eram bem vistos, e se encontravam em uma situação marginal frente aos judeus.

Digamos, finalmente, que a “ultimidade” da misericórdia supõe a disponibilidade a ser chamado “samaritano”. Atualmente a palavra soa bem, exatamente porque Jesus chamou assim ao homem misericordioso; mas lembremo-nos de que naquele tempo soava muito mal, e exatamente por isso Jesus a usou, para enfatizar a supremacia da misericórdia sobre quaisquer concepções religiosas e para atacar os religiosos sem misericórdia. [...] A Igreja da misericórdia deve, portanto, estar disposta a perder a fama no mundo da antimisericórdia; deve estar disposta a ser “boa”, mesmo que por isso a chamem “samaritana”. (SOBRINO, 1994, p.43-44)

As palavras compaixão e misericórdia frequentemente se confundem, já que ambas possuem um significado próximo. Em nossos estudos, também encontramos a misericórdia como uma consequência da compaixão, refletida no gesto concreto de uma ação.

Jesus se compadece de todos aqueles que estão em necessidade. “Viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34; Mt 9,36); ao ver a viúva de Naim com seu filho morto, “se compadeceu dela” (Lc 7,13); “viu uma grande multidão e, tomado de compaixão, curou os seus doentes” (Mt 14,14); é dito que sentiu compaixão por um leproso (cf. Mc 1,41), por dois cegos (Mt 20,34), pelos que não tinham o que comer (cf. Mc 8,2; Mt 15,32). Esta compaixão brota das profundezas das entranhas de Jesus e não é só um aspecto de sua psicologia. A misericórdia se converte em critério de ação, mediação da vontade de Deus, pois Jesus age segundo os ditames dessa compaixão. Quando Jesus quer apresentar o homem que verdadeiramente cumpre a lei – o samaritano da parábola –, define-o como quem “teve compaixão” (Lc 10,33). (SOBRINO, 1994, p.196-197)

Conforme Moreira, a compaixão é um passo antes da misericórdia, ou seja, só consegue ser misericordioso quem for compassivo, portanto, toda a misericórdia vem da compaixão.

A compaixão (*esplangnísthè*) é a porta de entrada da casa da misericórdia (*éleos*). Só consegue ser misericordioso, ou seja, ser solidário e fraterno, quem se deixa contagiar pela compaixão. Só um compassivo pode ser misericordioso. Logo para ser discípulo de Jesus é preciso ter a coragem de olhar cara a cara o outro sofredor. [...] Porém, todo misericordioso é compassivo, mas nem todo compassivo é misericordioso, pois há pessoas que se comovem ao ver o outro sofrendo, mas não dão o passo adiante: fazer-se fiel ao clamor por misericórdia. (1996, p.44)

“Misericórdia significa reagir perante o sofrimento alheio, uma vez interiorizado em si mesmo, sem outro motivo para isso que sua existência. [...] A misericórdia é a reação, correta ante o mundo sofredor.” (SOBRINO, 1994, p.66-67) A misericórdia seria uma atitude de solidariedade frente ao sofrimento e uma resposta de fidelidade, provocada pela compaixão.

O tema hebraico “hese” traduzido para o grego por “eleos” que tem o mesmo sentido, designa a piedade e a relação que une dois seres e implica fidelidade. Fundamentalmente, a misericórdia é uma bondade consciente e até resposta a um dever de fidelidade. [...] Ela é um elemento indispensável para dar forma às relações mútuas entre os homens, num espírito do mais profundo respeito por aquilo que é humano [...] Uma das formas graves da violência é a falta de justiça nas relações e nas estruturas sociais. Somente a misericórdia realiza e complementa as exigências dessa justiça. (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p.1769)

Para Moriconi, “A verdadeira compaixão, de fato, implica sempre atos concretos, como nos ilustra bem a parábola do Bom Samaritano” (1999, p.175).

Conforme Schlesinger e Porto, a compaixão é um dos fundamentos da ética judaica e dentro do cristianismo a compaixão é melhor traduzida por gestos concretos que buscam erradicar os males da humanidade (1995). Encontramos definições da importância desse princípio em outras tradições, como por exemplo:

No pensamento budista uma das quatro virtudes “ilimitáveis” ou universais também descritas por Conze como as “emoções sociais”. Compaixão (*karunā*) acompanha bondade, isto é, consequente do cultivo da atitude de bondade; e na ordem budista ela antecede “simpática alegria”. No budismo Mahāyāna, compaixão tem a mesma importância que a sabedoria (*prajñā*); no Budismo Hinayāna, compaixão

subordina-se à sabedoria. No Mahâyâna o termo karunã denota especialmente a graça divina infinita para com os seres Budas e Bodhisattvas. (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p.628)

Conforme Abbagnano (1999) em sua definição de compaixão, trata-se de um participar do sofrimento alheio de uma forma diferente do sofrimento por que passa o comiserado, manifesta-se como uma emoção solidária a dor do sofredor. Nos estudos de Abbagnano, encontramos a definição de compaixão por diferentes filósofos:

Aristoteles definiu a compaixão como "a dor causada pela visão de algum mal destrutivo ou penoso que atinge alguém que não mereça e que pode vir a atingir-nos ou a alguém que nos seja caro" (*Ret.*, II, 8, 1385 b). Essa definição é repetida por Hobbes (*Leviath.*, I, 6), Descartes (*Pass. de l'âme*, III, § 185), e por Spinoza (*Et.*, III, 22 scol). Segundo Adam Smith, a compaixão é um caso típico da simpatia que constitui a estrutura de todos os sentimentos morais (*Theory of Moral Sentiments*, III, 1). (ABBAGNANO, 1999, p.155)

Segundo Gonzalo, etimologicamente a palavra compaixão apresenta dupla origem semântica:

Por um lado, procede do latim *cum-passio* e faria alusão ao ->sofrimento compartilhado com outrem. Ao mesmo tempo, o verbo latino *passio* procede do termo grego *pathos* que faz referência ao sentimento entendido como drama interior. Deste modo, *cum-passio* seria acompanhar o outro em seu drama interior. [...]. Parece claro, pois, que a compaixão põe o perigo de se ficar fechado em um -> sentimento passivo que não conduz a nada. Esta será a crítica histórica que se formulou a esse respeito. (2000, p.113)

Conforme Abbagnano, a compaixão para Schopenhauer "é a própria essência do amor e da solidariedade entre os homens, porque amor e solidariedade explicam-se somente a partir do caráter essencialmente doloroso da vida (*Die Welt*, I, §§ 66-67)." (1999, p.155).

Entende-se que a compaixão por ser um princípio, remete ao divino, principalmente por sua capacidade de não se limitar a uma fronteira, seja ela qual for, o medo, a distância, o tempo, a matéria. A compaixão simplesmente se manifesta, quase

como uma força centrípeta, unindo a multiplicidade e nesse sentido, Schopenhauer ao conceituar esse princípio, trabalhou a questão metafísica, vejamos:

A compaixão não é somente o fundamento da moral. Vê-se, ademais, investidas de uma função metafísica essencial. Na experiência da compaixão, experimento a unidade fundamental de todos os seres, até mesmo inanimados, essa verdade cuja fórmula foi dada pelos Upanishades com a “sublime palavra”: Tat twam asi, tu és isto, este outro é também tu mesmo, a individuação fenomênica não passa de ilusão. A compaixão abre, portanto, para a essência última das coisas, a unidade da coisa em si. Assim como a sexualidade constitui a “verdadeira sede” da vontade na medida em que esta se afirma, também a compaixão aparece como uma iniciação a essa vontade, na medida em que ela se encaminha para a sua própria negação. Logo a compaixão é mais metafísica que a sexualidade, que, certamente, enquanto experiência privilegiada de minha vontade, me permite atravessar a casca fenomênica e alcançar o núcleo de meu ser, mas não me livra do tormento do desejo e da diferença. Somente a compaixão me conduz a essência indivisa dos seres. (apud ROGER, 2013, p.19-20)⁷

Em contrapartida, há pensadores que vem a compaixão como algo negativo “Essa segunda tradição inicia-se com os estóicos (STOBEO, *Ecl.*, II, 6, 180) e passa por Spinoza. Este considera que ‘no homem que vive segundo a razão a Compaixão é, por si mesma, ruim e inútil’ [...] (*Et.*, IV, 50, corol. Scol.) ” (ABBAGNANO, 1999, p.155).

Essa visão negativa da compaixão, encontra sua máxima expressão em Nietzsche, ao se referir a compaixão com profundo desprezo, quase considerando-a um verdadeiro castigo.

Deveríamos, sem dúvida, *manifestar* compaixão, mas guardarmo-nos de tê-la: pois, sendo os infelizes tão *tolos*, demonstrar compaixão é para eles o maior bem do mundo. – Talvez possamos alertar mais ainda contra a compaixão, se entendermos tal necessidade dos infelizes não exatamente como tolice e deficiência intelectual, como uma espécie de perturbação mental que a infelicidade ocasiona [...] O infeliz obtém uma espécie de prazer com o sentimento de superioridade que a demonstração de compaixão lhe traz à consciência; sua imaginação se exalta, ele é ainda importante o suficiente para causar dores ao mundo.

⁷ *Upanishades/Upanisads/Upanishads* são ensinamentos espirituais. No Hinduísmo, “Importância especial tiveram os Upanishads, que até hoje são os textos hinduístas mais lidos. Foram escritos sob a forma de conversas entre mestre e discípulo, e introduzem a noção de Brahman, a força espiritual essencial em que se baseia todo o universo.” (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p.41.)

De modo que a sede de compaixão é uma sede gozo de si mesmo, e isso à custa do próximo; (2005, p.51)

Em seu intuito de negatizar a compaixão, Nietzsche reiteradamente abordava o tema, tecendo as mais variadas considerações sobre a mesma e radicalizando, quase que num tom cômico. Isso fica patente através de seu personagem Zarathustra:

Ah, onde no mundo se cometem maiores loucuras do que entre os compassivos? E há no mundo maior causa de sofrimento que as loucuras dos compassivos? Infelizes todos os que amam se não têm uma altivez que paire acima da sua compaixão. Assim me falou um dia o diabo: “Deus também tem o seu inferno: é o seu amor pelos homens”. [...] E recentemente eu lhe ouvi dizer esta frase: “Deus morreu; matou-o a sua compaixão pelos homens”. Guardai-vos contra a compaixão; é desse lado que uma nuvem negra ameaça ainda o homem. Na verdade, ouço já os sinais da tempestade. (2014, p.125-126)

Entendemos que a compaixão parece estar presente em todo ser, mesmo que ínfima, podendo vir a se desenvolver, e trazer paz e felicidade para o compadecido e para o beneficiado pela misericórdia, já que provavelmente terá o seu coração aquecido pelo calor da emoção gerada, como consequência da ação efetiva. Segundo Boff: “podemos dizer que o ser humano é essencialmente um ser-de-compaixão.” (2009, p.14).

A compaixão se apresenta como um desencadeador de virtudes humanas com características divinas. “A exigência fundamental para o ser humano e, especificamente, para o povo de Deus é que refaçam essa sua misericórdia para com os outros e, desse modo, se façam semelhantes a Deus.” (SOBRINO, 1994, p.33). Conforme Boff:

Categoria com-paixão como um dos valores fundamentais [...] nos dão conta da ancestralidade do tema da com-paixão em todos os povos, culturas e tempos. É a mais humana de todas as virtudes humanas. Tomás de Aquino a considera a mais elevada de todas, porque não somente abre a pessoa para a outra, mas porque a abre também para a mais fraca e mais necessitada de ajuda. Neste sentido, constitui uma característica essencial da divindade. (2009, p.13)

Tomás de Aquino em sua Suma Teológica (Questão XXVIII – Artigo III) trata da compaixão. Em suas considerações, discorda de Agostinho quando este alega que é maior a tristeza quando muitos estão simultaneamente tristes, e com isso a tristeza do amigo que

se compadece só aumenta a tristeza do que sofre do mal próprio. (1980, p. 1312-1313).

Tomás de Aquino pensa o contrário, e apresenta uma solução:

Naturalmente, o amigo que se compadece de nós, nas tristezas, é consolatório ; e disso dá o Filósofo dupla razão. A primeira é que, sendo próprio da tristeza agravar, ela como implica um certo pêso, do qual procuramos nos aliviar quando estamos agravados. Por isso, quando vemos outros tristes por causa da nossa tristeza, como imaginamos carregam conosco a nossa carga, como se esforçando por nos aliviarem dela ; e assim se torna mais leve o pêso da tristeza, como se dá quando transportamos pesos materiais. – A segunda razão e melhor é que, quando os amigos se contristam conosco, sentimos sermos amados dêles, o que é deleitável, como já dissemos. Como tôda deleitação mitiga a tristeza, conforme também já foi dito, resulta que o amigo compadecido nos mitiga a tristeza. (1980, p. 1312-1313)

Francisco ao falar sobre a compaixão, enfatiza que não se trata de um sentimento de piedade, mas um entrar no sofrimento alheio, tomando parte desse sofrimento. A compaixão levada a cabo, coloca o sofrimento do outro acima dos próprios interesses, superando qualquer forma de egoísmo e seguindo a lógica da partilha:

Mas prestemos atenção: compaixão — aquilo que Jesus sente — não é simplesmente sentir piedade; é algo mais! Significa com-padecer-se, ou seja, identificar-se com o sofrimento alheio, a ponto de o carregar sobre si. Assim é Jesus: sofre juntamente com cada um de nós, padece por nós. E o sinal desta compaixão são as numerosas curas por Ele levadas a cabo. Jesus ensina-nos a antepor as necessidades dos pobres às nossas. Por mais legítimas que sejam, as nossas exigências nunca serão tão urgentes como as carências dos pobres, que não dispõem do necessário para viver. [...] Mas Jesus raciocina em conformidade com a lógica de Deus, que é a da partilha. Quantas vezes nos voltamos para o outro lado, para não ver os irmãos necessitados! [...] E isto não é de Jesus: isto é egoísmo. [...] Ao contrário, aqueles poucos pães e peixes, compartilhados e abençoados por Deus, foram suficientes para todos. Mas atenção! Não se trata de uma magia, mas de um «sinal»: um sinal que nos convida a ter fé em Deus, Pai providente, que não nos faz faltar o «pão nosso de cada dia», se nós soubermos compartilhá-lo como irmãos. [...] Na Eucaristia, Jesus não oferece um pão, mas o pão de vida eterna, doa-se a Si mesmo, oferecendo-se ao Pai por amor a nós. [...] Quem se aproxima da Eucaristia sem ter compaixão pelos necessitados e sem compartilhar, não se sente bem com Jesus.⁸

⁸ PAPA FRANCISCO. ANGELUS. Praça de São Pedro. Domingo, 3 de Agosto de 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140803.pdf>. Acesso em: 22/09/2017.

2. Elementos do princípio compaixão

Frente às misérias, o compadecido demonstra não querer ficar impassível, pois tem a consciência de que a sua atitude faz parte da solução, reconhecendo e compreendendo primeiramente a si mesmo como ferramenta ou instrumento atuante no sentido transformador do sofrimento em bem-estar, da doença em saúde, da guerra em paz, da morte em vida e de tantas outras transformações necessárias a uma existência digna.

Entende-se que o elemento amor presente na compaixão, frente ao sofrimento do outro, provoca um querer olhar o outro sem preconceitos, juízos e medos. Esse olhar dirigido ao outro, leva ao envolvimento, principalmente ao querer participar junto ao sofredor, desse evento que lhe provoca sofrimento. Não há indiferença, desrespeito e fuga da responsabilidade de levar auxílio.

Esse olhar compassivo cheio de amor e generosidade é também um ato de fé e esperança, de que frente ao sofrimento, o bem sempre será vencedor, ainda que seja simplesmente pela beleza dispendida do próprio ato misericordioso.

É na prática do amor que o ser humano se vê confrontado com maior radicalidade com a pergunta pela verdade da fé. [...] os pobres, inocentes e privilegiados de Deus, são vítimas do anti-reino, os ídolos da morte parecem ter mais poder do que o Deus da vida. [...] Assim, em palavras de Gustavo Gutiérrez, a principal tarefa da teologia é como dizer aos pobres deste mundo que Deus os ama. [...] Na prática do amor, a realidade vai mostrando também que a esperança é coisa primigênia e responde ao que na realidade existe de promessa [...] É essa prática que, em último termo, torna existencialmente racional afirmar a verdade da fé. (SOBRINO, 1994, p.77-78)

Esse amor compassivo busca alimentar, proteger e sanar as causas do sofrimento, sem outras intenções que não seja, o de promover o bem-estar ao outro. Um amor capaz de enxergar detalhes fundamentais a serem contemplados em todo o processo por que passa o sofredor, que vão desde a compreensão das causas até a solução do sofrimento.

O olhar do compadecido, mostra-se consciente de que poderia ser ele no lugar do outro, ou então alguém de sua estima, e, portanto, sofre junto, mas não destruindo a si mesmo nesse processo, pois, se ama também e ama o outro, enxergando neste o seu próprio ser, já que para ele não existe o espaço, ou tempo, ou matéria responsável pela

separação, mesmo estando separado por um desses fatores. A compaixão parece superar as leis da física e da matemática.

O amor é uma força ativa no homem; uma força que irrompe pelas paredes que separam o homem de seus semelhantes, que o une aos outros; o amor leva-o a superar o sentimento de isolamento e de separação, permitindo-lhe, porém, ser ele mesmo, reter sua integridade. No amor, ocorre o paradoxo de que dois seres sejam um e, contudo, permaneçam dois. (FROMM, 1964, p.36)

O amor compassivo se apresenta provedor e generoso, compartilha o que tem e se alegra com a promoção do bem, essa alegria se reflete na disposição e disponibilidade do compadecido e também na generosidade com que promove o cuidado para com o sofredor, com gestos de responsabilidade e comprometimento, não entendendo essa responsabilidade como um peso, uma sobrecarga, mas como uma atitude natural, espontânea.

“Cuidar é mais que um ato; é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um *momento* de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro. “ (BOFF, 1999, p.33). Uma doação de quem gosta mais de dar, do que de receber, embora, saiba que receberá em satisfação e emoção.

O amor é uma atividade, e não um afeto passivo; é um “erguimento” e não uma “queda”. De modo mais geral, o caráter ativo do amor pode ser descrito afirmando-se que o amor, antes de tudo, consiste em dar, e não em receber. [...]. Dar implica fazer da outra pessoa também um doador e ambos compartilham da alegria de haver trazido algo à vida. No ato de dar, algo nasce, e ambas as pessoas envolvidas são gratas pela vida que para ambas nasceu. [...]. Além do elemento de dar, o caráter ativo do amor torna-se evidente no fato de implicar sempre certos elementos básicos comuns a todas as formas de amor. São eles: cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento. (FROMM, 1964, p.37-40)

Frente ao sofrimento de um sujeito de difícil trato, o amor compassivo mostra-se capaz de não se eximir de buscar soluções e de levar ajuda ao outro, indo de encontro ao que está escondido atrás da *casca*, ou seja, da superfície, que pode se apresentar como uma máscara.

O compassivo entende que ali se encontra um desafio a ser vencido pelo amor, na busca da compreensão para tanto *deserto humano*, não deixando de trabalhar para a transformação do outro e considerando esse outro como um presente do universo para promover a sua própria transformação.

De princípio, frente as desventuras alheias, ele interage se angustiado, sua impotência se aproxima da amargura, mas reage, de uma forma ou de outra, seja procurando meios de acabar com a desolação alheia, que para ele não é alheia, para ele é mais do que natural sofrer junto, não sendo isso um sacrifício, mas uma atitude inerente ao amor que o habita, e se assim não o fosse, não existiria esse amor.

O que leva ao sofrimento, é o que se pergunta o sujeito que deseja compreender e agir em prol do que sofre. Na presença da compaixão, a busca pela compreensão é despertada até mesmo em situações em que o sofrimento não é aparente, como por exemplo, em casos como rejeição, repulsas sofridas não por *pobres coitados*, mas por *pobres diabos*, ou seja, pessoas que em suas relações sociais são reportadas com características indesejáveis, tais como, prepotência, isolamento e indiferença. Essas pessoas também são rejeitadas e justamente por não apresentarem sinais de compaixão, e esse processo de rejeição acaba piorando o indivíduo em suas relações.

É fácil tentar compreender o sujeito bom que sofre, mas tentar compreender o sujeito mau em seu sofrimento, se revela um desafio à sensibilidade. A presença da compaixão se apresenta como um aspecto fundamental no desenvolvimento do esforço para tentar ajudar esse sujeito que é diferente, e que sofre, embora não seja visível, mas, para deduzirmos se esse sofrimento é real, é de se perguntar, se há alguém que se sente bem sendo rejeitado.

A Tentativa de se estabelecer um diálogo, ainda que esse diálogo se caracterize mais como um monólogo, no qual, só o *pobre diabo* se manifeste, pode ser válida, pois, semelhante a uma sessão de psicanálise ou uma confissão, esse diálogo pode auxiliar na libertação desse sujeito que pode ser um oprimido, até mesmo pelas suas ideias.

Respeitar uma pessoa não é possível sem conhecê-la; cuidado e responsabilidade seriam cegos se não fossem guiados pelo conhecimento. O conhecimento seria vazio se não fosse motivado pela preocupação. Há muitas camadas de conhecimento; o conhecimento que é um aspecto do amor é aquele que não fica na periferia, mas penetra até o âmago. Só é possível quando posso transcender a preocupação por mim mesmo e ver a outra pessoa em seus próprios termos. Posso saber, por exemplo, que uma pessoa está encolerizada,

ainda que ela não o mostre abertamente; mas posso conhece-la mais profundamente do que isso; sei então que ela está ansiosa e preocupada; que se sente só e culpada. Sei então que sua cólera é apenas a manifestação de algo mais profundo, e vejo-a como ansiosa e preocupada, isto é, como pessoa que sofre, em vez de como a que se encoleriza. (FROMM, 1964, p.42)

A compreensão compassiva pode ajudar nos casos de rejeição como uma mão dupla, atuando junto aos que são rejeitados, e aos que rejeitam. Não se tratando de concordar com o erro do agente causador da rejeição, mas de assumir uma postura de agente transformador, ao estender a mão em atitude de amizade, como um gesto generoso e fraterno, demonstrando com isso que uma atitude bondosa é melhor do que uma atitude hostil.

A compreensão é, a maior parte das vezes, um esforço para nos pormos no lugar de actores, para assim nos identificarmos com eles: é esse o motivo que leva o escritor Primo Levi a dizer que o nazismo << não pode ser compreendido, e não deve mesmo ser compreendido, na medida em que compreender é quase justificar>>. (CLÉMENT et alii, 1997, p.62)

Salvo exceções, como bem sinalizou o escritor Primo Levi⁹, o ato de compreender faz com que não enxerguemos somente os aspectos ruins dos quadros desoladores que se apresentam, e estimula a vontade de socorrer. Esse socorro é estendido até ao inimigo, já que a compreensão trabalha no sentido de eliminar o sentimento de inimizade. O ser que compreende pode ser inimigo, no pensamento do outro, mas o outro dificilmente é inimigo no pensamento de quem tem a compreensão.

Compreender, parece exigir um caminhar nas razões escondidas, apreciar a luz dentro do nevoeiro e não deixar escapar um detalhe, identificar o que quebra a harmonia e destoa, a fim de se formar uma abordagem não superficial, mas abrangente e profunda. Os excessos e distorções podem se constituir a superfície de um interior angustiado, amargurado e ansioso.

⁹ Primo Levi, 1919-1987, judeu italiano foi um dos poucos sobreviventes de Auschwitz, o campo de concentração onde milhões de prisioneiros, judeus como ele, foram assassinados pelos nazistas. Sobreviveu para regressar a Turim, sua cidade-natal, e escrever um dos mais extraordinários e comoventes testemunhos dos campos de extermínio nazista. Disponível em:

< <http://www.morasha.com.br/biografias/primo-levi.html>>. Acesso em: 30/06/2017.

Um ser compassivo demonstra conseguir fazer com que a compreensão supere ou caminhe acima das desconfianças e incertezas. A compreensão se mostra uma atitude fundamental e desencadeadora dos outros elementos presentes na compaixão. Com ela é possível o surgimento do respeito, da responsabilidade, da ternura, do afeto, da generosidade.

A liberdade nos permite atuar como seres responsáveis, e não como marionetes manipuladas por outros. E a responsabilidade com que atuamos frente a diferentes contextos, nos confere a liberdade tão necessária para a manutenção dessa responsabilidade. Esses dois elementos estão tão inter-relacionados, que conceber a ideia de um sem a existência do outro, é particularmente difícil. “Ser livre, efectivamente, é estar na condição de assumir o conjunto dos seus actos, ser responsável, é poder responder por estes, pelo facto precisamente desta liberdade que testemunham.” (CLÉMENT et alii, 1997, p.335)

O Ser humano responsável atua como ator coadjuvante e até como protagonista nesses cenários, que podem ser em um aspecto micro ou macro da nossa existência. A indiferença não faz parte desse ator, uma vez que ele quer fazer parte, estar engajado no propósito do bem-estar geral e não somente com o pequeno entorno de seu mundo, ele quer que esse entorno cresça.

Hoje em dia, muitas vezes se entende a responsabilidade como denotando dever, algo imposto de fora a alguém. A responsabilidade, porém, em seu verdadeiro sentido, é ato inteiramente voluntário; é a resposta que damos às necessidades, expressas ou não expressas, de outro ser humano. (FROMM, 1964, p.41)

O material, o espaço e o tempo não significam muros para que a responsabilidade se manifeste plenamente, aliás, a mentalidade responsável, parece querer conhecer o passado não somente para satisfazer a curiosidade, mas principalmente para ajudar a compreender o presente e assim poder tal qual um artista com sua obra, ajustar os detalhes, para que o futuro caminhe de forma admiravelmente bela.

Se conhece melhor a realidade quando se age sobre ela; se conhece melhor o que é o reino de Deus quando se procura construí-lo; se conhece melhor o que é o pecado quando se procura erradicá-lo. Dito de maneira bíblica: se conhece a Deus quando se pratica a justiça; se conhece quando se ama. Dito de forma técnica: se conhece a realidade

quando, além de levar em consideração a realidade (momento noético) e de carregar a realidade (momento ético), a pessoa se encarrega da realidade (momento prático). (SOBRINO, 1994, p.68)

Entendemos o ato de perdoar como uma consequência da compaixão ou uma das expressões de misericórdia. Elementos da compaixão entram em cena, trabalhando juntos para desencadear o perdão, tais como, compreensão, gratuidade, liberdade, amor, diálogo, generosidade, comunhão. Talvez por isso, o perdão represente uma das formas mais difíceis de praticar a compaixão.

Perdoar a quem nos ofende é um ato de amor para com o pecador, o qual se quer libertar do fracasso pessoal próprio e não fechar-lhe definitivamente o futuro; é uma forma difícil de amor, pois quem perdoa deve vencer seu instinto natural a devolver a ofensa; é um grande ato de amor, uma forma de amor ao inimigo. [...] O pecado destrói moralmente o pecador, mas também introduz inumeráveis males na realidade, no próprio pecador, no ofendido e na sociedade em geral. Estes males devem também ser enfrentados segundo a fé, e por isso se deve falar de sanar a realidade, em terminologia analógica, de “perdoar” a realidade. [...] O perdão da realidade tem sua própria estrutura e finalidade. Esta não é outra que erradicar o pecado da realidade. (SOBRINO, 1994, p.97-101)

Os sofrimentos físicos ou não, marcam profundamente o interior psicológico do ser humano, quase como *feridas*, que por mais bem guardadas, as vezes *sangram*. Há os que transformam essas *feridas* em *calos resistentes* e até as utilizam como *escudo*. A vontade de perdoar incorre em tocar *feridas* que podem estar bem guardadas. A dificuldade em manifestar essa disposição ao perdão, faz com que a Igreja católica por exemplo, associe o ato de perdoar como sendo uma graça de Deus em virtude da fé.

A fé afirma também a possibilidade do perdão, que muitas vezes requer tempo, cansaço, paciência e empenho; um perdão possível quando se descobre que o bem é sempre mais originário e mais forte que o mal, que a palavra com que Deus afirma a nossa vida é mais profunda do que todas as nossas negações. Aliás, mesmo dum ponto de vista simplesmente antropológico, a unidade é superior ao conflito; devemos preocupar-nos também com o conflito, mas vivendo-o de tal modo que nos leve a resolvê-lo, a superá-lo, como elo duma cadeia, num avanço para a unidade. (LF 54)

Uma pessoa com um olhar compassivo é capaz de procurar razões para compreender o agressor, e gratuitamente perdoa-lo, pode não esquecer a agressão, mas não alimentará mágoas e ressentimentos. Por vezes, pergunta a si próprio, se perdoou realmente ou se existe como medir o tamanho do perdão. Nesse caso, a vontade de querer perdoar já significa um bom começo, e quando esses questionamentos acontecem, pode-se dizer, que é a presença da compaixão crescendo em força e quebrando *algemas invisíveis*. Podemos dizer que quem perdoa liberta e se sente libertado.

Perdoar é libertar, amar os oprimidos por uma realidade pecaminosa e, por isso, libertá-la; amar os opressores e, por isso, estar dispostos a acolhe-los e a destruí-los enquanto opressores. Mas perdoam os libertados de si mesmos, os que experimentaram graça e perdão dos irmãos e de Deus. Libertar a outros exige homens libertados, e os homens libertados de si mesmos são os que melhor podem libertar outros. O perdão, enquanto amor eficaz e gratuito, expressa essa espiritualidade. (SOBRINO, 1994, p.110)

A compaixão desperta a responsabilidade no julgar e no agir, pois provoca uma compreensão do que está por trás e no que está por vir das atitudes. Como o ser humano não vive solitário numa ilha, mas interage com outros, podemos dizer que as nossas vidas estão entrelaçadas e que as minhas atitudes vão gerar reflexos em outros indivíduos.

Os problemas da humanidade quando tratados de forma artificial, incorrem no perigo de mudar a imagem do ser humano, para a imagem de uma máquina, eliminando a possibilidade do crescer em dignidade e eliminando também a sua liberdade de escolha e de ação, na superação de problemas através da compreensão e de forma natural e nesse sentido, encontramos eco nas palavras de Jonas:

No entrelaçamento indissolúvel dos assuntos humanos, bem como de todas as coisas, não se pode evitar que o meu agir afete o destino de outros; logo, arriscar aquilo que é meu significa sempre arriscar também algo que pertence a outro e sobre o qual, a rigor, não tenho nenhum direito. [...] Mesmo para salvar sua nação fica proibido ao estadista utilizar qualquer meio que possa aniquilar a humanidade. Mas, agora, entre as possíveis obras da tecnologia, há algumas que, por seus efeitos cumulativos, têm precisamente essa abrangência e penetração globais, ou seja, tem o poder de pôr em perigo quer a existência inteira ou a essência inteira dos homens no futuro. (2006, p.84-86)

Ao estudar elementos da compaixão, conclui-se que um está presente no outro não se explicando sozinhos, mas em conjunto. Esse entrelaçamento permite estabelecer em cada elemento, um caráter de complementação, em relação aos outros elementos. Fromm em sua explanação sobre respeito, elenca outros elementos até chegar na liberdade como sendo fundamental para a harmonização de todos os outros elementos.

A responsabilidade poderia facilmente corromper-se em dominação e possessividade se não houvesse um terceiro elemento do amor, o respeito. Respeito não é medo e temor; denota, de acordo com a raiz da palavra (*respicere* = olhar para), a capacidade de ver uma pessoa tal como é, ter conhecimento de sua individualidade singular. [...]. É claro que o respeito só é possível se eu mesmo alcancei a independência; se puder levantar-me e caminhar sem precisar de muletas, sem ter de dominar e explorar qualquer outro. O respeito só existe na base da liberdade [...] o amor é filho da liberdade, nunca da dominação. (1964, p.41-42)

Não vivendo isolados numa ilha, mas em interação na comunidade ou na sociedade, podemos comparar o humano a uma casa de muitas pessoas, na qual, o outro sou eu e eu sou o outro, o outro está em mim e eu estou no outro, eu sinto o outro e o outro me sente. Essa casa de muitas pessoas é uma *casa comum*.

A compaixão demonstra essa relação, pois, se sofremos com o sofrimento do outro é também porque somos, estamos e sentimos o outro, há algo no outro que me pertence e algo em mim que pertence ao outro, daí o sofrimento que sentimos com o sofrimento do outro.

A ideia expressa na Bíblia “ama teu próximo como a ti mesmo” implica que o respeito pela própria integridade e singularidade de alguém, o amor e a compreensão de seu próprio ser, não se podem separar do respeito, do amor e da compreensão para com outro indivíduo. O amor por seu próprio ser liga-se inseparavelmente ao amor por qualquer outro ser. (FROMM, 1964, p.66)

Não nascemos do nada, mas sim, da união entre duas pessoas. Ainda que haja reprodução *in vitro*, para que haja essa reprodução é indispensável a união de matéria reprodutiva de duas pessoas. Portanto, nascemos da comunhão de seres. Quando ainda nos encontramos no ventre materno, nos alimentamos desse ser que nos carrega, mas não só, também nos alimentamos do alimento que esse ser ingeriu e que vem de outros seres.

Queremos dizer com isso, que uma diversidade de seres, nos dão a vida. O compadecido sofre com o que sofre, seja esse inocente ou culpado pelo próprio sofrimento, e isso também é comunhão que supera o julgamento.

A experiência da separação desperta a ansiedade; é, de fato, a fonte de toda a ansiedade. Ser separado significa ser cortado, sem qualquer capacidade de usar os poderes humanos. Eis por que ser separado é o mesmo que ser desamparado, incapaz de apreender o mundo, as coisas e as pessoas, de modo ativo; significa que o mundo nos pode invadir sem que tenhamos condições para reagir. Assim, a separação é a fonte de intensa ansiedade. Além disso, ela dá origem à vergonha e ao sentimento de culpa. Esta experiência de culpa e vergonha na separação está expressa na história Bíblica de Adão e Eva. (FROMM, 1964, p.26)

Aqui, é preciso ressaltar que, a abordagem da categoria compaixão a partir de seus elementos, acontece também, em virtude do alcance que essa categoria apresenta. Essa concepção de um princípio que se faz projetar através da interligação de seus elementos, é melhor compreendida nas palavras de Francisco:

As criaturas deste mundo não podem ser consideradas um bem sem dono: «Todas são tuas, ó Senhor, que amas a vida» (*Sab* 11, 26). Isto gera a convicção de que nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde. Quero lembrar que «Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que nos rodeia, que a desertificação do solo é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação».[67] (*LS* 89)

3. Expressões de compaixão

Encontramos na história de vida de dois religiosos, a expressão da compaixão como caminhos de compreensão, na busca do equilíbrio, do respeito, do amor e da paz entre tantas incertezas, desigualdades e violência.

Nessa direção viveu Josef de Veuster, mais conhecido como Padre Damião de Molokai, um sacerdote missionário belga, da Congregação dos Sagrados Corações¹⁰, que

¹⁰ Congregação dos Sagrados Corações é o nome atual, mas naquela época tinha o nome Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria e da Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento do Altar. "Têm no entanto um nome mais familiar, os Padres Picpus, derivado de uma rua de Paris onde se estabeleceu em 1805 o padre Coudrin. Os quatro estágios da vida de Cristo são a inspiração de seus objetivos. A educação

em 1873, decidiu viver entre os leprosos da Ilha de Molokai¹¹ no Havaí e se referia a ele mesmo como *Nós, os leprosos*, acabou contraindo a doença e morrendo em decorrência desta.

Travou uma luta consigo mesmo para vencer o medo do futuro que viria, caso decidisse por levar adiante, o projeto sombrio de doar a sua vida para os moradores de Molokai.

Violento conflito era o que sentia travado na alma, entre o desejo de dedicar-se absolutamente a esses mais inditosos de todos os homens, e a repugnância, o horror que o empolgavam ao pensar que teria de viver até à morte – pois que uma vez caído nesse inferno não mais sairia dele com vida – entre irmãos, cujo aspecto bastava para inspirar a mais arrepiante das sensações. Como Cristo, no jardim das Oliveiras, repetia: <<Meu Deus, afastai de mim êsse cálice!>> Mas logo, a exemplo ainda do Salvador, outra voz, saída do mais íntimo da alma, sobrelevava a primeira, acudia-lhe aos lábios: <<Meu Pai, seja feita a vossa vontade!>> (CROIDYS, "s.d.", p.166)

Vencendo todos os medos Damião foi viver exilado por sua vontade, tendo como companhia, oitocentos leprosos, homens, mulheres e crianças. Naquela época não existia a cura da lepra e os que manifestassem sinais da doença eram arrancados a força de suas famílias e comunidades, e exilados na ilha.

Dos seres humanos apenas conheceria monstros. <<Por toda a vida! Pela vida inteira!>> dizia-se a cada passo. Um sentimento vencia, porém, nele a repulsa, o asco, quando diante dos olhos via passar as imagens dos gafos¹²; era a caridade pelo próximo; manifestava-se pela ânsia de correr em auxílio dos semelhantes, em prestar-lhes socorro tanto moral como físico, em abrir livre caminho à bondade, virtude que

das crianças e a formação dos seminaristas são baseadas em Sua infância; Sua vida secreta é simbolizada por exercícios de adoração; Sua vida pública por pregações e trabalhos missionários; e Sua vida crucificada por sacrifícios e mortificações. ” (FARROW, 1940, p.41)

¹¹ “A lepra foi aí pela primeira vez observada em 1853. Dez anos depois propagára-se de modo tão alarmante, que as autoridades verificaram que teriam de tomar medidas para separar os doentes e combater a moléstia. Os primeiros esforços nesse sentido falharam lastimavelmente. [...] foi preciso comprar, na ilha de Molokai, um pedaço de terra, uma região peninsular cercada de mar por três lados e bastante isolada para satisfazer aos mais medrosos. Em 1866 foram para lá enviados, cento e quarenta leprosos, não como doentes, mas como *colonos*! [...] Mais leprosos, junto com alguns elementos indesejáveis, eram desembarcados em Molokai, o resultado sendo uma comunidade que quase desafia a descrição. Esses homens, já condenados à morte, eram exilados para morrer em lugares e condições que amargamente ressentiam. [...] As provisões esgotavam-se logo. Os mais fortes roubavam os fracos. A agonia dos moribundos tornava-se mais dolorosa devido aos horrores da fome e da falta de abrigo. ” (FARROW, 1940, p.114-115)

¹² Gafos – leprosos; Gafaria - hospital para leprosos; leprosário.

enobrecia todos os actos por êle praticados. Faria mais do que dedicar-se aos leprosos, sacrificaria a vida por eles. [...] De futuro, isolado até à morte, apenas o sofrimento o seguiria passo a passo. (CROIDYS, "s.d.", p.168)

Embora não fosse médico ou enfermeiro, Damião também exercia essas atividades na ilha, cuidando das feridas e úlceras dos leprosos e até mesmo fazendo cirurgias de amputações.

É importante descrever o cenário daquela ilha e a realidade do que consistia a vida daquele homem em meio aos leprosos, pois só assim, podemos compreender a dimensão da entrega de Damião e o amor e a caridade que devotava para aqueles condenados.

Seria difícil encontrar em todo o mundo acervo de sêres humanos mais hediondos, mais grotescos mesmo nas deformações, mais alucinantes pelo aspecto de homens com cabeças leoninas, do que esses mortos-vivos. Um cheiro nauseabundo, que o missionário conhecia bem, mas que nessa gafaria centuplicava a ponto de tornar-se sufocante e de provocar vômitos, enchia o ar, devorava na atmosfera tudo quanto era salubre, como os crancos devoram as carnes. Essa turba lacrimosa, lamurienta, dir-se-ia ter estagnado anos na imundície e sânie. <<Meu Deus! O sacrifício será superior às minhas forças, impossível de suportar!>>, pensava Padre Damião, entanto que para todos distribuía sorrisos, ditos joviais, consolações, esperanças, promessas. (CROIDYS, "s.d.", p.176)

Superando toda espécie de obstáculo, o Padre Damião transformou a ilha em um lugar habitável, substituindo as choças¹³ que abrigavam os leprosos por casinhas com jardins que ele mesmo construía, também criou uma espécie de aqueduto que permitia trazer a água até os leprosos, pois até então, eram obrigados a se deslocarem por mais de um quilômetro para buscar a água.

Nas ilhas, ao serviço dos leprosos, desempenhou todas as funções que podia: médico, carpinteiro, pedreiro, cozinheiro, professor, etc. Muitos leprosos não tinham dedos e nem mãos, e deste modo o Pe. Damião até chegava a construir-lhes os ataúdes e a cavar-lhes os túmulos. [...] E tinha um grande carisma: não somente doava, mas doava com amor. As crianças eram os preferidos do Pe. Damião. Elas encontravam nele um pai e uma mãe que os amava. A sua casa estava sempre repleta de crianças leprosas que comiam com ele. Eram a sua verdadeira família. Pegava as crianças nos braços, inclusive quando as suas chagas se encontravam sem curativos. E dizia: «O corpo corrompe-se

¹³ Choça - cabana rústica feita com materiais leves como palha e ramos.

rapidamente; só a alma é importante». Fez sempre tudo para garantir às suas crianças um verdadeiro lar. O orfanato ocupará perenemente o centro das suas atenções.¹⁴

*Makua Kamiano*¹⁵, era assim que os leprosos o chamavam “Reputavam-se felizes pelo regresso do dirigente espiritual, do animador de todos os trabalhos, do consolador de todos os infortúnios. ” (CROIDYS, "s.d.", p.253) O escritor britânico Robert Louis Stevenson, empreendeu uma pesquisa sobre o Padre Damião, especialmente junto aos que não simpatizavam com ele:

E êle ria-se com o melhor bom-humor e apegava-se aos seus erros com a maior obstinação. Eis o que pude reunir de verdade sobre esse simples, nobre e humano irmão e pai nosso; suas imperfeições são os traços mesmos de seu rosto, pelos quais o reconhecemos como companheiro nosso; seu martírio e seu exemplo coisa alguma pôde diminuir ou anular; e a verdadeira grandeza dêsse martírio e dêsse exemplo só aqui no ambiente podem ser apreciadas. (apud FARROW, 1940, p.41)

Damião viveu a compaixão em toda a sua dimensão. Também encontramos essa expressão plena da compaixão em um dos mais conhecidos e respeitados mestres do budismo engajado, Thich Nhat Hanh, não só por suas meditações nos mosteiros, mas, sobretudo pela ajuda aos aldeões que sofriam com as devastações causadas pelos bombardeios na Guerra do Vietnã.

Quando a guerra chegou ao Vietnã, os monges e as freiras foram confrontados com a questão de se aderir à vida contemplativa e permanecer meditando nos mosteiros, ou para ajudar aqueles que a rodeiam sofrendo os bombardeios e as turbulências da guerra. Thich Nhat Hanh foi um daqueles que optaram por fazer os dois, e ao fazê-lo fundou o movimento do Budismo Engajado. [...] No Vietnã, no início da década de 1960, Thich Nhat Hanh fundou a Escola de Juventude e Serviço Social, uma organização de ajuda básica de 10 mil voluntários, baseada nos princípios budistas de não-violência e ação compassiva. (Tradução nossa)¹⁶

¹⁴ Cúria Romana. PONTIFICIUM OPUS A SANCTA INFANTIA. *DAMIÃO DE VEUSTER*. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/p_missionary_works/infantia/documents/rc_i_c_infantia_doc_20090324_boletin14p15_po.html>. Acesso em 11/09/2017.

¹⁵ *Makua Kamiano* – Pai Damião

¹⁶ “When war came to Vietnam, monks and nuns were confronted with the question of whether to adhere to the contemplative life and stay meditating in the monasteries, or to help those around them suffering under the bombings and turmoil of war. Thich Nhat Hanh was one of those who chose to do both, and in doing so founded the Engaged Buddhism movement. [...] In Vietnam in the early 1960s, Thich Nhat Hanh

Thây, como é conhecido o monge nascido no Vietnã, é também, ativista, professor, poeta e escritor, fundou comunidades, escolas, universidades, mosteiros e movimentos de valorização da vida consciente. “Quando vemos árvores, rochas, nuvens, céu, humanos e animais com olhos de amor, sabemos que a compreensão já está ali. Compreensão, amor e compaixão são um.” (HANH, 2006, p.217)

Thich Nhat Hanh surgiu pela primeira vez no cenário mundial na primavera de 1966, quando embarcou em uma viagem para promover a causa da paz no Vietnã. Os sentimentos sobre a guerra começaram a polarizar, mas a maioria das pessoas nos Estados Unidos na época apoiaram a guerra com base na ideologia da Guerra Fria e de uma oposição incessante à expansão comunista em qualquer lugar do mundo.[...] Enquanto viajava por este país, ele ficou chocado com a intensa hostilidade expressada pelos americanos nos dois lados da questão. Em um dos lugares onde ele falou, foi questionado [...] porque, se ele se importasse tanto com seu povo, se encontrava nos Estados Unidos e não no Vietnã. Ele respirou profundamente e respondeu que ele estava aqui porque era aí onde estavam as raízes da guerra. (KING, 2001, p.71, tradução nossa)¹⁷

O escritor e monge trapista Thomas Merton, que também era poeta, ativista, defensor da paz e do ecumenismo, ao conhecer Thây, logo se identificou com ele. Merton entendeu que aquele homem, apesar das diferenças religiosas e culturais, não era tão diferente assim dele, pelo contrário, entre eles havia laços de irmandade mais significativos do que ideais.

Nhat Hanh é um homem livre que atuou como um homem livre em favor de seus irmãos e se moveu pela dinâmica espiritual de uma tradição de compaixão religiosa. [...] Eu disse que Nhat Hanh é meu irmão, e é verdade. Nós somos ambos monges, e nós vivemos a vida monástica há um mesmo número de anos. Nós dois somos poetas,

founded the School of Youth and Social Service, a grass-roots relief organization of 10,000 volunteers based on the Buddhist principles of non-violence and compassionate action.”

Disponível em: <<https://plumvillage.org/about/thich-nhat-hanh/biography/>>. Acesso em: 17/09/2017.

¹⁷ “Thich Nhat Hanh first emerged on the world scene on the spring of 1966 when he embarked on a speaking tour to promote the cause of peace in Vietnam. Feelings about the war were beginning to polarize, but most people in the United States at that time supported the war based on the Cold War ideology of unremitting opposition to communist expansion anywhere in the world. [...] As he traveled around this country he was shocked by the intense hostility expressed by Americans on both sides of the issue. In one of the places where he spoke, he was asked [...] why, if he cared so much about his people, he was in the United States rather than Vietnam. He breathed deeply and replied that he was here because this was where the roots of the war were.”

ambos existencialistas. Eu tenho muito mais em comum com Nhat Hanh do que eu tenho com muitos americanos, e eu não hesito em dizer isso. É de vital importância que esses laços sejam admitidos. Eles são os laços de uma nova solidariedade e uma nova irmandade que está começando a ser evidente em todos os cinco continentes e que atravessa todas as linhas políticas, religiosas e culturais para unir homens e mulheres jovens em todos os países em algo mais concreto do que um ideal e mais vivo do que um programa. Essa unidade dos jovens é a única esperança do mundo. (apud KING, 2001, p.126, tradução nossa)¹⁸

É possível fazer uma analogia entre Francisco, Padre Damião e Thich Nhat Hanh, partindo da compreensão do que impulsiona as suas vidas e a compaixão parece ser esse fator vivificante, esse princípio que os impele em um mesmo sentido, fazendo com que o trabalho gratuito e generoso pelo bem comum e a força da fé se transformem em um sentido de vida.

Percebe-se que é mais difícil encontrar as diferenças culturais e religiosas existentes entre os três, sobrando apenas as diferenças de tempo e espaço. Francisco é defensor do ecumenismo, do diálogo inter-religioso, do ativismo cristão frente a uma sociedade secularizada e sobretudo se distingue por seus apelos de reconhecimento de irmandade, de necessidade de partilha para com os sofridos e marginalizados.

Na nossa sociedade, fortemente caracterizada pela secularização, encorajo-vos também a estar presentes no debate público, em todos os ambientes nos quais o homem está em questão, para tornar visíveis a misericórdia de Deus e a sua ternura por cada uma das criaturas. No mundo de hoje, à Igreja compete a tarefa de reiterar de maneira incansável estas palavras de Jesus: «Vinde a mim, vós todos, que estais cansados e oprimidos, e Eu aliviarei-vos» (Mt 11, 28). No entanto, interroguemo-nos: quem nos encontra, quantos encontram um cristão, sentem algo da bondade de Deus, da alegria de ter encontrado Jesus Cristo? [...] Hoje, mais do que nunca, sente-se a necessidade de progredir ao longo do caminho do ecumenismo, convidando a um diálogo autêntico que privilegie os elementos de verdade e de bondade, oferecendo respostas inspiradas pelo Evangelho. O Espírito Santo impele-nos a sair de nós mesmos para ir ao encontro dos outros! [...] Valorizai a generosidade dos fiéis para levar a luz e a compaixão de Cristo aos

¹⁸ "Nhat Hanh is a free man who has acted as a free man in favor of his brothers and moved by the spiritual dynamic of a tradition of religious compassion. [...] I have said Nhat Hanh is my brother, and it is true. We are both monks, and we have lived the monastic life about the same number of years. We are both poets, both existentialists. I have far more in common with Nhat Hanh than I have with many Americans, and I do not hesitate to say it. It is vitally important that such bonds be admitted. They are the bonds of a new solidarity and a new brotherhood which is beginning to be evident on all the five continents and which cuts across all political, religious and cultural lines to unite young men and women in every country in something that is more concrete than an ideal and more alive than a program. This unity of the young is the only hope of the world."

lugares onde o esperam e, de modo particular, às pessoas mais marginalizadas!¹⁹

Em seus discursos, Francisco ao falar da fé cristã, num Deus que se fez homem, foi crucificado e ressuscitou, também expressa que esse Deus não exclui, pelo contrário, é um Deus que permanece sempre com todos e em qualquer lugar debaixo de um mesmo céu.

Não se trará de um apelo a conversão, mas de renovação no diálogo, ele não parece estar focando em engrossar as fileiras de fiéis católicos, mas, que a humanidade se irmane por se reconhecerem semelhantes em laços de amor, respeito, compreensão, cuidado, entre outros.

O apelo que faz aos católicos é que procurem compreender o que significou o Cristo e que vivam a mensagem presente nesse Evangelho. Conforme Francisco, Deus não diferencia as suas criaturas humanas por raça, sexo, nacionalidade, religião ou posição social, entendemos que para ele, levar o testemunho de Jesus é colocar em prática a compaixão, ser misericordioso, deixar que a bondade supere todas as barreiras e assim testemunhar com a vida.

Este é o testemunho — oferecido não só com palavras mas também com a vida diária — o testemunho que todos os domingos deveria sair das nossas igrejas para entrar durante a semana nas casas, nos escritórios, na escola, nos lugares de encontro e de divertimento, nos hospitais, nas prisões, nas casas para idosos, nos locais cheios de imigrantes, nas periferias da cidade... Devemos oferecer este testemunho todas as semanas: Cristo está connosco; Jesus subiu ao céu, está connosco; Cristo é vivo! Jesus garantiu que neste anúncio e testemunho seremos «revestidos de poder que vem do alto» (v. 49), ou seja, com a força do Espírito Santo. Eis o segredo desta missão: a presença entre nós do Senhor ressuscitado, que com o dom do Espírito continua a abrir a nossa mente e o nosso coração, para anunciar o seu amor e a sua misericórdia também nos âmbitos mais refratários das nossas cidades. O Espírito Santo é o verdadeiro artífice do multiforme testemunho que a Igreja e cada batizado oferece no mundo.²⁰

¹⁹ Papa Francisco. *DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS BISPOS DOS PAÍSES BAIXOS EM VISITA «AD LIMINA APOSTOLORUM» Segunda-feira, 2 de Dezembro de 2013.*

Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/december/documents/papa-francesco_20131202_presuli-paesi-bassi.html>. Acesso em: 18/09/2017.

²⁰ Papa Francisco. *Regina Coeli*. Praça São Pedro. Domingo, 08 de maio de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_regina-coeli_20160508.html>. Acesso em: 05/04/2017.

Ao falar de um Deus que visita o seu povo, Francisco fala de um Deus que se faz presente através desse povo. As ações e o sentimento expressado por esse povo deixam entrever a presença de Deus entre eles. Um povo que tem capacidade de chorar pelo sofrimento, qualquer que seja ele. Chora junto com o outro, pois, se enxerga na pele do outro, e isso também é humildade.

«Deus visitou o seu povo» é uma expressão «que se repete na Escritura», [...] São palavras que têm «um sentido especial», diferente de expressões como «Deus falou ao seu povo» ou «Deus entregou os mandamentos ao seu povo», ou ainda «Deus enviou um profeta ao seu povo». [...] «há algo mais, uma novidade». [...] Portanto, quando Deus visita o seu povo, quer dizer que a sua presença está especialmente ali». [...] Por que usa exactamente esta expressão? Só porque Jesus — perguntou-se o Papa — «realizou um milagre?». [...] De facto, a questão fundamental é compreender «o modo como Deus visita». Ele visita «antes de tudo com a sua presença e proximidade». [...] A «proximidade é a modalidade de Deus». Outra expressão que se repete na Bíblia, observou o Pontífice, é «O Senhor foi tomado por uma grande compaixão». «Proximidade e compaixão: assim o Senhor visita o seu povo», afirmou Francisco. Escreve Lucas: «O morto sentou-se e começou a falar, e Jesus restituiu-o a sua mãe». Portanto, «quando Deus visita o seu povo, restitui também a esperança. Sempre!».²¹

Francisco, *Makua Kamiano* e Thây são semelhantes a tantas outras pessoas livres, que fizeram e fazem de suas vidas, obras de misericórdia. Francisco e Thây se dirigem a toda a humanidade e *Makua Kamiano* levou conforto para os leprosos hawainos cristãos e não cristãos. Mesmo com suas fraquezas, eles levaram e levam adiante aquilo que brota nas entranhas frente ao sofrimento, a compaixão.

Ao contrário da ética religiosa, na qual, cada religião tem a sua, a compaixão não é uma ética e não se diferencia, é algo que está presente dentro de cada um. Já a religião, esta pode auxiliar o indivíduo e fornecer subsídios que o ajudem em seus questionamentos, bem como promover a sociabilização, entre outras coisas.

Este diálogo é, em primeiro lugar, uma conversa sobre a vida humana ou simplesmente – como propõem os Bispos da Índia – «estar aberto a

²¹ PAPA FRANCISCO. MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHA. *Quando Deus visita. Terça-feira, 16 de Setembro de 2014. Disponível em:*

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco-cotidie_20140916.html>. Acesso em: 22/09/2017.

eles, compartilhando as suas alegrias e penas». Assim aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. [...] Um *são* pluralismo, que respeite verdadeiramente aqueles que pensam diferente e os valorizem como tais, não implica uma privatização das religiões, com a pretensão de as reduzir ao silêncio e à obscuridade da consciência de cada um ou à sua marginalização no recinto fechado das igrejas, sinagogas ou mesquitas. Tratar-se-ia, em definitivo, de uma nova forma de discriminação e autoritarismo. O respeito devido às minorias de agnósticos ou de não-crentes não se deve impor de maneira arbitrária que silencie as convicções de maiorias crentes ou ignore a riqueza das tradições religiosas. No fundo, isso fomentaria mais o ressentimento do que a tolerância e a paz. (EG 250, 255)

4. A relação da compaixão com a sua antítese e a justificação do sofrimento

Em pleno século XXI, a mulher ainda sofre todo tipo de violência, inclusive nas grandes cidades, onde encontramos maior disponibilidade de recursos e de informação. Parece não se tratar de falta de conhecimento, mas, talvez, de uma cultura arraigada de maus-tratos, uma cultura de inferiorização e do descartável.

Infelizmente essa situação ainda se encontra presente em todo o planeta, em alguns lugares mais, em outros menos, mas ainda se encontra. Sobrino alerta para a ausência de fraternidade em um mundo dominado pela pobreza-morte e situa a mulher dentro desse contexto:

E esta pobre-morte é o que mais divide o mundo e contrapõe empobrecedores e empobrecidos, violentadores e violentados, verdugos e vítimas. É, portanto, a anulação formal da fraternidade que leva à desumanização global do mundo. Esta pobreza-morte gera outros empobrecimentos de tipo cultural, psicológico, espiritual, e agrava os sofrimentos provenientes de outras raízes estruturais: raça, cultura, sexo, religião. [...] A mulher, enquanto pobre, é mais fácil e cruelmente vítima do masculinismo. Esta pobreza-morte, além disso, não é coisa passageira nem do passado; nem sequer é coisa decrescente, mas está aumentando. [...] Hoje há mais pobres do que ontem, e amanhã haverá mais pobres do que hoje. É esta pobreza-morte, globalizante e crescente, que em si mesma se torna interpelação – “irrompe” – para o ser humano. (1994, p.53)

Vivemos em uma sociedade que se revela opressora de muitas formas. Podemos considerar que a busca por trabalho e por condições dignas de vida se inserem nesse contexto. A concorrência no mercado de trabalho, transformou as entrevistas de emprego em sessões de *inquisição*.

Para determinados segmentos de trabalhadores, podemos dizer, que estes também padecem de uma grande contradição de valores, ou seja, até que ponto convêm se submeter ao sistema de exploração, na busca do que é *bom* ou simplesmente mudar o foco, para buscar só o que é realmente vital. O Papa aponta essa cultura do descartável como sendo uma *pedra de tropeço* para a humanidade:

Mas quando uma sociedade não tem memória, está perdida, perdida! É triste ver uma sociedade, um povo, uma cultura que perdeu a memória. [...] Para manter um equilíbrio como este, onde no centro da economia mundial não se encontram o homem e a mulher, mas sim o ídolo dinheiro, é necessário descartar certas coisas. Descartam-se as crianças [...] E descartam-se os idosos, com atitudes por detrás das quais existe uma eutanásia escondida, uma forma de eutanásia. Eles não são úteis, e o que não serve é descartado. Quem não produz é descartado. E hoje a crise é tão grande, que se descartam até os jovens: é suficiente pensar nos 75 milhões de jovens com menos de 25 anos, que são «nem-nem»: nem trabalho, nem estudo. Nada têm. E isto acontece hoje, nesta Europa cansada [...] A Europa está cansada. Devemos ajudá-la a rejuvenescer, a encontrar as suas raízes. É verdade: ela renegou as suas próprias raízes. É verdade! Mas temos o dever de a ajudar a encontrá-las de novo. É a partir dos pobres e dos idosos que se começa a mudar uma sociedade. Jesus diz de si mesmo: «A pedra rejeitada pelos construtores tornou-se a pedra angular» (Mt 21, 42)? Inclusive os pobres são, de certa maneira, «pedras angulares» destinadas à construção da sociedade.²²

No mundo corporativo, expressões do tipo *puxar o tapete*, ou *cortar cabeças*, são comuns. O trabalho operacional passa por um acelerado processo de automação, diminuindo mais ainda a oferta de emprego e marginalizando o trabalho humano, inclusive o da mão de obra qualificada.

Jovens sonham com realizações, estudam, pagam por esse estudo, e quando se formam, a pouca oferta de trabalho se apresenta como uma feroz concorrência. A dignidade desses cidadãos se vê ameaçada pela frustração, decepção e falta de sentido para continuarem as suas trajetórias de vida.

Por outro lado, há trabalhadores que já estão nessa difícil caminhada, que mais se assemelha a uma *escravidão*. Já com a sua saúde física e mental comprometida, não

²² PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO DURANTE A VISITA À COMUNIDADE DE SANTO EGÍDIO. *Basílica de Santa Maria em Trastevere. Domingo, 15 de Junho de 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papa-francesco_20140615_comunita-sant-egidio.html>.* Acesso em: 22/09/2017.

conseguem enxergar qual a finalidade dessa realidade e nem quando esta chegará ao fim, pois, a possibilidade de se aposentar se encontra cada vez mais distante, quase como encontrar um *tesouro no fim do arco-íris*.

Temos também os trabalhadores informais, que representam uma grande parcela de trabalhadores, e que, faça sol ou faça chuva, estão a ganhar a vida diariamente, sem registros e sem garantias.

Esses trabalhadores quando adoecem, não dispõem de recursos para cuidar deles e de seus familiares, esses familiares podem ser, mães idosas, filhos pequenos, parentes deficientes, pessoas que dependem dos seus ganhos.

O lado Sul do nosso planeta Terra é diretamente afetado por situações injustas e à Igreja latino-americana conhece bem essa realidade.

A Teologia do Povo considera que este povo específico, o povo pobre latino-americano, é sempre um trabalhador, mas não constitui a classe trabalhadora. Ele pode não trabalhar como operário ou como camponês, poderá não estar empregado, mas ele sempre será um trabalhador, mesmo que esteja subempregado ou desempregado. Em outras palavras, todo pobre é sempre um trabalhador porque, para comer e resistir na vida, em algo trabalha, ainda que seja de forma marginal ou precária em condições de emprego informal, mas, se ele come e sobrevive, ele trabalha. No entanto, esses povo pobre trabalhador da América Latina, para os teólogos do povo, não constituem uma classe social, a classe trabalhadora; (2016, p.76, tradução nossa)²³

Segundo Cuda, em tempos atuais, o egoísmo faz parte de uma cultura que privilegia esse tipo de comportamento, o qual é justificado como sendo sinônimo de defesa de interesses pessoais, e com isso legitima relações sociais, corporativas e governamentais calcadas na injustiça.

Em termos gerais, de acordo com o magistério episcopal latino-americano e o magistério pontifício de Francisco, pode-se dizer que a crise que ameaça o sistema mundial atual - social, político e ecológico - é uma crise cultural, constitutiva da própria política. Em outras palavras, a causa da crise deve ser vista nos fundamentos produzidos a

²³ “La Teología del Pueblo considera que este Pueblo concreto, el pueblo pobre latino-americano, siempre es trabajador pero no constituye la clase trabajadora. Podrá no trabajar como obrero ni como campesino, podrá no estar empleado, pero siempre será trabajador, aunque sea subempleado o desempleado. Dicho de otro modo, todo pobre es siempre un trabajador porque para comer y resistir en la vida en algo trabaja, ya sea de manera marginal o precarizada en condiciones de empleo informal, pero si come y sobrevive, trabaja. Sin embargo, ese pueblo-pobre-trabajador latino-americano, para los teólogos del pueblo, no constituye una clase social, la clase trabajadora;”

partir de uma cultura hegemônica egoísta, e não nas relações sociais de produção, pois essa seria o efeito daquela. Para a corrente teológica argentina e latino-americana de opção preferencial pelos pobres, em uma cultura extremamente individualista, o interesse particular é o fundamento cultural de uma economia capitalista sem limites morais. (2016, p.74, tradução nossa)²⁴

Podemos utilizar a situação dos refugiados em todo o mundo para ilustrar o processo decadente de generosidade em nossas sociedades. Guerras, doenças e *tragédias naturais*, tais como alterações climáticas, estão fazendo com que haja o deslocamento de milhões de pessoas de suas localidades de origem, em busca de segurança para darem continuidade as suas vidas.

A responsabilidade na decisão de aceitar ou não esses refugiados, não só por parte das autoridades, mas, também por parte da população, se constitui uma questão intrigante e que necessita de estudos específicos no sentido de tentar compreender o que identifica um ou outro ser humano merecedor de ser aceito em um país que não o seu.

É de se questionar, se temos o direito de dividir o mundo em dois grupos, o pequeno grupo dos *salvos* e o gigantesco grupo dos *condenados*, e também, quanto de transitividade, realmente existe entre esses dois grupos. Quantos laços têm sido cortados, quantas famílias estão sendo divididas e quanto ainda existe de solidariedade no mundo. “A divisão fundamental da humanidade está entre a vida e a morte, entre os que morrem pela opressão e os que vivem por causa dela.” (SOBRINO, 1994, p.236)

A atualidade se apresenta como um cenário composto por situações sui-generis e paradoxais, como por exemplo, o fenômeno da globalização em praticamente todos os setores, fenômeno viabilizado pelas novas tecnologias que propiciam respostas na velocidade da Internet. Pessoas em diferentes partes do mundo interagem com seus *Notebooks* e *Desktops*.

Essa tecnologia propiciou a criação de um mundo paralelo ao real, e o mundo real encontra-se cada vez mais dependente do mundo paralelo, uma vez que a Internet

²⁴ “En términos generales, de acuerdo com el magisterio episcopal latino-americano y el magisterio pontificio de Francisco, puede decir-se que la crisis que amenaza al actual sistema mundial – social, político y ecológico – es una crisis cultural, constitutiva de lo político mismo. Dicho de outro modo, la causa de la crisis debe verse en los fundamentos producidos a partir de una cultura hegemónica egoísta, antes que en las relaciones sociales de producción, ya que estas serían el efecto de aquella. Para la corriente teológica argentina y latino-americana de opción preferencial por los pobres, en una cultura en extremo individualista el interés particular es el fundamento cultural de una economía capitalista sin limites Morales.”

funciona como ferramenta na intermediação das relações no mundo real. Também um grande segmento da sociedade conhecido como internautas, vivem de forma virtual, ou seja, viajam, passeiam, namoram e se relacionam socialmente, sexualmente e até religiosamente via Internet.

A sociedade contemporânea, chamada sociedade do conhecimento e da comunicação, está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicação e solidão entre as pessoas. A Internet pode conectar-nos com milhões de pessoas sem precisarmos encontrar alguém. [...] A relação com a realidade concreta, com seus cheiros, cores, frios, calores, pesos, resistências e contradições é mediada pela imagem virtual que é somente imagem. [...] O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano. Essa anti-realidade afeta a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a compaixão. (BOFF, 1999, p.11)

Dentro desse mundo paralelo e camuflados virtualmente por um fosso chamado *Deep Web*²⁵ ou a parte oculta da internet, encontra-se um território, onde a religião *terror* caminha a passos largos, lado a lado, com anúncios de oferta e demanda para a execução de crimes como sequestros, pedofilia e assassinatos.

Para se ter uma ideia do tamanho do problema, a nossa conhecida Internet corresponderia a superfície visível de um *iceberg* e a *Deep Web*, o que está submerso. O inimaginável ocorre em termos de bizarrice e perversidade, um incontrolável território sem lei.

O mundo real também se apresenta contraditório, como por exemplo, no campo religioso vemos o fortalecimento e a expansão de religiões e o surgimento de inúmeras igrejas que postulam serem algo semelhante a *Santas Casas de Misericórdia Comunitária*, capacitadas para socorrer os desvalidos e necessitados.

Por outro lado, nos deparamos com atos de extrema intolerância religiosa, que resultam em violência e destruição, levando-nos ao questionamento da legitimidade de sua dignidade e de seu sentido, ou ainda, o questionamento da autenticidade religiosa desses mentores da intolerância. Entendemos, que esse segundo questionamento parece mais pertinente.

²⁵ “*Deep Web* é o nome dado para uma zona da internet que não pode ser detectada facilmente pelos tradicionais motores de busca, garantindo privacidade e anonimato para os seus navegantes. É formada por um conjunto de sites, fóruns e comunidades que costumam debater temas de caráter ilegal e imoral.” Disponível em: <<https://www.significados.com.br/deep-web/>>. Acesso em: 05/09/2017.

No campo da ciência, cientistas de todo o mundo manifestam reações de preocupação com o futuro da humanidade, alertando para as consequências dos avanços tecnológicos.

Os humanos já dispõem dos meios para destruir sua civilização com guerra nuclear: no novo século, eles estão adquirindo conhecimento biológico que poderia ser igualmente letal; nossa sociedade integrada se tornará mais vulnerável a ciberriscos, e pressão humana sobre o meio ambiente se acumula com perigo. As tensões entre os desdobramentos benéficos e os nocivos das novas descobertas e as ameaças impostas pelo poder prometeico que a ciência nos confere são de uma realidade perturbadora e cada vez mais gritante. (REES, 2005, p.19-20)

A tecnologia trouxe muita comodidade, praticidade e longevidade e todas essas descobertas e invenções, também caminham lado a lado com um consumismo exacerbado. Não parece equivocado deduzir que o ser humano procura no consumo o preenchimento de um *buraco sem fim* de insatisfação, parece que, falta-lhe algo, seria a ausência do bem?

Estar consumindo em um *shopping* parece indicar uma satisfação semelhante ao efeito de um antidepressivo, e claro, uma legítima manifestação do individualismo preconizado por uma mídia saturada. Encontramos a expressão dessa realidade nas palavras de Soares:

Assim, o mal é a vida correndo o risco de não ser mais vida e sofrer é suportar tal risco, a ele resistindo. O individualismo das sociedades modernas tem-nos enfraquecido diante do mal porque, tantas vezes, racionaliza tal experiência para fugir de seu peso. “Melhor não falar dessas coisas”, parece dizer, para depois concluir: “Que tal irmos ao shopping? ”. (2012, p.245)

Dadas as circunstâncias apresentadas não causa admiração constatar, que a nossa humanidade tenha se transformado em um *saco sem fundo* de desejos irreprimíveis e insaciáveis, no qual, o homem em uma corrida contra o tempo, bebe da ilusão e se dissolve no amargor cirrótico da infeliz constatação de que o tempo ao contrário do homem não cansa e nem é impotente. O tempo é eternamente jovem e inconveniente, ele não para de bater na nossa porta.

A mobilização global da sociedade urge a participação de todas as Igrejas e de todos os credos em torno de uma ética e de uma espiritualidade superando a futilidade e a efêmera felicidade do hiperconsumo. Há mais de dois mil anos Jesus de Nazaré proclamara, conforme o *Evangelho de Mateus* 5,1-11, um caminho árduo mas seguro para ser feliz: ser pobre em espírito e manso, ter fome e sede de justiça, ser puro no coração, promover a paz, sofrer perseguição por causa da justiça. Mãos à obra. Ninguém pode cruzar os braços, pois, a velocidade efêmera do hiperconsumo está a exigir maior celeridade no caminho da libertação. (QUEIROZ, 2012, p. 46)

Por maior que seja a globalização da indiferença, a presença da compaixão no pensamento humano, quiçá de toda a humanidade, alerta para a incongruência da realidade de alguns setores, por exemplo, da mídia, na veiculação de suas notícias. É flagrante o descaso com a vida, com a verdade, com o justo e esse flagrante acontece quando percebemos, que a face da indiferença se reflete como uma mentira do ser humano.

O evidente é tudo, menos evidente, costumava dizer Ellacuría. E com essa convicção se deve começar a falar dos povos crucificados. É que, quando o que é evidente “em outros” – os povos crucificados – nos torna evidente o que na verdade somos “nós”, tendemos a ignorá-lo, encobri-lo ou tergiversá-lo, porque simplesmente nos aterra. É, pois, compreensível que ignoremos a evidência dos povos crucificados, mas é necessário suspeitar pelo menos – sobretudo no mundo ocidental, que faz alarde de ter sido ensinado pelos grandes mestres da suspeita – que esta ignorância não é mera ignorância, mas vontade de ignorar e encobrir. Começamos, pois, des-cobrimo a realidade en-coberta de nosso mundo. (SOBRINO, 1994, p.83-84)

A insensibilidade que afeta a mídia parece ser a mesma daqueles que a utilizam. Essa suspeita ganha legitimidade quando percebemos que não existe reação de cobrança por parte do usuário, do que é veiculado pela mídia, bem como, não existe cobrança de uma continuidade na veiculação de assuntos relacionados a injustiça e descaso com a vida e o contrário, exemplos de consideração com a vida. Contra essa indiferença, o Papa Francisco se mostra consternado com a violência e indignado com o descaso e a mentira demonstrada por aqueles que tem o poder de comunicar a verdade do que acontece no mundo:

Expresso a minha proximidade às Missionárias da Caridade pelo grave luto que as atingiu há dois dias com o assassinio de quatro Religiosas em Áden, no Iémen, onde prestavam assistência aos idosos. Rezo por elas e pelas outras pessoas vítimas do ataque, e pelos familiares. Estes são os mártires de hoje! Não são capas de jornais, não são notícias: eles derramam o seu sangue pela Igreja. Estas pessoas são vítimas do ataque daqueles que os assassinaram e também da indiferença, desta globalização da indiferença, à qual não importa...²⁶

Na América Latina, na África e em todos os lugares onde a vida padece pela opressão das desigualdades e violência, torna-se difícil falar de Deus e explicar tantos contrastes.

De que maneira falar de um Deus que se revela como amor, numa realidade marcada pela pobreza e pela opressão? Como anunciar o Deus da vida a pessoas que sofrem uma morte prematura e injusta? Como reconhecer o dom gratuito de seu amor e de sua justiça a partir do sofrimento do inocente? Com que palavras dizer aos que não são considerados pessoas que são filhas e filhos de Deus? Eis as interrogações principais da teologia que surge na América Latina, e sem dúvida também em outros lugares do mundo em que se vivem situações semelhantes. (GUTIERREZ, 1987, p.14)

Há quem justifique o sofrimento como um castigo divino. O princípio compaixão é contrário a teologia da retribuição, a qual, se considera que recebamos um pagamento pelas nossas ações. No Antigo Testamento, o Livro de Jó apresenta um homem que sofre, mas não por causa dos seus pecados. Jó é um justo e não apresenta nenhuma justificativa para ser punido. Conforme Gutierrez:

O livro de Jó é uma construção literária, mas não pode ter sido redigido a não ser por alguém que padeceu em sua carne e em seu espírito. O protesto e a lamentação de Jó levam a marca da experiência pessoal. O confronto com Deus, o vencimento e o convencimento finais também. É uma obra escrita com uma fé umedecida pelas lágrimas e encandecida pelo sangue. Este campeão da gratuidade do amor de Deus – comparável neste ponto a Paulo de Tarso – é alguém que conheceu a dor e a solidão. O livro de Jó nos transmite, com suas luzes e sombras, com seus acertos e limites, um processo pessoal. Jó não é o homem da paciência, pelo menos no sentido usual do termo. Trata-se antes de um crente rebelde. Rebeldia contra o sofrimento inocente, contra a teologia

²⁶ Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro. IV Domingo de Quaresma, 06 de março de 2016. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160306.html>. Acesso em: 10/04/2017.

que o justifica e inclusive contra a imagem de Deus que essa teologia apresenta. Se não se pode condenar o homem para defender a Deus, tampouco se pode condenar a Deus para defender o homem. (1987, p.44-45)

É muito difícil explicar o sofrimento, e tentar explicar a morte prematura de uma criança, é mais ainda. Na análise de Gutierrez “Como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente? Eis a questão central do livro de Jó. [...] O compromisso com os mais esquecidos é uma exigência do Deus da Bíblia. Não é necessário que tudo esteja claro para ver a urgência desse requisito e para pô-lo em prática. ” (1987, p.91)

O questionamento e até um certo inconformismo é natural, mas, querer inserir o mistério da vida e da morte dentro de uma lógica de mercado, revela uma incapacidade de se colocar na posição dos que sofrem e até uma ausência de humildade. Essa teologia estigmatiza, julga e desqualifica o perdão e a gratuidade. “ A ideia central é esta: no princípio de tudo, está a gratuidade do amor de Deus. Ela – e não a retribuição – é o eixo do mundo. ” (GUTIERREZ, 1987, p.119). No Antigo Testamento encontramos outras situações que se contrapõe a essa forma de entender o sofrimento.

Muitos foram martirizados. Lembremos apenas o velho Eleazar e os sete irmãos Macabeus com sua intrépida mãe. (4Mc 5,1-17; 42). Para os judeus isso constituía um grande problema; que sentido tinha a morte destes inocentes que tiveram de partir, violentamente, antes do tempo? Eles morreram sem culpa pessoal. Neste contexto, lançava-se também a pergunta pelo sentido da morte de criancinhas inocentes. O 4º livro dos Macabeus tenta dar uma resposta satisfatória a essa interrogação: Eles não morreram por causa de pecados pessoais, mas morreram como substituição e como sacrifício expiatório pelo povo. (BOFF, 1977, p.95-96)

Essa teologia provoca um julgamento para com os que são ou estão diferentes do que é considerado *padrão* ou *normal* dentro de uma comunidade ou sociedade. Também provoca o julgamento dos que padecem vitimados por doenças, tragédias e infelicidades. Conforme Gutierrez “O desprezado deste mundo é o preferido do Deus amor. É uma coisa tão simples, mas difícil de captar para uma mentalidade que tudo avalia com base em méritos e deméritos”. (1987, p.11-12). Não é na teologia da retribuição que se explica o sofrimento de Jesus, mas, em uma teologia de compaixão e misericórdia.

Por isso torna-se necessário falar de povos crucificados: linguagem metafórica, [...] É linguagem útil e necessária a nível histórico-ético porque “cruz” exprime um tipo de morte ativamente infligida. Morrer crucificado não significa simplesmente morrer, mas ser morto; significa que há vítimas e que há verdugos; significa que existe um gravíssimo pecado. [...] Jesus padeceu morte de cruz, e não qualquer morte - evoca pecado e graça, condenação e salvação, ação dos homens e ação de Deus. [...] Como o servo, também o povo crucificado é ‘desprezado pelos homens’; tiraram tudo dele, até a dignidade. [...] E o desprezo se consoma quando a ideologia se disfarça de religião para condená-los em nome de Deus. “ (SOBRINO, 1994, p.85-88)

Na teologia da retribuição, quem não sofre, se acha superior, justo e merecedor de uma vida cômoda e tranquila, já os sofrendores, ou são culpados ou carregam culpas de gerações anteriores. A compaixão derruba os argumentos da teologia da retribuição e se mostra superior a qualquer justiça. “Sair de seu próprio mundo e ingressar no mundo dos pobres implica já em tomar o caminho da gratuidade e não só o da preocupação pela justiça. “ (GUTIERREZ, 1987, p.151). Conforme Francisco:

Jesus menciona dois acontecimentos trágicos que naquela época tinham suscitado muito alvoroço: uma repressão cruel feita pelos soldados romanos dentro do templo; e o desabamento da torre de Siloé, em Jerusalém, que tinha causado dezoito vítimas (cf. *Lc* 13, 1-5). [...] Com efeito, pensam que se aqueles homens morreram de maneira tão cruel, é sinal de que Deus os castigou por alguma culpa grave que tinham cometido; seria como dizer: «mereciam-no». E ao contrário o facto de terem sido poupados à desgraça equivalia a sentir-se «justos». Eles «mereciam-no»; eu sou «justo». Jesus rejeita decididamente esta visão, porque Deus não permite as tragédias para punir as culpas, e afirma que aquelas pobres vítimas não eram minimamente piores que os outros. Antes, Ele convida a ver nestes factos dolorosos uma admoestação que diz respeito a todos, porque todos somos pecadores; com efeito ele dizia a quantos o tinham interpelado: «Se não vos converterdes, morrereis todos do mesmo modo» (v. 3).²⁷

Francisco está lutando para levar uma mensagem pautada no desenvolvimento de uma civilização que viva a compaixão e se liberte de interpretações fanáticas e preconceituosas. A história de Jó também apresenta uma crítica para essas interpretações.

²⁷ Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro. III Domingo de Quaresma, 28 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160228.html>. Acesso em: 10/04/2017.

É da própria natureza missionária da Igreja que brotam «a caridade efectiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove» (EG 179). [...] dentro de si mesmos, os amigos de Job escondiam um juízo negativo acerca dele: pensavam que a sua infelicidade fosse o castigo de Deus por alguma culpa dele. Pelo contrário, a verdadeira caridade é partilha que não julga, que não tem a pretensão de converter o outro; está livre daquela falsa humildade que, fundamentalmente, busca aprovação e se compraz com o bem realizado.²⁸

Conclusão

Após estudarmos a categoria, a forma como ela se expressa através da relação de seus elementos e conhecido um pouco da história de pessoas que transformaram as suas vidas em exemplos de compaixão, concluímos que esses estudos provocam um aprofundamento na importância do sentido e relevância que esse princípio exerce nas relações humanas, aumentando também a nossa compreensão do efeito que tem a sua ausência.

Retomaremos aspectos que configuram a crise da atualidade com o intuito de conferir ao tema a importância que lhe é devida e também para tornar sensível a ausência da compaixão nas relações humanas, uma vez que após o estudo da categoria, aumentamos a nossa compreensão do que ela representa e do que ela poderia representar, reforçando assim a chave de leitura.

O papel a ser assumido pela humanidade no desenrolar dos acontecimentos pode se configurar o cerne de uma reviravolta nos fatos atuais, ou então, continuar na linha de representação de algo destrutivo. Um mal que se descortina através desse trágico momento histórico, em que as condições de sobrevivência no mundo estão se acabando e a fragilidade humana e de outras espécies estão vindo à tona.

O que vemos, são os recursos naturais do planeta sendo dizimados e a miséria rompendo com laços de solidariedade e gerando o medo. É natural, que frente a esse impressionante cenário desolador, procuremos encontrar possibilidades responsáveis de escolhas. Incorporar os elementos e os significados da compaixão pode ocasionar uma ressignificação de valores e de formas de se viver. O fortalecimento desses elementos e de suas relações no cotidiano humano poderia gerar um curso alternativo na história humana. Conforme Sobrino:

²⁸ Mensagem do Santo Padre Francisco para o XXIII dia mundial do doente 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20141203_giornata-malato.pdf>. Acesso em: 30/06/2017.

O que em Deus há de verdade e nos seres humanos de possibilidade e necessidade de conhecer essa verdade; o que em Deus há de promessa e nos seres humanos de esperança; mas, sobretudo, o que em Deus há de amor e nos seres humanos de possibilidade e necessidade de realizar o amor, como o mais alto nível de realização de sua essência e de sua salvação. (SOBRINO, 1994, p.74)

Vivemos uma época em que a tecnologia facilitou o acesso ao conhecimento. A mentalidade do ser humano mudou, talvez porque tenhamos adquirido algum conhecimento, mas também pela compreensão do que se vem a conhecer. Tomou forma a frase de Jesus no Evangelho: “Nada há de oculto que não seja revelado, nada de secreto que não seja conhecido. Porque tudo o que disseses na escuridão será ouvido em plena luz; e tudo o que disseses ao ouvido, no recôndito, será proclamado sobre os tetos.” Lc 12:2-3

O homem do século XXI sofre as consequências de um violento influxo de informações que chegam por todos os meios disponíveis, as quais, nem sempre são processadas ou compreendidas e quando não existe essa compreensão, o que parece ocorrer é uma nefasta influência.

Difícil se dá a sedimentação de uma ideia, o pensamento procura o seu caminho, mas logo é desviado por outro e outro, não há uma familiaridade e as ideias disputam espaço entre si. O que queremos dizer é que a velocidade com que a tecnologia processa um fluxo de informações não corresponde à realidade humana de processamento desse fluxo e isso faz com que não haja um aproveitamento do que está sendo processado. As informações chegam e vão embora com a mesma rapidez, sem que haja tempo para que uma informação seja compreendida em toda a sua dimensão.

O ser humano não corresponde a uma máquina e certamente não está integrado a esse circuito tecnológico e a prova disso é a descontinuidade da perplexidade, da indignação e da busca de soluções, frente a gravidade dos fatos que ocorrem no mundo. O resultado disso é a indiferença, o isolamento a intolerância entre outras coisas. O *jardim da humanidade* sofre e está sendo devastado pela praticidade do *trator tecnológico*.

O momento não é de se fechar em confortos e comodismos ou de se agarrar em pseudo-seguranças, mas ao contrário, evitar a ruína. Instituições tradicionais estão tendo que se adequar as novas realidades. A família é prova disso, mudou de cara, mais agregando do que excluindo e isso parece ser bom. “Numa articulação de verticalidade e

horizontalidade da fé, podemos redescobrir o ‘princípio compaixão’ como ponto neurálgico da ‘*eclesio-práxis*’. Esse ‘princípio’ pode desencadear uma globalização da caridade e da solidariedade.” (XAVIER, 2009, p.151)

Fecharmos o coração aos problemas dos migrantes e refugiados, significa não reconhecer que a América não indígena é formada por imigrantes, refugiados e escravizados, somos frutos de êxodos. A compaixão *bate forte nas portas dos corações* que conhecem e compreendem o outro. Precisamos mais do que nunca querer conhecer o outro, se conhecêssemos tomaríamos ciência de que a história do outro é a nossa própria história, e de que o outro somos nós. “É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos. Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade; “ (LS 229)

O problema não é do outro, mas é nosso. Entendemos que o amor presente no ser humano compassivo lhe abre profundos abcessos frente ao desamparo e a injustiça. Já à beira da revolta, tenta de alguma forma socorrer, tal qual um paramédico, ele compreende que ali está um doente e que ele nesse momento, pode ser um médico, ele se enxerga como um médico e gostaria que todos enxergassem que, frente a um quadro de guerra o próximo quadro a se apresentar é o de um hospital de campanha e logo em seguida, um quadro de frágeis, mas ainda assim sobreviventes em um processo de convalescença.

Hoje podemos pensar a Igreja como um «hospital de campo». Isto, perdoai-me se repito, porque o vejo assim, porque o sinto assim: um «hospital de campo». É necessário curar as feridas, e elas são numerosas. Há tantas chagas! Existem muitas pessoas feridas por problemas materiais, por escândalos, até na Igreja... Pessoas feridas pelas ilusões do mundo... Nós, sacerdotes, devemos estar ali, próximos destas pessoas. Misericórdia significa, antes de tudo, curar as feridas. [...] E existem também feridas escondidas, porque há pessoas que se afastam, para que não se lhes vejam as feridas... Vem-me ao pensamento o hábito, para a lei mosaica na época de Jesus de afastar sempre os leprosos para que não contagiassem... [...] E vós, amados irmãos — pergunto-vos — conheceis as feridas dos vossos paroquianos? Conseguis intuí-las? Permaneceis próximos deles? É a única pergunta... [...] A verdadeira misericórdia interessa-se pela pessoa, ouve-a atentamente, aproxima-se com respeito e com verdade da sua situação, acompanhando-a no caminho da reconciliação. Sim, não há dúvida, isto é cansativo. O sacerdote verdadeiramente misericordioso comporta-se como o Bom Samaritano... mas porque

motivo age assim? Porque o seu coração é capaz de compaixão, é o Coração de Cristo! [...] ²⁹

A compaixão transforma o que a possui em um médico, transforma o mundo em um hospital e depois, com muita esperança, quiçá em um jardim. Quando elencamos importantes elementos contidos na compaixão, a intenção foi demonstrar a complexidade desse princípio, o qual ao ser descrito somente como uma comoção, despreza-se a principal função do princípio, que é a capacidade de acordar todos os outros elementos e de coloca-los em prática de forma harmônica, como uma melodia.

Tentamos mostrar essa melodia, ao contemplar brevemente, expressões de compaixão em pessoas comuns, com crenças diferentes, mas que conseguiram se doar e serem felizes, e essa felicidade foi fruto dessa doação.

Para nós, tornou-se evidente que a categoria compaixão além de extrapolar os limites de uma religião, pode ajudar a chamar atenção para esse quadro feio da nossa história, pintado com tintas fortes, sem harmonia, sem perspectiva, sem beleza, e ajudar a procurar soluções que possam contemplar a todos. O humano ao compreender o tamanho da importância de sua ação perante a vida, desenvolve a capacidade de se enxergar como protagonista dessa história.

²⁹ DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PÁROCOS DA DIOCESE DE ROMA. Sala Paulo VI, 6 de Março de 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140306_clero-diocesi-roma.pdf. Acesso em: 22/09/2017.

CAPÍTULO SEGUNDO

FRANCISCO E A COMPAIXÃO

Introdução

Para escrever esse trabalho, tivemos a necessidade de acessar os documentos papais, como, cartas, exortações, discursos, entre outros. Um vasto material, com a finalidade de tentar compreender as motivações, preocupações e inquietações de Francisco o Papa, bem como o que poderia ter exercido influência em seu estilo.

É importante observar que no decorrer da pesquisa, fomos surpreendidos com aspectos interessantes de sua história, os quais abordamos no presente trabalho. Esses aspectos ajudaram a compor o perfil dessa pessoa amada e odiada, principalmente dentro das fronteiras visíveis do seu *rebanho*.

O argentino descendente de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio, o primeiro Papa jesuíta³⁰ e primeiro Papa oriundo das Américas, ao adotar o nome

³⁰ Os jesuítas pertencem a Companhia de Jesus, que foi fundada por Inácio López de Loyola e seis companheiros – Francisco Xavier, Pedro Fabro, Afonso Bobadilha, Diogo Laínez, Afonso Salmeirão e Simão Rodrigues em 15 de agosto de 1534 e aprovada oficialmente pelo Papa Paulo III, em 27 de setembro de 1540. Destacam-se em sua história, o trabalho missionário e apostólico nas áreas educacional, espiritual, intelectual e social, tendo o seu carisma expresso nas palavras deixadas por Santo Inácio: “Para a Maior Glória de Deus”. Disponível em: <<http://www.jesuitasbrasil.com/newportal/institucional>>. Acesso em: 12/06/2017.

Francisco, sinalizou motivos que caracterizam a categoria compaixão e como essa está presente em seu pensamento.

O cuidado com o pobre e com a criação, são preocupações que o acompanham desde antes do início de seu pontificado e de lá para cá, percebe-se no teor dos seus comunicados, o quanto esse cuidado tem aumentado. Conforme Passos:

As igrejas da América Latina construíram uma tradição de décadas a partir desse método que adota como ferramenta a análise da realidade, como pressuposto e valor os dados da fé e como meta e consequência a prática do evangelho dentro de cada realidade. O cardeal Bergoglio é filho genuíno dessa tradição e a mantém em suas posturas: seja ao olhar a realidade mundial na perspectiva dos pobres e dos que estão na periferia do mundo, seja ao adotar as fontes bíblicas como as referências primeiras do discurso da fé e por insistir na postura de abertura e solidariedade radical da Igreja com os homens e mulheres de seu tempo, de modo particular com os mais necessitados. ” (2016b, p.83-84)

“O cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade. “ (BOFF, 1999, p.13). O Papa enfrenta hoje, desafios que se estendem além das fronteiras da doutrina católica, da própria instituição católica e dos valores cristãos. Conforme Passos:

As experiências vivenciadas pelos católicos, nas realidades contraditórias das sociedades que se modernizavam no hemisfério norte, assim como no âmbito dos países pobres do hemisfério sul, contribuíram com a tomada de consciência da Igreja a respeito de sua missão universal como servidora da humanidade, rompendo com sua autocompreensão como poder sagrado vocacionado a dominar o mundo. (2016c, p.11-12)

A história nos mostra os desafios superados pela Igreja Católica primitiva de se firmar, como uma importante Igreja em dois milênios de história. Desde a perseguição sofrida nos primórdios do cristianismo, quando os cristãos eram martirizados, a superação da transfiguração de uma Igreja perseguida em uma Igreja perseguidora.

Essa posição de Igreja perseguidora foi exercida na sua expansão sem precedentes. Ainda assim, mesmo tendo usado a força de forma equivocada em sua trajetória histórica, essa Igreja não perdeu a característica missionária original, ou seja, transmitir os ensinamentos de seu mestre Jesus. Esses foram alguns exemplos de superação por que passou a Igreja Católica. A Igreja também passou por processos de renovação, conforme

Passos, essa necessidade de renovação foi determinante para a realização do Concílio Vaticano II:

Nesse contexto, a palavra renovação deixa de ser herética e adquire um lugar importante no pensamento católico pós-conciliar. O autor principal dessa nova postura foi evidentemente o papa João XXIII. O objetivo de fazer um *aggiornamento* da Igreja motivou a convocação e os encaminhamentos do Concílio Vaticano II, para a alegria de muitos e a tristeza de vários. (2016c, p.12-13)

Em dias atuais, para a Igreja, transmitir os ensinamentos de seu mestre Jesus, significa andar de mãos dadas com o respeito pela cultura e pela história de todos os povos. Para o Papa, Deus é compreensivo, pacífico e se manifesta a todos os povos, sem distinção, assim Francisco se posiciona, desde antes de seu pontificado:

Deus se faz sentir no coração de cada pessoa. Também respeita a cultura dos povos. Cada povo vai captando essa visão de Deus, e a traduz de acordo com a cultura que tem, e vai elaborando-a, purificando-a, dando-lhe um sistema. Algumas culturas são mais primitivas em suas explicações. Mas Deus se abre a todos os povos, chama todos, provoca a todos para que o busquem e o descubram por meio da criação. [...]. Nós, cristãos, acreditamos que Ele, finalmente, se manifesta e se entrega a nós em Jesus Cristo. Por outro lado, ao longo da história existiram circunstâncias que foram criando cismas e constituindo comunidades diversas, que são modalidades diferentes de viver o cristianismo, como a Reforma. [...] Deus é paciente, espera, Deus não mata, o homem se arroga fazê-lo em sua representação. Matar em nome de Deus é uma blasfêmia. (2013, p.28)

Para nós, entende-se que esse caráter missionário perene da Igreja, sem dúvida se deve a representatividade dos que trabalharam, deram suas forças e suas vidas em nome da fé, do amor e da generosidade no agir solidário ao próximo, ao mais necessitado, ao pobre de tudo. A Igreja tem um compromisso com todos esses que a representaram e com os que ainda vão representá-la, e precisa responder a esse compromisso.

O empenho em aliviar o sofrimento humano e sobretudo em eliminar suas causas, na medida do possível, é uma obrigação do seguidor de Jesus, daquele que tomou sobre si seu 'jugo suave e seu peso leve'. Isto supõe ter uma autêntica compaixão humana e uma certa compreensão da história humana e de seus condicionamentos (cf. o esforço dos documentos de Medellín e Puebla por compreender as causas da

presente situação de injustiça que se vive na América Latina); requer também a firme e obstinada vontade de estar presente onde a injustiça maltrata um inocente, seja quem for. (GUTIERREZ, 1987, p.163)

Homens e mulheres que seguiram os passos de seu mestre e continuaram a construção ininterrupta da Igreja, pautados sobre valores, que de tão belos e justos, são capazes ainda hoje de efetuar profundas transformações em milhares de pessoas espalhadas pelos mais distantes espaços desse planeta. Conforme o Cardeal Bergoglio:

Devemos fazer um esclarecimento: falar sobre mártires significa falar de pessoas que testemunharam até o fim, até a morte. Para dizer que a minha vida "é um martírio" deveria significar que "minha vida é um testemunho." Mas hoje, essa ideia está associada ao sangrento. No entanto, para a etapa final da vida de algumas testemunhas, a palavra tornou-se sinônimo de dar a vida pela fé. O termo, se assim posso dizer, foi "encolhido". A vida cristã é testemunhar com alegria, como fez Jesus. Santa Teresa disse que um santo triste é um triste santo. (apud RUBIN; AMBROGETTI, 2010, p.42, tradução nossa)³¹

Francisco exorta a prática do diálogo como ferramenta para fazer prosperar a compaixão. Em nossas pesquisas, verificamos o apreço que ele expressa por essa prática, segundo ele, em um diálogo honesto, os interlocutores respeitam a sua própria identidade e a identidade do outro. Para nós, o diálogo representa um dos elementos da compaixão e aparecerá ao longo de todo esse trabalho.

É preciso mais oração e diálogo: isto é necessário! Sem diálogo, o mundo sufoca. Mas o diálogo só é possível a partir da própria identidade. Não posso fazer de contas que tenho outra identidade para dialogar. [...] Sem diálogo, o mundo sufoca: por isso, também vós deveis oferecer a vossa contribuição para promover a amizade entre as religiões. Ide em frente ao longo desta vereda: *prece, pobres e paz*. E caminhando assim, contribuíis para fazer prosperar a compaixão no cerne da sociedade — que é a verdadeira revolução, a da compaixão e da ternura — para fazer crescer a amizade e não os fantasmas da inimizade e da indiferença.³²

³¹ “Debemos hacer una aclaración: hablar de mártires significa hablar de personas que dieron testimonio hasta el final, hasta la muerte. Decir que mi vida ‘es un martirio’ debería significar que ‘mi vida es un testimonio’. Pero, actualmente, esta idea se asocia con lo cruento. No obstante, por el tramo final de la vida de algunos testigos, la palabra pasó a ser sinónimo de dar la vida por la fe. El término, si se me permite la expresión, fue ‘achicado’. La vida cristiana es dar testimonio con alegría, como lo hacía Jesús. Santa Teresa decía que un santo triste es un triste santo.” El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio

³² PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO DURANTE A VISITA À COMUNIDADE DE SANTO EGÍDIO. *Basílica de Santa Maria em Trastevere. Domingo, 15 de Junho de 2014. Disponível em:*

1. Um homem integrado ao seu tempo

A cronologia dos acontecimentos na linha do tempo da vida de Francisco, se revela surpreendente e instigante. Aos 22 anos entrou para o noviciado da Companhia de Jesus, mas somente 11 anos depois e faltando apenas 5 dias para completar 33 anos, ele se ordenou como sacerdote.

Um jesuíta passa por uma longa e sólida formação, essa era a vontade de Santo Inácio “A formação na Companhia de Jesus é longa. [...] prende-se, por isso, com os tempos lentos da maturação humana e espiritual. [...] resulta pois da lentidão com que, habitualmente, se percorre o caminho de identificação efectiva com Cristo e a sua missão”.³³ Esse longo tempo denota a ciência da necessidade de introspecção e ponderação na escolha coerente de um caminho a seguir. Francisco fala dos riscos presentes em uma formação, que não considera o tempo e outros fatores como por exemplo: idade, liberdade e compreensão:

Então, um garoto, uma garota de dezessete ou dezoito anos se entusiasma, forma-se com diretivas de rigidez – na verdade, hipoteca sua vida – e, aos trinta, explode. Porque não foi preparado para superar as mil e uma crises da vida, inclusive as mil e uma falhas que temos, as mil e uma injustiças que cometemos. Ele não tem elementos para conhecer ou entender o que é a misericórdia de Deus, por exemplo. Esse tipo de religiosidade, bem rígida, se disfarça com doutrinas que pretendem dar justificativas, mas, na realidade, privam da liberdade e não deixam que as pessoas cresçam. E grande parte acaba na vida dupla. (BERGOGLIO, 2013, p.66)

Bergoglio foi nomeado provincial dos jesuítas na Argentina apenas 3 anos após ser ordenado Padre, o que não é comum. Dessa época, carrega a triste experiência de ter vivenciado como testemunha ativa, o período sangrento da ditadura na história daquele país.³⁴

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papa-francesco_20140615_comunita-sant-egidio.html>. Acesso em: 22/09/2017.

³³ Disponível em: <<http://www.jesuitas.pt/Teologia-201.aspx>>. Acesso em: 08/09/2017.

³⁴ “O poder das Forças Armadas na Argentina culminou com o golpe de 24 de março de 1976. Sob o pretexto de dar início a um “processo de reorganização nacional”, uma junta militar depôs a presidente Isabelita Perón, que sucedera a seu marido, e com ela os governadores e os vice-governadores. O Congresso foi dissolvido. [...] A tortura tornou-se a regra para obter informações [...] A destruição definitiva das guerrilhas obteve resultados em poucos meses. A desarticulação das organizações sociais teve como consequência o desaparecimento de, pelo menos, 30 mil pessoas, a apropriação de mais de 500 filhos de condenados a morte, a detenção de milhares de ativistas políticos, o exílio de, aproximadamente, dois milhões de pessoas,

No plano da imagem, com efeito, o padre Bergoglio conseguira fazer os militares crerem que estava fechado no Colégio, esperando que soprasse vento de bonança, enquanto tecia uma rede clandestina para dar cobertura e salvar dezenas de pessoas. [...] Jamais os militares teriam podido imaginar que Bergoglio conseguiria isso debaixo do nariz deles. [...] Não se podia supor que a Igreja de Santo Inácio se tornaria uma articulação nevrálgica da “lista” de Bergoglio. (SCAVO, 2013, p.56-57)

Ao ocupar o cargo hierárquico mais alto dentro de uma congregação religiosa em um país, esse homem de apenas 36 anos, recebeu uma considerável carga de trabalho e responsabilidade e como consequência, uma grande experiência. Mas, para esse jovem, trabalhar significava uma tarefa familiar e prazerosa.

Quando terminou a escola primária, seu pai o chamou e disse: "Veja, como você está começando o secundário, você também deve começar a trabalhar; nas férias eu vou conseguir alguma coisa. " Jorge, com apenas 13 anos, o olhou um pouco confuso. Em sua casa viviam bem com o salário de seu pai, que era contador. "Não nos sobrava nada, não tínhamos carro, nem íamos passear nas férias de verão, mas não passávamos necessidades", diz ele. No entanto, ele aceitou obediente. Logo ele estava trabalhando em uma fábrica de meias [...]. "Agradeço tanto meu pai que me enviou para trabalhar. O trabalho foi uma das coisas que me fez muito bem na vida e, particularmente, no laboratório aprendi o bom e o mau de cada tarefa humana ", ressalta. Com tom nostálgico, acrescenta: "Lá eu tinha uma chefe extraordinária, Esther Balestrino de Careaga, uma paraguaia simpatizante do comunismo que anos mais tarde, durante a última ditadura, sofreu o sequestro de uma filha e um filho, em seguida, foi seqüestrada junto com as desaparecidas freiras francesas Alice Domon e Léonie Duquet, e assassinadas. Atualmente, ela está sepultada na igreja de Santa Cruz. Eu a amava muito. [...]. Em última análise, me ensinava a seriedade do trabalho. Realmente, eu devo muito a esta grande mulher. (RUBIN; AMBROGETTI, 2010, p.33-34, tradução nossa)³⁵

além dos 19 mil fuzilados pelas ruas. Em 1983, o regime se dissolveu. Humilhados pela derrota na guerra contra o Reino Unido na conquista das ilhas Falkland/Malvinas [...]” (SCAVO, 2013, p.21-22)

³⁵ “Cuando terminó la escuela primaria, su padre lo llamó y le dijo: ‘Mirá, como vas a empezar el secundario, conviene que también comiences a trabajar; en las vacaciones te voy a conseguir algo’. Jorge, con apenas 13 años, lo miró un tanto desconcertado. En su casa vivían bien con el sueldo de su papá, que era contador. ‘No nos sobraba nada, no teníamos auto ni nos íbamos a veranear, pero no pasábamos necesidades’, aclara. De todas formas, aceptó obediente. Al poco tiempo estaba trabajando en una fábrica de medias [...]. ‘Le agradezco tanto a mi padre que me haya mandado a trabajar. El trabajo fue una de las cosas que mejor me hizo en la vida y, particularmente, en el laboratorio aprendí lo bueno y lo malo de toda tarea humana’, subraya. Con tono nostálgico, agrega: ‘Allí tuve una jefa extraordinaria, Esther Balestrino de Careaga, una paraguaya simpatizante del comunismo que años después, durante la última dictadura, sufrió el secuestro de una hija y un yerno, y luego fue raptada junto con las desaparecidas monjas francesas: Alice Domon y Léonie Duquet, y asesinada. Actualmente, está enterrada en la iglesia de Santa Cruz. La

Entre as vítimas da ditadura na Argentina, encontravam-se padres, pois, estes frequentemente ajudavam aos pobres e aos que se rebelavam contra o regime. Bergoglio, munido de percepção e discernimento, sabia que precisava de muita diplomacia para poder ajudar. Entre o exercício de suas funções, acolhia e escondia perseguidos pelo regime, criava rotas de fuga e intermediava no resgate de sequestrados. Se ele se rebelasse, não teria conseguido ajudar e provavelmente também seria uma das vítimas.

Nesse lugar de San Miguel ajudou-se muita gente. Ali organizavam-se exercícios espirituais e funcionava a faculdade de filosofia e teologia, contava com mais de duzentas salas. Houve gente que ficou escondida vários dias. Depois alguns saíam por sua conta e outros esperavam até que alguém os pudesse tirar do país ou arranjar esconderijos mais seguros. Foi onde eu pude ver o que estava acontecendo. O que a Igreja fez naqueles anos? Fez o que faz um organismo que tem santos e pecadores. Também teve homens que combinaram as duas características. Alguns católicos se equivocaram, outros foram adiante com tudo. Havia católicos que justificavam o golpe com o argumento de que era necessário lutar contra o comunismo. (BERGOGLIO, 2013, p.153-154)

Ele ajudou a salvar a vida não só de padres e seminaristas, mas de pessoas de outros segmentos da sociedade, inclusive ateus. Amigos seus desapareceram, morrendo nas mãos dos agentes militares. O histórico de vida de Francisco atesta a impressão que ele causa com a sua forma de ser e agir.

Quem quer que se encontrasse naquela situação, naquele lugar, com aquele desinibido jesuíta, acabava por se perguntar o que e quem levava um sacerdote ainda jovem a arriscar por conta própria, até pondo em perigo seus confrades, para salvar os que, no fundo, eram desconhecidos, com ideias discutíveis, até anticlericais. “Enquanto trabalhava para a solução do meu caso, Bergoglio – lembra Gonzalo Mosca – vinha me encontrar toda noite. Falávamos muito. Sabia que eu estava muito tenso e que não conseguia pregar o olho. Deu-me romances de Borges e até um rádio para fazer passar o tempo e me manter informado. “ (SCAVO, 2013, p. 48)

quería mucho. [...]. En definitiva, me enseñaba la seriedad del trabajo. Realmente, le debo mucho a esa gran mujer.’ ” El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio

A realidade de quem passa por um processo de fuga da violência extrema é familiar a Francisco, uma vez que no passado, Bergoglio esteve envolvido em processo similar, atuando efetivamente, mas de forma silenciosa. Ele chegou a criar um esquema secreto de ajuda aos perseguidos pelo regime da ditadura. Aquele homem sério e discreto, arriscava a sua posição e a sua própria segurança, para salvar a vida de pessoas que estavam condenadas à execução, sem direito a defesa.

Ajudar dissidentes a fugir não era apenas uma operação cheia de riscos. Havia a possibilidade concreta de acabar diretamente nas garras dos carrascos. Por essa razão, o padre Jorge conseguiu construir uma rede de apoio no Brasil, de modo a facilitar o sucesso das fugas. Na realidade, nenhum dos que pertenciam ao “sistema Bergoglio” sabia que dele fazia parte. Cada qual fazia um único preciso favor ao provincial argentino: um arranjava uma cama para algumas noites, outro, uma carona no carro, este dava uma palavrinha com os funcionários consulares europeus, aquele arranjava as passagens aéreas. Uma organização de compartimentos estanques. O único modo para que o risco fosse mínimo e as informações circulassem o menos possível, mesmo entre os jesuítas. (SCAVO, 2013, p.48)

Podemos pressupor que esse período em sua vida deve ter exercido grande influência na formação de um religioso atuante junto aos povos oprimidos e as suas causas, mas, outros fatores exerceriam influência preponderante sobre Francisco. Segundo Cuda, a teologia Argentina teve o seu papel fundamental:

Compreender o discurso do Papa Francisco envolve, entre outras coisas, a compreensão do ponto de partida de uma parte da teologia argentina, e esse ponto de partida não é apenas conhecimento científico linear, mas também sabedoria popular ambígua [...] Isso faz que o objeto de estudo da teologia argentina do povo seja o *logos* inculturado, e que o sujeito desta teologia seja o povo-pobre-trabalhador que é para o teólogo um nós-povo. (2016, p.200, tradução nossa)³⁶

Ao estudar Francisco, percebemos que se trata de um homem vivido, que passou por experiências difíceis. Histórias que marcaram a sua vida e a de outros com quem

³⁶ “Entender el discurso del Papa Francisco supone, entre otras cosas, entender el punto de partida de una parte de la teología argentina, y ese punto de partida no solo es el conocimiento científico lineal sino también la sabiduría popular ambigua [...] Esto hace que el objeto de estudio de la teología argentina del pueblo sea el *logos* inculturado, y el sujeto de esa teología sea el pueblo-pobre-trabajador que es para el teólogo un nosotros-pueblo.”

conviveu, e que ajudaram a formar essa pessoa de sensibilidade e humildade, o suficiente para enxergar as suas próprias falhas e fraquezas, e ao assumi-las, poder compreender os problemas por que passa o outro, a humanidade e o planeta.

Durante 7 anos, Bergóglio ocupou o cargo de provincial, depois disso, permaneceu como pároco em San Miguel e reitor do Colégio San José. Somente aos 50 anos, partiu para a Alemanha para pesquisar sua tese de doutorado sobre Romano Guardini. Obedecendo a ordens de seus superiores, Bergóglio retornou a Argentina para assumir um novo posto e não concluiu o doutorado. (FRANCISCO, 2014, p.112)

Conforme o Papa Bento XVI, Guardini³⁷ era um homem do diálogo e da ciência da religião, foi professor de filosofia da religião. Certamente exerceu influência no pensamento de Francisco, e isso fica atestado, pelo número de vezes que é citado por este. Seus pensamentos estão presentes nos documentos *Lumen Fidei*, *Evangelii Gaudium* e *Laudato Si'*, além de discursos e homilias, como por exemplo, em sua homilia de tomada de posse como Bispo de Roma:

Jesus mostra-nos esta paciência misericordiosa de Deus, para sempre reencontrarmos confiança, esperança! Um grande teólogo alemão Romano Guardini dizia que Deus responde à nossa fraqueza com a sua paciência e isto é o motivo da nossa confiança, da nossa esperança (cf. *Glabenserkenntnis*, Wurzburg 1949, p. 28). É uma espécie de diálogo entre a nossa fraqueza e a paciência de Deus – um diálogo, que, se entrarmos nele, nos dá esperança.³⁸

³⁷ Sobre o sacerdote, teólogo e escritor Romano Guardini (17/02/1885 – 01/10/1968), o Papa Bento XVI, também já havia se pronunciado. “Guardini não queria conhecer algo, ou muitas coisas, mas aspirava à verdade de Deus e à verdade sobre o homem. Para ele, o instrumento para se aproximar desta verdade era a *Weltanschauung* — como nessa época era denominada — que se realiza num intercâmbio vivo com o mundo e com os homens. [...] Guardini era um homem do diálogo. As suas obras nasceram quase sem exceção de um diálogo, pelo menos interior. As lições do Professor de filosofia da religião e de *Weltanschauung* cristã na Universidade de Berlim nos anos 20 representavam sobretudo encontros com personalidades da história do pensamento. Guardini lia as obras destes autores, ouvia-as, aprendia deles o seu modo de ver o mundo e entrava em diálogo com eles, para desenvolver em diálogo com eles aquilo que ele, enquanto pensador católico, tinha para dizer ao pensamento dos mesmos.” *DISCURSO DO PAPA BENTO XVI. AOS PARTICIPANTES NUM CONGRESSO. DA «FUNDAÇÃO ROMANO GUARDINI» DE BERLIM Sala Clementina. Sexta-feira, 29 de Outubro de 2010*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20101029_fondazione-guardini.html>. Acesso em: 19/09/2017.

³⁸ *CAPELA PAPAL PARA A TOMADA DE POSSE DA CÁTEDRA DO BISPO DE ROMA. HOMILIA DO SANTO PADRE FRANCISCO. Basílica de São João de Latrão. II Domingo de Páscoa ou da Divina Misericórdia, 7 de abril de 2013*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130407_omelia-possesso-cattedra-laterano.html>. Acesso em 19/09/2017.

Em 1992 foi nomeado Bispo Titular de Auca e Bispo Auxiliar de Buenos Aires. Sem se intimidar e sabendo que poderia no exercício desse cargo, atuar de forma mais efetiva, continuou intercedendo pelos desaparecidos da ditadura, pelas mães e avós da Praça de Maio em Buenos Aires³⁹. Em 1998 tornou-se Arcebispo primaz da Argentina e em 2001 foi nomeado Cardeal.

Bergoglio utilizava transporte público para visitar as favelas, realizar batizados e casamentos, receber confissões e intermediar junto ao poder público e as comunidades por melhores condições de vida.

O estilo de vida de Bergoglio como cardeal na Argentina e seu atual estilo de vida austero em Santa Marta são gestos que mostram uma coerência entre os bispos e teólogos do Povo na Argentina e o atual pontífice em Roma. [...] A pastoral teológica é possível na pobreza, desde a pobreza, é por isso que Francisco chama o clero a viver assim ... A pobreza vivida deriva necessariamente de uma crítica legítima a sociedade de consumo [...] Porque não ter em conta a austeridade como virtude tem consequências sociais muito fortes [...] (CUDA, 2016, p.81-82, tradução nossa)⁴⁰

A figura do Papa Francisco se apresenta como a de alguém próximo e não, como a de um soberano intocável ou um santo. As suas palavras atestam isso: "Pequei ... Eu estava errado ... estas foram minhas falhas, ... o tempo, a vida me ensinou." (RUBIN; AMBROGETTI, 2010, p.10, tradução nossa)⁴¹

Francisco vem representar uma Igreja que se libertou e que liberta, uma Igreja que quer tirar a *canga*⁴² do pescoço dos cativos e dos oprimidos e nesse sentido, conforme Josaphat: “Ainda aqui se verifica o axioma: *em cada momento histórico, a Igreja há de libertar-se para se tornar libertadora.* “ (2016, p.28)

³⁹ Movimentos de direitos humanos conhecidos como As Mães da Praça de Maio e Associação Civil Avós da Praça de Maio, as mães e avós se reúnem com o propósito de exigirem notícias de seus filhos e netos desaparecidos no período entre 1976 e 1983 que corresponde a ditadura militar na Argentina. Disponível em: <<http://madres.org/index.php/consignas/>>. Acesso em: 01/07/2017. Disponível em: <<https://www.abuelas.org.ar/>>. Acesso em: 01/07/2017.

⁴⁰ “El estilo de vida de Bergoglio como cardenal en Argentina, y su actual estilo de vida austero en Santa Marta, son gestos que ponen de manifiesto una coherencia entre los obispos y teólogos del Pueblo en Argentina, y el actual pontífice en Roma. [...] La pastoral teológica es posible en la pobreza, desde la pobreza, por eso Francisco llama al clero a vivir de ese modo [...] La pobreza vivida deriva, necessariamente, en una crítica legítima a la sociedad de consumo [...] Porque no tener en cuenta la austeridad como virtud tiene consecuencias sociales muy fuertes [...]”

⁴¹ “he pecado, ...me he equivocado, ...tales y cuales fueron mis defectos, ...el tiempo, la vida me han enseñado” El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio

⁴² A palavra Canga refere-se ao Jugo colocado no pescoço dos bois, a fim de puxar o carro de boi.

Nas palavras e gestos de Francisco, percebe-se uma personalidade que vem gradativamente passando por um processo de crescimento e amadurecimento, alguém de carne e osso como o restante do povo. Essa personalidade em crescimento se identifica plenamente com a caminhada da Igreja, que também se identifica como santa e pecadora.

Consciente de que não é um santo, mas que cometeu erros como qualquer outra pessoa, porque viveu, e como tantos outros, procurou transformar esses erros em aprendizados. Assim é a Igreja e também o ser humano.

Com muito discernimento, Francisco vem mostrando que a Igreja não é formada por super-heróis, pelo contrário, e quem defende essa postura, parece se encontrar parado na história. Para ser bom, não precisa ser diferente, não precisa ser o melhor, nem o primeiro da turma e não precisa competir. O milagre de Deus, não precisa ser algo sobrenatural, mas simplesmente uma transformação, que começa com um esforço, um querer fazer a diferença que não é a mesma coisa que querer ser diferente. A compaixão precisa se transformar em misericórdia. Francisco pede isso a toda a Igreja:

Interroguem-nos sobre o que significa misericórdia para um presbítero; permiti-me dizê-lo para nós, sacerdotes. Para nós, para todos nós! Os presbíteros comovem-se diante das ovelhas, como Jesus, quando via as pessoas cansadas e exaustas, como ovelhas sem pastor. Jesus tem as «vísceras» de Deus, e Isaías fala muito sobre isto: vive cheio de ternura pelas pessoas, especialmente por quantos são excluídos, ou seja, os pecadores, os doentes dos quais ninguém se ocupa... Deste modo, à imagem do Bom Pastor, o presbítero é um homem de misericórdia e de compaixão, está perto do seu povo e é servidor de todos. Este é um critério pastoral que gostaria de pôr em grande evidência: a proximidade! [...] Em particular, o sacerdote demonstra vísceras de misericórdia na administração do sacramento da Reconciliação; demonstra-o em todas as suas atitudes, no seu modo de acolher, de ouvir, de aconselhar e de absolver... Todavia, isto deriva do seu modo de viver o Sacramento em primeira pessoa, da forma como ele se deixa abraçar por Deus Pai na Confissão, permanecendo no interior deste abraço... Se vivermos isto em nós mesmos, no nosso próprio coração, poderemos também oferecê-lo aos outros no ministério. E agora faço-vos esta pergunta: como me confesso? Deixo-me abraçar? [...] Se na Confissão vivermos isto em nós mesmos, no nosso próprio coração, também o poderemos oferecer aos outros.⁴³

⁴³ DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PÁROCOS DA DIOCESE DE ROMA. Sala Paulo VI, 6 de Março de 2014. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140306_clero-diocesi-roma.pdf>. Acesso em: 22/09/2017.

2. Educando para a conscientização

Sendo a maior parte da população do planeta constituída por pobres, sob diversos aspectos, encontrar na figura do líder da Igreja que representa os pilares do cristianismo, uma simplicidade aparentemente autêntica e algo em sua personalidade, um *modus operandi* que está presente em suas reflexões, torna esse líder semelhante a essa população e isso é quase um alento, uma esperança que desencadeia grande empatia por parte dessa maioria, para com esse líder.

O povo se sente verdadeiramente representado e ao se identificar com as suas reflexões e com a forma de se expressar, entende esse fato como um sinal de que dias melhores virão para a Igreja, e para os que não são da Igreja.

Para muitos líderes que o conhecem, Bergoglio é o homem de encontro pessoal, que cativa com seu tratamento e deslumbra com suas diretrizes. Para as pessoas comuns que, por uma razão ou outra, entra em contato com ele, é uma pessoa simples e acolhedora, repleta de gestos de consideração, grandes e pequenos. Para muitas pessoas que conhecem intimamente o seu pensamento religioso, é o sacerdote empenhado em que a Igreja saia ao encontro de toda as pessoas com uma mensagem compreensiva e entusiasta; o religioso dotado de uma aguda intuição que o levaria a trazer da Alemanha uma imagem da chamada Virgem desatadora dos nós, cujo culto se tornaria em um verdadeiro fenómeno de devoção popular em Buenos Aires; o esperado Pastor, respeitoso da ortodoxia doutrinal e da disciplina eclesiástica, mas também igualmente dono de uma concepção moderna e profundamente espiritual de ser Igreja e viver o Evangelho na desafiante sociedade atual. (RUBIN; AMBROGETTI, 2010, p.21, tradução nossa) ⁴⁴

Assumir o papado depois da renúncia de Bento XVI, e não se intimidar frente a então conjuntura da Igreja, em meio à inúmeros problemas, escândalos e a urgência de mudanças, denota um imenso despojamento de si mesmo e uma determinação de gerar soluções definitivas e não paliativas.

⁴⁴ “Para muchos dirigentes que lo frecuentan, Bergoglio es el hombre del encuentro personal, que cautiva con su trato y deslumbra con sus orientaciones. Para la gente común que, por una u otra razón, entra en contacto con él, es la persona sencilla y cálida, plena de gestos de consideración, grandes y pequeños. Para no pocos que conocen íntimamente su pensamiento religioso, es el sacerdote empeñado en que la Iglesia salga al encuentro de la gente con un mensaje comprensivo y entusiasta; el religioso dotado de una aguda intuición que lo llevaría a traer de Alemania un cuadro de la llamada Virgen que desata los nudos, cuya veneración se transformaría en un verdadero fenómeno de devoción popular en Buenos Aires; el pastor, en fin, respetuoso de la ortodoxia doctrinal y la disciplina eclesiástica, pero igualmente dueño de una concepción moderna y a la vez profundamente espiritual de ser Iglesia y vivir el Evangelio en la desafiante sociedad actual.” El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio

O Papa não se mostra afetado pelos atributos que lhe conferem a sua posição, mas, na contramão da tradição, ele se coloca, na posição de um servidor e pede uma Igreja que leve a cabo a compaixão, que saia de dentro de si mesma, pois segundo ele, vivemos o tempo da misericórdia:

A vida de Jesus era nas estradas. Isto ajuda-nos, sobretudo, a compreender a profundidade do seu coração, aquilo que Ele sente pelas multidões, pelas pessoas que encontra: aquela atitude interior de «compaixão»; vendo as multidões, sentiu compaixão. E isto porque Ele vê as pessoas «cansadas e extenuadas, como ovelhas sem pastor». Ouvimos muitas vezes estas palavras, que talvez não transmitam uma grande força. Contudo, são fortes! [...] e aquelas multidões exaustas são populações de numerosos países que continuam a sofrer devido a situações ainda mais difíceis... Então, compreendemos que nós não estamos aqui para fazer um bonito exercício espiritual no início da Quaresma, mas para ouvir a voz do Espírito que fala à Igreja inteira nesta nossa época, que é precisamente o tempo da misericórdia. Disto estou persuadido! Não se trata apenas da Quaresma; nós vivemos num tempo de misericórdia, desde há trinta anos ou mais, até aos dias de hoje. Na Igreja inteira é o tempo da misericórdia. Esta foi uma intuição do beato João Paulo II. Ele teve a «perspicácia» de que este era o tempo da misericórdia. [...] E, olhando para o futuro, afirmou: «O que nos trarão os anos que estão diante de nós? Como será o futuro do homem sobre a terra? [...] Na sua oração, ele teve esta intuição. Hoje nós esquecemos tudo depressa demais, e até o Magistério da Igreja! Em parte isto é inevitável, não podemos esquecer os grandes conteúdos, as intuições excelsas e as exortações transmitidas ao Povo de Deus. E a da Divina Misericórdia é uma delas. [...]»⁴⁵

Como Papa, numa postura firme e atuante, ele vem dando continuidade ao que o impulsiona e vem enfrentando aos que se opõem ao seu estilo de conduzir a Igreja. Percebe-se, que no Vaticano, os Cardeais ao elegerem esse Papa, tinham absoluta consciência do que a Igreja precisava. Eles conheciam o histórico e o perfil de Bergoglio. Alguém com atitude para trazer animo para as renovações necessárias, para os *estacionados na estrada da evangelização* e perdão para as consciências:

Pietro del Morrone, como Francisco de Assis, conhecia bem a sociedade do seu tempo, com as suas grandes pobreza. Ambos estavam

⁴⁵ DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PÁROCOS DA DIOCESE DE ROMA. Sala Paulo VI, 6 de Março de 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140306_clero-diocesi-roma.pdf. Acesso em: 22/09/2017.

muito próximos das pessoas, do povo. Sentiam a mesma compaixão de Jesus pelos oprimidos e desanimados; e não se limitavam só a dispensar bons conselhos ou consolações piedosas. Eles foram os primeiros a optar por uma vida contra a corrente, [...] E surpreende-me sempre que com esta compaixão forte pelas pessoas, estes santos sentiram a necessidade de *oferecer ao povo algo ainda maior*, a maior riqueza: *a misericórdia do Pai*, o perdão. [...] misericórdia é profecia de um mundo novo, [...] Não é uma fuga nem uma evasão da realidade e dos seus problemas, é a resposta que vem do Evangelho: *o amor como força de purificação* das consciências, *força de renovação* das relações sociais, *força de projecto* para uma economia diversa, que põe no centro a pessoa, o trabalho, a família e não o dinheiro e o lucro. Estamos todos conscientes de que este caminho não é do mundo; não somos sonhadores nem iludidos, não queremos criar oásis fora do mundo. Mas acreditamos que *este caminho é bom para todos*, que deveras nos aproxima da justiça e da paz.⁴⁶

O Vaticano escolheu um homem simples, sensível e obediente, mas ao mesmo tempo direto, do diálogo e de solução, essas são características apreciadas em situações de mudanças. Francisco quer mudanças que, não estão em desacordo com a doutrina cristã desde os primórdios do cristianismo primitivo, pois tem consciência de que elas são o remédio necessário para as mazelas por que sofre a Igreja. Conforme Esquivel:⁴⁷

Os desafios que o esperam são muitos; nem sei se o Espírito Santo já os previu. Seja como for, esperemos que Francisco possa, do mesmo modo como o papa João XXIII, escancarar as portas e abrir as janelas para remover as teias de aranha dos séculos passados, de modo que finalmente entre a luz. (2013, p.13)

Não é de hoje, que a Igreja vem priorizando e fortalecendo o diálogo em suas decisões. Conforme Passo, o diálogo foi um conceito-chave que perpassou todos os trabalhos e as decisões conciliares e em Francisco representa uma das marcas do seu pontificado. (2016a).

As diferenças de todas as ordens construídas pelo mundo moderno já não são empecilhos, mas, ao contrário, um convite ao diálogo que

⁴⁶ VISITA PASTORAL À REGIÃO DE MOLISE, ITÁLIA. ENCONTRO COM OS CIDADÃOS E PROCLAMAÇÃO DO ANO JUBILAR CELESTINIANO. *DISCURSO DO PAPA FRANCISCO. Praça da Catedral de Isernia. Sábado, 5 de Julho de 2014. Disponível em:* <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140705_molise-indizione-anno-celestiniano.html>. Acesso em: 22/09/2017.

⁴⁷ Adolfo Perez Esquivel é um pacifista argentino e ativista dos direitos humanos; foi preso e torturado durante a ditadura. Prêmio Nobel da Paz de 1980. cf. <<http://www.adolfoperezesquivel.org/>>.

significa acolhimento na caridade e busca de compreensão de seus modos de pensar (GS 28^a). Com efeito, é digno de nota que esse diálogo universal atinja uma dimensão que se mostre mesmo radical, no sentido da radicalidade do amor cristão que inclui peremptoriamente os inimigos (MT 5,44). Até mesmo os opositores da Igreja são incluídos na tarefa de diálogo da Igreja [...] O diálogo se associa intrinsecamente à constatação da diversidade como factual e legítima, ao desejo da unidade e à disposição em acolher o outro, na empatia, no conhecimento, na caridade e na partilha. (PASSOS; SANCHEZ, 2015, p.272-273)

Para os jesuítas, o diálogo representa um de seus valores⁴⁸. Francisco em seus discursos orienta os católicos para que dialoguem com diferentes culturas e religiões sem colocar a identidade como sendo um obstáculo. Conforme Sanchez:

Para ele, o diálogo inter-religioso, pautado na verdade e no amor, é, ao mesmo tempo, condição para a construção da paz e dever dos cristãos. [...] O diálogo com o outro pertencente a uma outra tradição religiosa não abala a identidade religiosa qualquer que seja, mas leva os parceiros do diálogo a se abrirem para a riqueza religiosa mútua. Ocorre um diálogo de identidades, possibilitando que cada uma delas se enriqueça. [...] Para Francisco, a identidade não é um obstáculo, mas um componente para o diálogo. “ (2016, p.163-166)

Nesse homem que prioriza o diálogo inter-religioso, podemos observar uma concordância entre o que fala, escreve e vive. Mesmo em suas catequese, é possível distinguir claramente uma visão holística, ou seja, um *pastor* preocupado sim, com seu *rebanho*, mas um *pastor* capaz de enxergar o seu *rebanho* além das *fronteiras* da instituição. Conforme Passos:

A encíclica *Laudato Si (LS)* situa-se nesse nascedouro conciliar e constitui seu fruto mais maduro em termos de DSI. O último fruto dessa fecunda colheita, resultada das sementes do Reino lançadas nas contradições da história. Os anos de recepção do Concílio na América Latina fornecem ao jesuíta latino-americano feito papa os parâmetros eclesiais e metodológicos para a elaboração desse primeiro documento do Magistério papal sobre a temática ecológica. A problemática

⁴⁸ “A palavra vai e volta. Ao ir, leva; ao voltar, traz. No encontro dialogal, os dois lados crescem. Se saírem como entraram, não dialogaram. Quando nos abrimos ao outro, habita-nos dupla experiência: a nossa identidade tem algo a dizer, enriquecendo o outro; e tem também limite a ser superado pela contribuição do outro. Em cada outro, na fé, experimentamos a presença do Outro divino. Todo diálogo fala de Deus, porque acreditamos no dom que Ele nos fez, derramou sobre o outro e transborda dos dois lados.” Disponível em: <<http://www.jesuitasbrasil.com/newportal/institucional/missao-visao-e-valores/#33>>. Acesso em: 08/09/2017.

abrangente e urgente da sustentabilidade planetária é acolhida por Francisco de modo sensível e inteligente, com paixão e crítica, como desafio à fé e como desafio à razão. Não se trata de uma encíclica verde, como muitos querem, mas de mais um documento inscrito na longa tradição da DSI. (2016c, p.14)

Os seus pronunciamentos refletem um desapego material e um desprezo pelo sucesso e pelo poder, como sendo estes, valores escravizantes. Em contrapartida, as suas palavras exaltam a liberdade adquirida com a renúncia a esses valores. Francisco pede conversão de vida traduzida por renúncia ao egoísmo:

A condição para fazer parte deste reino consiste em realizar uma transformação na nossa vida, ou seja, converter-nos todos os dias, um passo em frente cada dia... Trata-se de deixar os caminhos, confortáveis e enganadores, dos ídolos deste mundo: o sucesso a todo o custo, o poder em detrimento dos mais débeis, a sede das riquezas, o prazer a qualquer preço. E de abrir, ao contrário, o caminho ao Senhor que vem: Ele não tira a nossa liberdade, mas doa-nos a verdadeira felicidade. Com o nascimento de Jesus em Belém, é o próprio Deus que vem habitar no meio de nós para nos libertar do egoísmo, do pecado e da corrupção, destas atitudes que são do demónio: procurar o sucesso a todo o custo, procurar o poder em detrimento dos mais débeis, ter sede das riquezas e procurar o prazer a qualquer preço.⁴⁹

As transformações de vida sugeridas por Francisco, vão de encontro ao que dizem estudiosos dos problemas enfrentados pela humanidade. Esses problemas também são conhecidos como crise civilizatória.

Estamos diante de desafios sistêmicos que podem ser mais bem resumidos com o conceito de crise civilizatória. [...] Neste pequeno planeta terra, nesta ‘nossa casa comum’ como o expressa o papa Francisco, somos todos tripulantes e não apenas passageiros. A compreensão do ‘sucesso’ deve se deslocar para quem contribui para um planeta melhor para as gerações seguintes. Da esperteza do curto prazo para a inteligência sistêmica. Para muitos, há uma palavra mágica, a educação. Mas se trata de muito mais do que isso, de uma transformação de como as pessoas são regidas no sistema. “ (DOWBOR, 2016, p. 282)

⁴⁹ Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro, Domingo, 04 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20161204.html>. Acesso em: 15/04/2017.

Francisco deixa entrever, que levar o Evangelho aos povos, hoje significa muito mais do que converter, mas, indicar caminhos para um desenvolvimento do senso de responsabilidade para com tudo e com todos, para a diminuição do instinto predatório consumista, para a tolerância, para o respeito com os irmãos terrenos e essas mensagens renovadas no Evangelho, são dirigidas para toda a humanidade. Conforme Susin:

A ‘pastoralidade’ da conversão pastoral tem em vista não em primeiro lugar converter pessoas para a Igreja, nem propriamente para o âmbito divino, mas sim para a ‘vida’. E Deus não está excluído nem em segundo lugar, pois ele é o *Deus* vivo, e só vivos glorificam a Deus. Exatamente por isso, em temos práticos, glorificar a Deus é viver e cuidar da vida. [...] Por isso a palavra ‘vida’ está no centro da conversão pastoral. É assim que a conversão extrapola a Igreja, a religião, e engloba todas as esferas da vida. “ (2016, p. 44)

Em um diálogo, todos falam e escutam, todos têm espaço. O Papa também faz críticas a uma sociedade cujo espaço da mulher ainda é pequeno. Em pleno século XXI, o mundo ainda é dominado por concepções machistas, as mulheres são minoria nos três poderes: executivo, legislativo e judiciário. Na hierarquia da Igreja Católica, o cargo máximo de poder permitido a uma mulher é o de subsecretária de um departamento. As mulheres representam essa Igreja significativamente, mas apenas como fiéis, leigas ou religiosas.

Um aparte... sobre a reduzida representação das mulheres. Demasiado pouco! As mulheres têm muito a dizer-nos na sociedade actual. Às vezes somos demasiado machistas, e não deixamos espaço à mulher. Mas a mulher sabe ver as coisas com olhos diferentes dos homens. A mulher sabe fazer perguntas que nós, homens, não conseguimos compreender.⁵⁰

Que a mulher vem sendo maltratada e inferiorizada ao longo da história, isso é notório, embora a mulher não represente a minoria da população, ela é tratada como minoria. Nos dias atuais, a mulher ainda é vista como a *Eva que desgraçou a humanidade*, como o sexo frágil, como dependente e como ser inferior ao homem, e esta não é uma

⁵⁰ Papa Francisco. Encontro com os jovens. Discurso do Santo Padre. *Universidade de São Tomás, Manila. Domingo, 18 de Janeiro de 2015*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150118_srilanka-filippine-incontro-giovani.html. Acesso em: 01/07/2017.

fala feminista, mas uma constatação da realidade que se apresenta no mundo e é facilmente comprovada em números.

Como líder da Igreja católica, Francisco compreendeu que esses estados de segregação de minorias, não são compatíveis com a Igreja de Jesus e nem com o atual estágio da civilização, por isso, vem trabalhando por uma Igreja que evangelize, educando e orientando para essas questões, que também são de comunhão e renovação.

A Igreja simbolicamente também representa uma Mãe acolhedora que sofre com os seus filhos e que perdoa educando. Francisco pede aos sacerdotes que procurem desenvolver a compreensão, para que possam chorar e sensibilizar-se com o povo:

Diz-me: tu choras? Ou perdemos as lágrimas? Recordo que os Missais antigos, aqueles de outrora, contêm uma oração extremamente bonita para pedir o dom das lágrimas. A oração encetava assim: «Senhor, Vós que confiastes a Moisés o mandato de bater na pedra para que dela brotasse a água, batei na pedra do meu coração, para que eu verta lágrimas...»: [...] Contudo, quantos de nós choram diante do sofrimento de uma criança, perante a destruição de uma família, diante de tantas pessoas que não encontram o seu caminho? ... O pranto do sacerdote... Tu choras? Ou neste presbitério nós perdemos as lágrimas? Tu choras pelo teu povo? Diz-me, tu recitas a prece de intercessão diante do Tabernáculo? Tu lutas com o Senhor pelo teu povo, como Abraão lutou: «E se houver menos? E se houver só 25? E se houver só 20?...» (cf. Gn 18, 22-33). [...] Tu lutas com o Senhor? Debates com o Senhor como fez Moisés? Quando o Senhor estava farto, cansado do seu povo, disse-lhe: «Fica tranquilo... Eu... destruirei todos, e far-te-ei chefe de um outro povo». «Não, não! Se Vós destruídes o povo, destruireis também a mim!». Mas eles eram intrépidos! E eu faço-vos uma pergunta: também nós somos intrépidos, para lutar com Deus pelo nosso povo? Dirijo-vos mais uma pergunta: à noite, como terminais o vosso dia? Com o Senhor, ou com a televisão?⁵¹

A compreensão se apresenta como elemento da compaixão. O mundo parece suplicar por uma educação alicerçada na compaixão, e esse parece ser um caminho fundamental para ajudar a nossa civilização. Esse princípio pode gerar a leveza da espécie no planeta.

⁵¹ DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PÁROCOS DA DIOCESE DE ROMA. Sala Paulo VI, 6 de Março de 2014. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140306_clero-diocesi-roma.pdf>. Acesso em: 22/09/2017.

3. Conhecer para intermediar

As consequências geradas pelas guerras provocadas por divisões étnicas, religiosas, políticas, são noticiadas por todo o mundo, e causam a sensibilização ao sofrimento de povos que sofrem massacres, genocídios e todo tipo de violência.

De forma expressiva, encontramos nos escritos do Papa Francisco, a vontade de amenizar o sofrimento das vítimas de guerras e perseguições, bem como, uma vontade de cuidar do destino dos refugiados da violência que assola o planeta.

O Papa não tem poupado esforços na tentativa de conscientizar líderes e cidadãos quanto ao combate à intolerância, isolamento e indiferença que vem ocupando espaço nos segmentos e lugares da sociedade:

Estou próximo todos os dias, sobretudo com a oração, das pessoas de Aleppo. Não devemos esquecer que Aleppo é uma cidade, que ali há pessoas: famílias, crianças, idosos, doentes [...]. Infelizmente já nos habituamos à guerra, à destruição, mas não devemos esquecer que a Síria é um país cheio de história, de cultura e de fé. Não podemos aceitar que isto seja negado pela guerra, que é um acúmulo de abusos e de falsidades. Faço apelo ao compromisso de todos, para que seja feita uma escolha de civilização: não à destruição, sim à paz, sim ao povo de Aleppo e da Síria.⁵²

Para os que enfrentam a difícil realidade de uma guerra civil em seu país de origem, a fuga para outros países significa a possibilidade de um recomeço, e isso alimenta a esperança de refugiados de países da África, do Oriente Médio e de outras partes do mundo.

Trata-se de pessoas que perderam familiares e amigos e lutam para conservar as suas vidas, o que restou de suas famílias e até as suas identidades. Francisco tem se sensibilizado com essa crise sem precedentes:

Amanhã celebrar-se-á o Dia Mundial do Refugiado, promovida pela ONU. O tema deste ano é: «*Com os refugiados. Nós estamos com quantos são obrigados a fugir*». Os refugiados são pessoas como todos, mas às quais a guerra tirou a casa, o trabalho, os parentes e os amigos. As suas histórias e os seus rostos exortam-nos a renovar o compromisso para construir a paz na justiça. É por isso que desejamos estar *com eles*:

⁵² Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro, Domingo, 11 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20161211.html>. Acesso em: 15/04/2017.

encontrá-los, recebê-los e ouvi-los, para nos tornarmos juntos artífices de paz segundo a vontade de Deus.⁵³

Para cada refugiado, seja homem, mulher, criança, idoso, o recomeço apresenta dificuldades como por exemplo, conseguir entrar em um país que apresente condições dignas de sobrevivência, que lhe permitam encontrar trabalho, moradia, aprender um novo idioma e não menos importante que os outros fatores, serem acolhidos em comunidades como amigos, que respeitem as suas identidades e os escutem.

É fácil imaginar as situações de violência, fome e estresse por que passam as pessoas em um processo de migração forçada. O migrante chega com medo, carente e muitas vezes sabe que pode encontrar algum tipo de apoio em organizações religiosas, e isso tem acontecido de fato, como é o caso da Missão Paz⁵⁴ que acolhe migrantes das mais diversas etnias, culturas e crenças.

Conforme a Missão Paz⁵⁵, esse migrante passa por desafios difíceis, principalmente quando se trata de fuga. Essa pessoa tem enraizada em si mesma toda uma vivência anterior, além dos sentimentos de perdas, inclusive familiares.

Ao chegar em seu destino, ele se depara com o novo, nova língua, nova cultura, novos hábitos que lhe serão de certa forma *impostos* e também com a ansiedade de se estabilizar nesse novo mundo, ter uma casa, um emprego, enfim, plantar e cultivar o *jardim da sua vida*, tudo isso frente as enormes dificuldades de realizar os seus planos.

Diante desse cenário, podemos deduzir que essa pessoa se encontrará fragilizada em seu estado psicológico e físico, e necessitada de toda uma gama de serviços que a auxiliem a continuar a trajetória de sua existência.

Para diminuir o impacto dessas dificuldades, seria necessário que as várias nações caracterizadas como possíveis rotas de fuga e recomeço, desenvolvessem e implementassem políticas mais justas e humanitárias no processo de recepção e integração dos migrantes, partindo da compreensão de seus hábitos e costumes identitários. Conforme Francisco:

⁵³ Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 19 de junho de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160619.html>. Acesso em: 28/04/2017.

⁵⁴ Missão Paz – formada pela Congregação dos Missionários de São Carlos - Scalabrinianos – cujo carisma é acompanhar os migrantes das mais diversas culturas, crenças e etnias.

⁵⁵ Missão Paz. Disponível em: <<http://www.missaospaz.org/eixo-saude>>. Acesso em 27/12/2016.

Dá-se vida a várias instituições que assistem a muitas formas de doença, de solidão, de marginalização, mas diminui a probabilidade para quem é estrangeiro, marginalizado e excluído de encontrar alguém disposto a ouvi-lo: porque é estrangeiro, refugiado, migrante, ouvir aquela história dolorosa. Até na própria casa, entre os familiares, pode acontecer que se encontrem mais facilmente serviços e cuidados de vários gêneros em vez da escuta e acolhimento. Hoje andamos totalmente ocupados, com frenesi, com tantos problemas — alguns dos quais não importantes — que deixamos de ter a capacidade de ouvir. Andamos continuamente atarefados e assim não temos tempo para ouvir. [...]. Peço-vos que aprendais a ouvir e a dedicar tempo à escuta. Na capacidade da escuta está a raiz da paz.⁵⁶

Francisco conhece a realidade por que passa a América Latina e o chamado terceiro mundo, marcado pela corrupção, pobreza, violência e falta de condições dignas de sobrevivência dos povos que nela habitam.

Embora seja teoricamente conhecido, é preciso repetir pelo simples fato de ter nascido em El Salvador, ou no Haiti, ou em Bangladesh, ou no Chade — como dizia Inácio Ellacuría —, os humanos têm muitíssimo menos vida e menos dignidade do que os que nasceram nos Estados Unidos, na Alemanha ou na Espanha. Esta é uma ferida fundamental; e isto significa — lembremo-lo em linguagem cristã — que quem está ferido é a própria criação de Deus. (SOBRINO, 1994, p.41)

Conforme Cuda, o Papa sabe que é necessário tomar consciência das angústias que acompanham a vida do povo. Essa é uma importante mensagem contida no Concílio Vaticano II e interpretada pelos bispos argentinos. Francisco segue essa linha de compreensão das dificuldades por que passa a civilização e de alerta para a necessidade de transformação dos fatores geradores, tais como o egoísmo cultural e os sistemas econômicos tendenciosos e desumanizados:

Alguns anos atrás, os bispos argentinos, interpretando localmente o documento conciliar *Gadium et Spes*, se expressão na Declaração Pastoral do Episcopado Argentino de 1967. Ali eles decidem que a pastoral deve criar condições favoráveis para a realização efetiva do Concílio Vaticano II, para o qual o teólogo deve aplicar-se para estudar a realidade, tomar consciência das ansiedades do seu povo e visualizar uma reforma do sistema econômico que gere situações de justiça. Essas diretrizes atravessam desde então o desenvolvimento de um setor da

⁵⁶ Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro, Domingo, 17 de julho de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160717.html>. Acesso em: 28/04/2017.

teologia argentina e se refletem no discurso de Francisco [...] Esses bispos argentinos afirmam no documento de 1967 o seguinte: "Como pastores de nosso povo, estamos profundamente preocupados que o egoísmo - forma do subdesenvolvimento moral - ou a visão tendenciosa do setor econômico, distorça o sentido cristão do desenvolvimento". Francisco, um bispo argentino, também acusa o egoísmo cultural traduzido em sistemas econômicos desumanizados, como causa de injustiça, e declara em 2015 - no contexto de uma encíclica que denuncia a falta de cuidado dos ecossistemas - a ausência de uma perspectiva moral que vá além do imediato [...] Considero que a crítica do Papa, centrada na economia como a causa de uma injustiça que se efetiva no desemprego, migração, guerra, toxicodependência e consumo, tem suas raízes no pensamento teológico argentino da Teologia do Povo. (2016, p.70-71, tradução nossa)⁵⁷

O Papa Francisco tem abraçado essa causa, e atuado como um intermediário desses povos oprimidos, junto aos representantes destas nações e de outras e junto ao povo. Em seus pronunciamentos, Francisco exorta a todos que desenvolvam a capacidade de se colocar no lugar do oprimido, e compreender o intenso sofrimento por que passam. Isso é um pedido claro de compaixão.

Analisar detalhadamente a história de violência e opressão de povos, se revela um caminho útil para entender a opção pelos pobres e também na conscientização da realidade por que passa a maioria da humanidade que é tratada como minoria.

Em Medellín (1968), os bispos constataam que a América Latina e o Caribe vivam numa situação de injustiça que se apresentava como uma *violência institucionalizada* [...] Puebla (1979), após caracterizar a brecha crescente entre ricos e pobres como um *pecado social* (Puebla, 28) e compreender que no rosto do pobre reconhecemos o rosto do Cristo sofredor [...] Santo Domingo reconhece o processo de *empobrecimento e agudização da brecha entre ricos e pobres* (Santo Domingo, 199), confirma a opção preferencial pelos pobres e mostra

⁵⁷ "Unos años antes, los obispos argentinos, interpretando localmente el documento conciliar *Gadium et Spes* se expresan en la Declaración Pastoral del Episcopado Argentino de 1967. Allí deciden que la pastoral debe crear las condiciones favorables para una efectiva realización del Concilio Vaticano II, para lo cual el teólogo debe aplicar-se a estudiar la realidad, tomar conciencia de las angustias de su Pueblo y visualizar una reforma del sistema económico que genere situaciones de justicia. Estos lineamientos atraviesan desde entonces el desarrollo de un sector de la teología argentina y se ven reflejados en el discurso de Francisco [...] Esos obispos argentinos declaran ya en el documento de 1967 lo siguiente: "Como pastores de nuestro Pueblo nos preocupa enormemente que el egoísmo – forma del subdesarrollo moral – o la visión parcializada de lo económico desvirtúe el sentido Cristiano del desarrollo". Francisco, um obispo argentino, también acusa al egoísmo cultural traducido em sistemas económicos deshumanizados, como causa de la injusticia, y declara en 2015 - em el contexto de una encíclica que denuncia la falta de cuidado de los ecossistemas – la ausencia de una mirada moral que vaya más allá de lo inmediato [...] considero que la crítica del Papa, enfocando em la economía como causa de una injusticia que se efectiviza em desocupación, migración, guerra, drogadicción y consumo, tiene sus raíces em el pensamiento teológico argentino de la Teología del Pueblo."

que os bispos têm consciência da dura realidade vivida pelos pobres [...] Na conferência de Aparecida, a opção preferencial pelos pobres volta com maior intensidade, aprofundamento e novas exigências em face do contexto socio-histórico. (FERRARO, 2016, p. 66-67)

Por essa compreensão tão necessária para o estabelecimento de relações justas, ele tem atuado em grande parte de sua vida. Francisco exorta as pessoas a praticarem o autoquestionamento, a pesarem o impacto positivo de suas ações, a fim de se reconhecerem ou não, compassivas e misericordiosas. Para o cristão, esse reconhecimento tem o poder de suscitar questões do tipo: Sou realmente cristão? Me identifico com Cristo?

“Saúdo de modo especial todos aqueles que neste dia participam na «Festa dos Povos» [...] Que esta festividade, sinal da unidade e da diversidade das culturas, nos ajude a compreender que o caminho rumo à paz consiste nisto: construir a unidade no respeito pelas diversidades. ”⁵⁸ As palavras de Francisco não deixam dúvidas. Para viver a fé cristã, é imprescindível viver a relação compaixão e misericórdia, ou seja, a misericórdia como sendo a ação efetiva da compaixão e a necessária prática das boas obras:

Praticar boas obras, não apenas pronunciar palavras que se perdem no vento. Vem-me ao pensamento uma canção: «Palavras, palavras, palavras...». Não! É preciso fazer, agir. E mediante as boas obras que praticamos com amor e alegria a favor do próximo, a nossa fé germina e dá fruto. Questionemo-nos — cada qual responda no próprio coração — interroguemo-nos: é fecunda a nossa fé? Produz boas obras a nossa fé? Ou então é bastante estéril e portanto, mais morta do que viva? Faço-me próximo, ou simplesmente passo ao lado? Sou daqueles que seleciono as pessoas a bel-prazer? É bom fazer estas perguntas, e fazê-las frequentemente, porque no fim seremos julgados pelas obras de misericórdia. O Senhor poderá dizer-nos: e tu, recordas aquela vez ao longo do caminho de Jerusalém para Jericó? Aquele homem meio morto era eu. Recordas? Aquele menino faminto era eu. Recordas? Era eu aquele migrante que muitos querem expulsar. Era eu aqueles avós sozinhos, abandonados nas casas de repouso. Era eu aquele doente no hospital, que ninguém vai visitar.⁵⁹

⁵⁸ Papa Francisco. *Regina Coeli*. Praça São Pedro. Domingo, 15 de maio de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_regina-coeli_20160515.html>. Acesso em: 15/04/2017.

⁵⁹ Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 29 de junho de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160629.html>. Acesso em: 28/04/2017.

Conhecendo esse contexto teológico da formação de Bergoglio, podemos entender sem surpresas o fato de que ele se compadeça, não só com a América devastada pela corrupção, desemprego e miséria, mas também com os migrantes e refugiados a procura de um recomeço.

Podemos pressupor que esse sentimento vai além da preocupação com os milhares de refugiados cristãos ou não cristãos, que sofrem perseguição nos dias de hoje, vai além da espécie humana, é como uma preocupação e uma necessidade de um simples filho da terra, um filho que quer ajudar a sua mãe e seus irmãos:

Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir duma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade. Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria. Além disso, a Igreja Católica está aberta ao diálogo com o pensamento filosófico, o que lhe permite produzir várias sínteses entre fé e razão. No que diz respeito às questões sociais, pode-se constatar isto mesmo no desenvolvimento da doutrina social da Igreja, chamada a enriquecer-se cada vez mais a partir dos novos desafios. Por outro lado, embora esta encíclica se abra a um diálogo com todos para, juntos, buscarmos caminhos de libertação, quero mostrar desde o início como as convicções da fé oferecem aos cristãos – e, em parte, também a outros crentes – motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis. Se pelo simples facto de ser humanas, as pessoas se sentem movidas a cuidar do ambiente de que fazem parte, «os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé».[36] Por isso é bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções. (LS 63, 64)

Francisco vem intercedendo não apenas por cristãos católicos, mas em seus pronunciamentos, o Papa tem apontado todo o isolamento, indiferença e intolerância por que passa qualquer um e qualquer nação, independente de religião ou de postura. Hoje essa causa se estende não só para com a humanidade, mas para com todos os seres vivos, e ele vem indicando as situações de maus-tratos para com o planeta e cobrando ações. Conforme Boff:

Como superar a perigosa rota de colisão entre ser humano e natureza? O papa responde: ‘com uma mudança de rumo’, ‘com um novo estilo de vida’, ‘com uma conversão ecológica profunda’, ‘com uma paixão pelo cuidado do mundo’, ‘com uma cultura do cuidado que pervade toda a sociedade’, com ‘uma corresponsabilidade coletiva’ e ‘com uma feliz sobriedade’. Se nada fizermos, podemos ir ao encontro do pior. (2016, p. 20)

As pegadas humanas estão destruindo toda a diversidade terrena. Entendemos que o ser humano poderia se comportar frente ao planeta de forma discreta, sem deixar os *rastros destruidores de suas pegadas* e o planeta Terra vem apresentando sinais de que precisa de *leveza*.

Francisco também propõe a compaixão como base para uma educação ecológica, “Além disso, há educadores capazes de reordenar os itinerários pedagógicos duma ética ecológica, de modo que ajudem efectivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão. “ (LS 210). Dirigindo sua mensagem aos de dentro e de fora da Igreja, ele alerta para a incoerência da lógica que vem dominado as relações e denuncia a corrupção:

Com este ensinamento, hoje Jesus exorta-nos a fazer uma escolha clara entre Ele e o espírito do mundo, entre a lógica da corrupção, da opressão e da avidez, e aquela da retidão, da mansidão e da partilha. Alguns comportam-se com a corrupção como com a droga: pensa que a pode usar e abandonar quando quiser. Começa-se com pouco: uma gorjeta aqui, um suborno ali... E entre esta e aquela, lentamente, perde-se a própria liberdade. Também a corrupção produz dependência, gerando pobreza, exploração e sofrimento. E quantas vítimas existem no mundo de hoje! Quantas vítimas desta corrupção difundida! Ao contrário, quando procuramos seguir a lógica evangélica da integridade, da transparência de intenções e comportamentos, da fraternidade, tornamo-nos artífices de justiça e abrimos horizontes de esperança para a humanidade. Assim, na doação gratuita e na entrega de nós mesmos aos irmãos, servimos o Senhor justo: Deus!⁶⁰

4. Francisco, o Papa

Rezem por mim, com essas palavras, presentes na maioria de seus pronunciamentos, o Papa Francisco, solicita a todos que se unam a ele em suas orações e

⁶⁰ Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 18 de setembro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160918.html>. Acesso em: 28/04/2017.

em seus apelos. Ao estudar Francisco, a imagem que formamos quanto ao que mais caracteriza o seu pensamento é a imagem de um homem comum, que de tão comum torna-se diferente.

Seus discursos são ricos em significados, mas, simples e diretos, esse recurso torna-o compreensível para todos, atingindo diferentes setores da sociedade. “Também vós aprendestes a ver os outros, de modo particular os mais *pobres*; [...] Uma atenção que, lentamente, deixa de ser tal para se tornar encontro, abraço: confundem-se quantos ajudam com os que são ajudados. Quem é o protagonista? Ambos, ou melhor, o abraço!”.⁶¹ Francisco é um homem comum e faz questão de continuar assim, apesar de todo o aparato que cerca o dia a dia de um Papa.

Os textos de Francisco trazem sua marca inequívoca, o que se pode observar de imediato na leitura: linguagem simples e direta (que rompe com as abstrações), utilização dos textos bíblicos como fonte principal (antes dos textos do Magistério), tom eminentemente pastoral (e menos especulativo), diálogo com fontes diversas (de fora do patrimônio teórico da Igreja), autocrítica da prática Igreja (e não defesa de uma doutrina católica) e crítica direta à sociedade atual (sem arranjos de linguagem que afirmam o meio termo). (PASSOS, 2016b, p.81)

Os que não simpatizam com o Papa, utilizam a sua simplicidade e o seu estilo comum para o rotularem de populista, peronista e outros termos. Conforme Cuda, desconhecem o Papa, que é um líder espiritual cristão e católico e também desconhecem o real significado de alguns desses termos:

Nem o peronismo é fascismo, mas democracia participativa popular, ou o que é pejorativamente chamado populismo; nem o Papa é peronista. O Papa é cristão e católico. Dizer que o peronismo é fascismo implica ignorar o debate que teve lugar na academia e na militância argentina - tanto peronista como socialista - entre os anos sessenta e setenta; Assim como dizer que o Papa é peronista, implica desconhecer o catolicismo em geral e a Teologia do Povo em particular. (2016, p.113, tradução nossa)⁶²

⁶¹ PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO DURANTE A VISITA À COMUNIDADE DE SANTO EGÍDIO. *Basílica de Santa Maria em Trastevere. Domingo, 15 de Junho de 2014. Disponível em:* <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papa-francesco_20140615_comunita-sant-egidio.html>. Acesso em: 22/09/2017.

⁶² “Ni el peronismo es fascismo sino democracia participativa popular, o lo que que peyorativamente se denomina populismo; ni el Papa es peronista. El Papa es cristiano y católico. Decir que el peronismo es fascismo implica desconocer el debate que se dio en la academia y la militancia argentina - tanto peronista

Francisco parece beber também, nas fontes de um cristianismo primitivo, no qual, o pobre era o protagonista da história, e a Igreja existia para o pobre, todo o tipo de pobre. Podemos atestar esse pensamento, em um trecho de seu interrogatório no Processo ESMA⁶³, ocorrido quando ainda era o Cardeal Bergoglio:

Eram os sacerdotes que trabalhavam nos bairros pobres. [...] embora a escolha dos pobres remonte aos primeiros séculos do cristianismo. Está no próprio Evangelho. Se eu lesse hoje, como homilia, alguns sermões dos primeiros Padres da Igreja, dos séculos II e III, sobre como devam ser tratados os pobres, os senhores diriam que a minha homilia seria maoísta ou trotskista. A Igreja sempre honrou a escolha de preferir os pobres. Considerava os pobres o tesouro da Igreja. Durante a perseguição do diácono Lourenço, que era administrador da diocese, quando lhe pediram para levar todos os tesouros da Igreja [...] apresentou-se com um mar de pobres e disse: “Estes são o tesouro da Igreja”. E estou falando dos séculos II e III. A escolha dos pobres vem do Evangelho. Durante o Concílio Vaticano II, reformula-se a definição de Igreja como povo de Deus, e é aí que esse conceito ganha força e, na segunda Conferência geral do episcopado latino-americano, em Medellín, se transforma na forte identidade da América Latina. (SCAVO, 2013, p.160)

Os problemas já vivenciados pela humanidade propiciaram ao ser humano alcançar uma maior compreensão dos seus direitos e obrigações, e esse parece ser o momento em que as autoridades espirituais podem ajudar, se conscientizando da sua responsabilidade no sentido de promover essa maior compreensão e não colocando obstáculos para que isso aconteça. Nesse sentido, o Papa Francisco carrega consigo a experiência privilegiada de um Bergoglio que viveu os problemas de credibilidade da Igreja na Argentina, pós-ditadura:

Nem mesmo as Igrejas eram mais um abrigo seguro. Aos padres traidores, aos medrosos, aos que abertamente defendiam o regime juntavam-se os infiltrados. E não era difícil, naquela capital com muitos olhos e orelhas demais. [...] Todavia, nos anos da Guerra suja, muitos deram um jeito de não ouvir e de não olhar. Também a Igreja acabaria

como socialista -, entre los años sesenta y setenta; del mismo modo que decir que el Papa es peronista implica desconocer el catolicismo en general y la Teología del Pueblo en particular.”

⁶³ ESMA é o acrônimo de Escuela Superior de Mecánica de la Armada, a escola dos oficiais da Marinha militar argentina, em Buenos Aires. Durante o período da ditadura foi o centro de detenção e de tortura mais tristemente ativo de toda a Argentina. (SCAVO, 2013)

aos pedaços. Com a credibilidade a ser reconquistada e uma comunidade a ser reconstruída. (SCAVO, 2013, p. 46-47)

Transformar a humanidade marginalizada, pode ser função de todos os credos e essa função dificilmente conseguira ser exercida nos dias de hoje através da exaltação do medo, das exclusões e de hábitos que, ainda que culturais, não se harmonizam com o atual estágio civilizatório. No pensamento de Francisco encontramos o eco dessa realidade e dessa necessidade de transformação, para o bem:

O nosso ser criado à imagem e semelhança de Deus-comunhão chamamos a compreender a nós mesmos como seres-em-relação e a viver as relações interpessoais na solidariedade e no amor recíproco. Tais relações realizam-se, antes de tudo, no âmbito das nossas comunidades eclesiais, para que seja cada vez mais evidente a imagem da nossa Igreja ícone da Trindade. Mas realizam-se em qualquer outra relação social, da família às amizades e ao ambiente de trabalho: trata-se de ocasiões concretas que nos são oferecidas para construir relações cada vez mais ricas humanamente, capazes de respeito recíproco e de amor abnegado.⁶⁴

Podemos dizer que nesse patamar, se encontra a Igreja católica, carente de mudanças urgentes que não vão em desencontro a Igreja de Jesus, mas sim, as interpretações que foram sendo assumidas como verdades espirituais ao longo de sua história.

Os tradicionalismos e os comunitarismos hoje em alta e com velhos e novos formatos constituem, com efeito, retornos a formas pré-modernas de vida, em nome da crise trazida pela modernidade relativista e individualista. [...] trata-se da busca de segurança que dispensa o risco da escolha, o trabalho do discernimento e a decisão pessoal. A regra comum se impõe sobre a autonomia. [...] Para alguns, apenas membros de uma coletividade tirânica [...] O culto à autoridade e à norma instituída se torna um absoluto que se sobrepõe aos processos de crescimento pessoal e ao diálogo com as diferenças. Assim se organizam as tribos urbanas, as seitas fundamentalistas, os grupos integristas e muitos grupos novos dentro da Igreja. (PASSOS, 2016a, p.160-161)

⁶⁴ Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 22 de maio de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160522.html>. Acesso em: 28/04/2017.

É perceptível que o Papa Francisco é uma pessoa que se compadece com o restante do mundo que sofre. “Dia após dia, tocados pela sua compaixão, podemos também nós tornar-nos compassivos para com todos. ” (MV 14). Em suas palavras encontramos a compaixão expressa em solidariedade e respeito não somente para com as pessoas, mas para com a deterioração das relações, da sociedade e do meio ambiente.

Dou graças a Deus por me ter dado a oportunidade de vir a esta terra e encontrar-me convosco, muitos de vós vindos de várias partes do mundo. Como católicos, fazemos parte duma grande família, sustentada por uma mesma comunhão. Animo-vos a viver a vossa fé na oração, nos Sacramentos e no serviço generoso a quem passa necessidade e sofre. Encorajo-vos a ser sal e luz, nas circunstâncias concretas onde viveis, com o vosso modo de ser e agir segundo o estilo de Jesus e com grande respeito e solidariedade para com os irmãos e irmãs doutras Igrejas e Comunidades cristãs e todas as pessoas de boa vontade.⁶⁵

Francisco tem se esforçado no sentido de levar a compreensão dessas urgências por que passa a nossa época, para dentro da própria instituição católica, especialmente as alas conservadoras e aos milhares de cristãos espalhados pelo mundo, que tratam o cristianismo como parte de uma herança familiar a qual não conhecem ou ainda não tomaram posse, pois, nem faz parte do seu interior. Conforme Josaphat:

O papa Francisco lança como base de tudo o pequeno e incontido verbo sair. [...] A Igreja em saída é a libertação do inferno, daquele inferno descrito por Sartre: de gente fechada em seu egoísmo efervescente se afrontando dentro de ‘Quatro paredes’. Sair, sair do egoísmo individual, familiar, econômico, político, é libertar-se e se tornar missionária da libertação da religião e da humanidade. [...] Semelhante projeto exige a difícil compreensão da consciência social na história da Igreja e da humanidade. “ (2016, p.46-47)

As renovações pelas quais tem se empenhado e pelas quais nem a idade vem representar um empecilho, são renovações necessárias a uma Igreja que, assim como a humanidade ao longo de sua história, também cresceu em conhecimentos e possibilidades, e que tem como um ideal, a evangelização. Conforme Passos:

⁶⁵ Papa Francisco. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Suécia. Solenidade de todos os santos. *Angelus*. Malmö. Terça-feira, 01 de novembro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus-svezia_20161101.html>. Acesso em: 28/04/2017.

A evangelização é um modo de se posicionar entre o Evangelho e o mundo, de confrontá-los permanentemente na busca da vida nova para todos. A Igreja se refaz na medida em que é capaz de sair de si em duas direções: à sua fonte primeira, o Evangelho, e ao seu lugar, o mundo. (2016a, p.171)

Nos textos bíblicos, é frequente a compaixão manifestada por Jesus em sua evangelização, como se ele próprio fosse a personificação da compaixão. Para os cristãos Jesus representa a face humana de Deus. Francisco, representa a Igreja que quer seguir os passos do seu mestre Jesus. Um discípulo e apóstolo que quer renovações que se apresentam em sintonia com a evangelização cristã:

Jesus, guiado pela misericórdia, procurava precisamente por ele. E ao entrar na casa de Zaqueu disse-lhe: «Hoje houve salvação nesta casa, porque este também é filho de Abraão. Pois o filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido» (vv. 9-10). O olhar de Jesus vai para além dos pecados e dos preconceitos. Isto é importante! Devemos aprendê-lo. O olhar de Jesus vai além dos pecados e dos preconceitos; ele vê a pessoa com os olhos de Deus, que não se detém no mal passado, mas entrevê o bem futuro; Jesus não se resigna aos fechamentos, mas sempre abre, sempre abre novos espaços de vida; não se detém nas aparências, mas olha para o coração. E neste caso olhou para o coração ferido deste homem: ferido pelo pecado da cupidez, pelas numerosas coisas más que este Zaqueu tinha cometido. Olha para aquele coração ferido e vai ali.⁶⁶

Em Francisco, encontramos uma pessoa que se posiciona contra o individualismo, contra uma Igreja de tijolos e cercada de portões e de muros. A mensagem que transmite com a sua vida, é que ser Igreja e ser humanidade representa muito mais do que uma construção, e que não é pela exclusão ou pela criação de muros de isolamento que a humanidade caminhará para a vivência de um alto grau de civilização, mas sim, com a inclusão, a acolhida e com a promoção do bem-estar geral.

Através de seus pronunciamentos, é possível deduzir que, para Francisco, dignificar o ser humano e o planeta Terra com todas as suas espécies, é glorificar a Deus e isso não parece ser possível, quando são erguidas fronteiras em nome de leis, decretos

⁶⁶ Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 30 de outubro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20161030.html>. Acesso em: 28/04/2017.

e hábitos que podem ter representado uma função importante até então, mas que não se justificam como meros instrumentos de coerção e imposição ao crescimento da dignidade humana, religiosa e planetária.

Ele pede uma atitude que não se coadune com o erro, mas que trabalhe para transformar uma realidade provocada pelo erro em algo bom, transformar algo vergonhoso em algo digno, a guerra em paz, a prisão em liberdade, a doença em saúde e a violência em um ato de amor. Francisco deixa claro que quer mudanças que dignifiquem a vida em todos os seus estágios. Não destruindo ou atirando pedras, mas transformando:

Quantas vezes ouvi objecções na minha vida de sacerdote. «Mas, dizei-me, por que se opõe a Igreja ao aborto, por exemplo? É um problema religioso?» — Não, não é. Não se trata de um problema religioso» — «É um problema filosófico?» — «Não, não é um problema filosófico». É um problema científico, porque se trata de uma vida humana e não é lícito eliminar uma vida humana para resolver um problema. «Mas não, o pensamento moderno...» — «Mas, ouve, no pensamento antigo e no pensamento moderno, a palavra *matar* tem o mesmo significado!». O mesmo é válido para a eutanásia: todos sabemos que com tantos idosos, nesta cultura do descarte, se pratica a eutanásia escondida. Mas, há também a outra. E isto significa dizer a Deus: «Não, o fim da vida sou eu que o decido, como quero». É um pecado contra Deus Criador. Pensai bem sobre isto.⁶⁷

Francisco parece abraçar o desafio com uma atitude de quem sabe que, assim como ele, todas as pessoas têm o potencial para desenvolver um olhar holístico, capaz de sensibilizar o seu interior e transformar a indiferença dominante em compaixão genuína. Ele certamente sabe que a história do mundo é uma história de migração e transformação. Uma história também de muros que foram erguidos e destruídos e de fronteiras que foram vencidas nos âmbitos, cultural, científico, religioso, entre outros. Assim é o ser humano em seu processo de diálogo, compreensão, amor, comunhão.

Mas o mistério da Trindade fala-nos hoje novamente da *nossa relação com o Pai, o Filho e o Espírito Santo*. Com efeito, mediante o Batismo, o Espírito Santo inseriu-nos no coração e na própria vida de Deus, que é comunhão de amor. Deus é uma «família» de três Pessoas que se

⁶⁷ DISCURSO DO PAPA FRANCISCO. AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS CATÓLICOS ITALIANOS. Sala Paulo VI. Sábado, 15 de Novembro de 2014.

Diponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141115_medici-cattolici-italiani.html>. Acesso em: 22/09/2017.

amam tanto a ponto de formar uma só. Esta «família divina» não está fechada em si mesma, mas está aberta, comunica-se na criação e na história e entrou no mundo dos homens para chamar todos a fazer parte dele. O horizonte trinitário de comunhão envolve-nos todos e estimula-nos a viver no amor e na partilha fraterna, na certeza de que onde há amor, há Deus.⁶⁸

Ao encarar os seus opositores, o Papa Francisco demonstra uma força e firmeza dignas de um jovem, na defesa de novos ares na Igreja. E com essa jovialidade ele segue aparentemente imperturbável na sua posição de líder mundial da Igreja. Sem meias palavras, ele vai se desnudando aos olhos de todos e se mostrando como humano, ou o que é ser um humano e mais ainda, que a Igreja é constituída de humanos.

Em Buenos Aires [...] havia um confessor famoso: ele era sacramentino. Praticamente todo o clero ia confessar-se com ele. Quando João Paulo II pediu um confessor à Nunciatura, numa das duas vezes que veio, ele foi escolhido. [...]. Naquela época, eu era vigário-geral e residia na sede da Cúria. [...] E na manhã de Páscoa li um fax [...] faleceu o padre Aristi, [...] lá estava o féretro; só estavam presentes duas velhinhas que rezavam, e não havia flores. Pensei: mas este homem, que perdoou os pecados a todo o clero de Buenos Aires, e também a mim, nem sequer uma flor... Subi e fui a um florista [...] e então comprei algumas flores, rosas... Depois, voltei e comecei a preparar bem o caixão, com as flores... Olhei para o Rosário que ele tinha nas mãos... Veio-me algo imediatamente ao pensamento — aquele ladrão que todos temos dentro de nós, não? — e enquanto eu arranjava as flores, peguei na cruz do Rosário e, com um pouco de força, arranquei-a. Naquele momento olhei para ele e disse: «Concede-me metade da tua misericórdia». Senti uma força que me incutiu a coragem de fazer isto e de recitar aquela oração! Em seguida, coloquei aquela cruz aqui, no bolso. As camisas do Papa não têm bolsos, mas eu trago-a sempre comigo num saquinho de pano e, desde aquele dia até hoje, aquela cruz está comigo. E quando me vem um pensamento mau contra uma pessoa qualquer, a minha mão vem sempre para o peito, sempre. E sinto a graça! Sinto que me faz bem. [aplausos]. Como faz bem o exemplo de um sacerdote misericordioso, de um presbítero que se aproxima das feridas...⁶⁹

⁶⁸ Papa Francisco. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 22 de maio de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160522.html>. Acesso em: 28/04/2017.

⁶⁹ DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PÁROCOS DA DIOCESE DE ROMA. Sala Paulo VI, 6 de Março de 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140306_clero-diocesi-roma.pdf>. Acesso em: 22/09/2017.

Conclusão

Após tentarmos esboçar um retrato de Francisco dentro do cenário da atualidade, conhecendo um pouco do educador, do intermediador e do líder da Igreja Católica, chegamos à conclusão que a sua história é a de um educador que passou por experiências que certamente influenciaram em sua personalidade destemida e autêntica. Um humano que encontra na simplicidade, no trabalho e na fé que demonstra possuir o sentido de gratificação e alegria da vida. Os desafios de Francisco são os desafios da Igreja Católica.

Dizer que hoje a Igreja Católica enfrenta um dos maiores desafios de sua história ou talvez o maior, pode soar estranho num primeiro momento, mas quando analisamos o contexto atual por que passa a humanidade e o planeta, esse soar estranho adquire notas bem nítidas e nos permite entender com muita clareza do que se trata esse desafio.

Além de continuar o seu trabalho missionário, levando os ensinamentos de Cristo, afinal, levar esses ensinamentos se constitui um dos pilares e justificativas para a existência da Igreja Católica, também enfrenta o desafio de ser resgatada da infame nódoa causada pelos escândalos em que se encontra envolvida, especialmente, os casos de pedofilia. O Papa Francisco pede perdão e não demonstra querer esconder esses escândalos:

Sei que as vossas feridas são uma fonte de profunda e muitas vezes implacável pena emotiva e espiritual e até mesmo de desespero. [...] Os pecados de abuso sexual contra menores por parte de membros do clero têm um efeito devastador sobre a fé e a esperança em Deus. [...] Diante de Deus e do seu povo, sinto-me profundamente consternado pelos pecados e os crimes graves de abuso sexual cometidos por membros do clero contra vós e humildemente peço perdão. [...] Não há lugar, no ministério da Igreja, para aqueles que cometem abusos sexuais [...] Vale, para todos nós, o conselho que Jesus deu para quantos dão escândalo: ...a mó do moinho e mar (cf. *Mt* 18, 6). [...] Jesus sai de um julgamento injusto, de um interrogatório cruel e fixa os olhos de Pedro e Pedro chora. Nós pedimos-Lhe que nos olhe, que nos deixemos olhar e possamos chorar, e que nos dê a graça da vergonha, para podermos – como Pedro, quarenta dias mais tarde – responder-Lhe: «Tu sabes que Te amamos» e ouvir a sua voz: «Volta ao teu caminho e apascenta as minhas ovelhas e – acrescento eu – não permitas que algum lobo entre no rebanho».⁷⁰

⁷⁰ SANTA MISSA NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA COM ALGUMAS VÍTIMAS DE ABUSOS SEXUAIS POR PARTE DO CLERO. *HOMILIA DO PAPA FRANCISCO*. Segunda-feira, 7 de Julho de 2014. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140707_omelia-vittime-abusi.html>. Acesso em:

Pedir perdão também se revela um ato de compaixão, quando motivado não só pela consciência do erro, mas também pela consciência do sofrimento causado e a preocupação com a vítima do sofrimento. Sobrino fala de uma espiritualidade do perdão, que por amor perdoa, mas também impede que um ato de opressão continue a ocorrer, e esse impedimento também é um ato de amor e libertação, tanto para quem sofre a opressão como para quem pratica.

A espiritualidade do perdão deve integrar esta tensão de amor e destruição, e isso só pode ser feito a partir de um grande amor que compreenda a destruição do pecador como amor. Por amor se deve estar disposto à acolhida do pecador, perdoadando-lhe, e se deve estar disposto a lhe impossibilitar os frutos desumanizantes para outros e para ele mesmo. [...] A cena do convertido Zaqueu mostra que esse amor quer ser verdadeiramente recriador. Este não é somente acolhido por Jesus e, assim, perdoado, mas libertado de seu ser opressor e, assim, salvo. (SOBRINO, 1994, p.107-108)

A crise interna na Igreja Católica, motivada pelos inúmeros escândalos noticiados diariamente pela mídia e a diminuição do número de vocacionados ao sacerdócio, representam fatores que dificultam a sua expansão, põe em risco a credibilidade da instituição e também a sua conservação, onde ela já se encontra presente.

A busca religiosa não se apagou, continua forte, um tanto desorientada, por aí, fora das estruturas institucionais. Em minha opinião, os líderes religiosos têm o desafio maior de saber como conduzir essa força. A evangelização é fundamental, mas não o proselitismo, que hoje – graças a Deus – está riscado do dicionário pastoral. Bento XVI tem uma expressão muito bonita: “A Igreja é uma proposta que chega por atração, não por proselitismo”. Trata-se de uma atração por meio do testemunho. (BERGOGLIO, 2013, p.183)

Os desafios não param por aí, essa Igreja missionária sabe de sua responsabilidade em auxiliar na conscientização para uma educação ecológica, além de espiritual, ajudando a garantir o futuro das novas gerações.

Pensar que temos que deixar uma herança é uma dimensão antropológica e religiosa extremamente séria, que fala de dignidade. É dizer a si mesmo: não me encerro em mim, não me limito à minha vida,

o que é meu vai passar pelo menos a meus filhos, a quem deixarei uma herança. E, mesmo que não tenha filhos, a herança existe. [...] aquele que vive só o momento não pensa na questão da herança, só se importa com a conjuntura, os anos de vida que pode ter. A herança, porém, se desenvolve na peregrinação da humanidade no tempo: o homem recebe algo e tem que deixar algo melhor. (BERGOGLIO, 2013, p.73)

A Igreja tem demonstrado interesse e preocupação com o meio ambiente, conforme Francisco, os seus predecessores, auxiliados por estudiosos, já haviam manifestado alertas sobre a crise que afeta o planeta:

São João Paulo II debruçou-se, com interesse sempre maior, sobre este tema. Na sua primeira encíclica, advertiu que o ser humano parece «não dar-se conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles que servem somente para os fins de um uso ou consumo imediatos».[4] Mais tarde, convidou a uma *conversão* ecológica global.[5] O meu predecessor, Bento XVI, renovou o convite a «eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito do meio ambiente».[...] É que «a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana».[11] O Papa Bento XVI propôs-nos reconhecer que o ambiente natural está cheio de chagas causadas pelo nosso comportamento irresponsável; o próprio ambiente social tem as suas chagas [...]«onde nós mesmos somos a última instância, onde o conjunto é simplesmente nossa propriedade e onde o consumimos somente para nós mesmos. E o desperdício da criação começa onde já não reconhecemos qualquer instância acima de nós, mas vemo-nos unicamente a nós mesmos».[13][...] (LS 5, 6, 7)

O empenho demonstrado por Francisco ao querer dialogar com a humanidade sobre os problemas que afetam essa mesma humanidade e o nosso planeta, com todas as suas formas de vida, denota compromisso com a realidade dos fatos. Esse senso de responsabilidade está presente nos seus discursos e documentos e isso fica patente, quando toca em assuntos muito delicados e que retornam para ele de forma ingrata, mesmo assim, o que podemos perceber é que tem se mostrado firme em seu trabalho.

Francisco encontra oposição dentro de sua igreja, sendo até mesmo acusado de herege. Há católicos que pedem o próximo Papa, não apoiam a sua fala e se referem a ele como um teólogo pobre e digno do fim do mundo, mas, quando observamos o seu discurso, percebe-se que o medo não é o seu companheiro na hora de passar as suas mensagens, pois, essas são muito diretas e sinceras, não vem em forma de recados.

CAPÍTULO TERCEIRO

A COMPAIXÃO NA *LAUDATO SI'* DE FRANCISCO

Introdução

A *Laudato Si'*, apresenta um texto multidisciplinar, elencando e detalhando generalidades e vieses de ciências como a antropologia, ecologia, teologia, entre outras. Para o cientista da religião, a multidisciplinaridade nos estudos é característica dessa ciência, sendo assim, nesta terceira parte do trabalho intentamos fazer uma investigação e identificação dos significados antropológico, ecológico e teológico da categoria compaixão presentes na encíclica, bem como suas interligações. E finalizamos estabelecendo uma relação simbólica entre a categoria compaixão, a *casa comum* e o planeta Terra, enfatizando plasticamente a espiritualidade contida nessa relação.

Em seus documentos e especialmente na *Laudato Si'*, podemos comprovar o quanto Francisco não só está consciente das realidades atuais que afetam a vida humana, mas também assume essa consciência com uma postura engajada em defesa da vida. Uma rogativa a todas as consciências. Na encíclica, reiteradamente é abordada a questão do antropocentrismo moderno como sendo desordenado e despótico, por não considerar o que está além dos próprios interesses, colocando as razões técnica acima da realidade humana e alimentando uma cultura do descarte, onde o ser humano não fica de fora.

A situação de abandono e rejeição de crianças e idosos bem como a situação de crise em instituições consideradas pilares numa sociedade, tais como a família e o

emprego, são reflexos dessa cultura do descarte, que acaba por gerar uma multidão de *famintos* de todo o tipo de carência, carência de pão, de amor, de amizade, de confiança, de pertença.

Estes problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte, que afecta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo. [...]. Tendo em conta que o ser humano também é uma criatura deste mundo, que tem direito a viver e ser feliz e, além disso, possui uma dignidade especial, não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo actual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas. [...] Muitas vezes encontra-se uma cidade bela e cheia de espaços verdes e bem cuidados nalgumas áreas «seguras», mas não em áreas menos visíveis, onde vivem os descartados da sociedade. [...] É a mesma lógica relativista a que justifica a compra de órgãos dos pobres[...]ou o descarte de crianças porque não correspondem ao desejo de seus pais? É a mesma lógica do «usa e joga fora» que produz tantos resíduos, só pelo desejo desordenado de consumir mais do que realmente se tem necessidade. [...] Nas condições actuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. (LS 22, 43, 45, 123, 158)

Entendemos que o ser humano necessita sentir que pertence a algo forte, estável, que lhe traga prazer duradouro, prazer de se sentir parte ainda que pequena, mas importante dentro de um contexto criativo, podendo até ser entendido como uma necessidade de ser admirado, estimado, mas, ainda que seja assim, essa necessidade não incorre em prejuízo de carácter do ser humano, por ser algo natural e que ocasiona em alegria. Podemos concluir que o ser humano precisa do outro para provocar o sentimento de pertença, a admiração.

Em tempos da cultura do descarte, as relações humanas, sejam elas, pessoais, profissionais, entre outras, parecem estar inseridas dentro dessa cultura. Estas relações se caracterizam como enfraquecidas e não duradouras, carentes de comprometimento, de valores éticos e até de amor, que possibilitem um respeito e um cuidado, a fim de se fortalecerem e criarem raízes. Francisco propõe em carácter urgente, um processo de integração do homem com o homem, com as espécies que habitam o planeta e com o próprio planeta.

A ciência tem feito maravilhas para a humanidade, mas paralelamente também tem feito um grande estrago. O desenvolvimento tecnológico favorece o individualismo e até o desprezo pelas relações humanas. Na busca do conhecimento não existem limites, pelo contrário, a regra tem sido superar os limites, sem se importar com a responsabilidade e o respeito éticos, uma vez que esses ficam para trás. “O século XXI não conseguirá concretizar a crença de que vivemos hoje uma sociedade do conhecimento se não virarmos a página dos centrismos.” (CARVALHO, 2016, p.122)

A reformulação ecológica da antropologia alberga consequências incisivas para a relação de cultura e para a ética. Pois a *cultura* não pode mais ser definida agora somente na linha da elaboração e superação da natureza, mas abarca também as maneiras de proteger, cuidar, reconstituir, deixar repousar e integrar. A *ética* enquanto preocupação por uma vida boa, orientada pelo sentido, porém, deverá doravante envolver o cuidado de conservar a criação. O mundo ambiente não é mais apenas constitutivo antropológico, mas também objeto do agir moralmente responsável. (HILPERT, 1993, p.209)

O perigo escatológico por que passa a nossa Era, vem sendo alertado por cientistas conscientes, que se transformaram nos novos *profetas*, e que há algum tempo, estão trabalhando e buscando espaço entre os *senhores de planos*, ou seja, os que detém o poder, representados pelos governantes, grandes empresas, grandes riquezas, essa minoria que também detém o poder de realizar grandes transformações tanto para o bem quanto para o mal.

Há uma constatação de extrema seriedade expressa no fato de que a humanidade é portadora de profundas feridas e que não sabe como curá-las. [...] É preciso retomar o caminho da ética, da justiça, da sabedoria, bases da misericórdia. É necessário, porém, acabar com o maior de todos os pecados: a corrupção. Transformada em sistema, torna-se hábito mental, modo de viver. [...]. Sua autoestima se baseia na fraude, no oportunismo, na indignidade, na total ausência de compaixão. É preciso ensinar a misericórdia às crianças. ” (CARVALHO, 2016, p.125)

Aqui traduzimos o mal como a capacidade de destruir o ambiente, a sociedade, as relações e os seres que dela fazem parte, e traduzimos como o bem, a capacidade de desenvolver pessoas, relações e sociedades que cuidem com responsabilidade e respeito

de si mesmas e das outras, bem como do ambiente planetário e de todos os seres que dele fazem parte.

A degradação crescente de nossa casa comum, a Terra, denuncia nossa crise de adolescência. [...]. Formalizando a questão, podemos dizer: mais que o fim do mundo estamos assistindo ao fim de um *tipo* de mundo. Enfrentamos uma crise civilizacional generalizada. Precisamos de um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais benfazeja para com a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos no sentido de respeito e de preservação de tudo o que existe e vive. Só a partir desta mutação faz sentido pensarmos em alternativas que representem uma nova esperança. (BOFF, 1999, p.17-18)

“Há em nossa sociedade um conflito de fundo entre a lógica do desenvolvimento econômico e a lógica que governa a biosfera. ” (OLIVEIRA, 2016, p.139). O Papa Francisco não só escutou esses estudiosos, como deu voz a eles se fazendo quase como um porta voz de todos os que se sensibilizam com a situação atual do planeta, das espécies e de milhões de pobres em todo o tipo de pobreza. Porta voz daqueles que sabem que enfrentamos uma crise sem precedentes e que se não agirmos, não teremos futuro.

1. Significado Antropológico

Embora a espécie humana seja detentora de uma inteligência diferenciada em relação as outras espécies, isso não implica que as outras espécies não devam ter o seu direito de convívio, nessa casa, assegurado. Essa inteligência pode até levar o ser humano a se compreender como sujeito central da criação, mas, ainda que assim seja, para sobreviver, o ser humano necessita de todas as outras espécies.

E para melhor compreender essa relação de direitos e obrigações e o quanto a humanidade encontra-se em débito consigo mesma, com as outras espécies e com o planeta, Francisco em sua encíclica, faz um levantamento detalhado, do que consiste em essa *dívida*, indicando as consequências atuais e futuras e apresentando soluções.

Em termos gerais, a encíclica busca abrir caminhos para a conscientização de que, esse planeta que é a nossa *casa comum*, representa a única *casa* onde a humanidade pode sobreviver, não existe outra *casa* ou outro planeta habitável, não que conheçamos e não há uma nave espacial que comporte toda a humanidade.

“O antropocentrismo é consequência da compreensão ilusória de que somos donos e senhores das coisas quando temos o nosso lugar no conjunto dos seres, como parte e

parcela da natureza, e com responsabilidade ética de guardá-la e cuidá-la. “ (BOFF, 2016, p. 19-20). Para essa *casa comum* sobreviver, é crucial que o meio ambiente com todas as suas espécies, mesmo o mais insignificante dos insetos, seja preservado. A extinção de um ser vivo pode impactar no meio ambiente e isso já acontece.

A maioria da humanidade relegada, as outras espécies ameaçadas e o planeta Terra maltratado, constitui o *pobre* de Francisco. Pobre também é aquele que não tem como se defender frente a agressão, a injustiça e a falta de compaixão.

Entende-se que o cerne do significado antropológico da compaixão na encíclica está presente na rogativa ao ser humano de superar qualquer exclusivismo centralizador através do reconhecimento da responsabilidade que lhe confere a dignidade de ser colocado como sujeito central da criação.

Como se pode observar na encíclica, o alcance dessa compreensão se dá nas diversas vezes em que Francisco fala da necessidade do homem compreender-se como criatura responsável e em comunhão com todas as outras criaturas e não como criador ou senhor do universo. Conforme Dowbor, essa visão antropocêntrica é irracional:

Temos de tomar certa distância sobre a nossa visão de *homo sapiens*, e entender um pouco mais como podemos avançar tanto no plano tecnológico, e tão pouco na organização do convívio civilizado. O ódio, a atribuição de total ignorância e perversão aos que pensam de maneira diferente, são atitudes que passam ao largo do fato que a organização de um convívio solidário e criativo para o conjunto da humanidade exige soluções concretas, como a regulação das corporações, a instituição de políticas distributivas e assim por diante. Precisamos ter, de certa maneira, uma visão racional das nossas irracionalidades. “ (2016, p. 284)

Francisco aponta o antropocentrismo moderno, como causa de uma sociedade individualista, egoísta e descartável, e apela para a urgência da necessidade de mudanças nos hábitos, costumes e relações dessa sociedade, propondo como parâmetros de mudança, uma série de elementos que pertencem a categoria compaixão, tais como: responsabilidade, respeito, compreensão, comunhão, entre outros:

O antropocentrismo moderno acabou, paradoxalmente, por colocar a razão técnica acima da realidade, porque este ser humano «já não sente a natureza como norma válida nem como um refúgio vivente. Sem se pôr qualquer hipótese, vê-a, objectivamente, como espaço e matéria onde realizar uma obra em que se imerge completamente, sem se

importar com o que possa suceder a ela».[92] Assim debilita-se o valor intrínseco do mundo. Mas, se o ser humano não redescobre o seu verdadeiro lugar, compreende-se mal a si mesmo e acaba por contradizer a sua própria realidade. «Não só a terra foi dada por Deus ao homem, que a deve usar respeitando a intenção originária de bem, segundo a qual lhe foi entregue; mas o homem é doado a si mesmo por Deus, devendo por isso respeitar a estrutura natural e moral de que foi dotado».[93] (LS 115)

Temos assistido o processo de globalização que caminha junto com o progresso tecnológico em uma velocidade praticamente irrefreável, esse progresso vem favorecendo o ser humano com descobertas e invenções, capazes de aumentar a velocidade do uso do tempo e do espaço, mas que também trouxe consigo, efeitos colaterais para todo o planeta.

A falta de preocupação por medir os danos à natureza e o impacto ambiental das decisões é apenas o reflexo evidente do desinteresse em reconhecer a mensagem que a natureza traz inscrita nas suas próprias estruturas. Quando, na própria realidade, não se reconhece a importância dum pobre, dum embrião humano, duma pessoa com deficiência – só para dar alguns exemplos –, dificilmente se saberá escutar os gritos da própria natureza. Tudo está interligado. Se o ser humano se declara autónomo da realidade e se constitui dominador absoluto, desmorona-se a própria base da sua existência, porque «em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza».[95] (LS 117)

Uma das atitudes que caracterizam a compaixão é a liberdade de se comprometer com o bem-estar do outro. Um comportamento de se colocar a serviço do outro motivado e guiado pelo amor. Esse tipo de comportamento tem a capacidade de curar as relações sociais doentes, pois nasce da vontade de realizar o que se vive, mas, mesmo que não haja amor, ainda assim, parece existir uma obrigação moral.

Agir por amor à humanidade é agir em conformidade com o dever, mas não por dever. Pelo contrário, qualquer que seja o meu sentimento pela humanidade, agir tratando a humanidade na minha pessoa e na pessoa de outrem sempre como um fim, nunca simplesmente como um meio, é agir por dever, ou seja por simples respeito pela lei moral. (CLÉMENT et alii, 1997, p.334)

Esse antropocentrismo moderno que tem dominado as relações, é capaz de minar a liberdade do indivíduo de se comprometer com o outro, um exemplo disso pode ser encontrado nos ambientes corporativos.

Temos assistido o crescimento do desemprego em níveis assustadores e isso se deve, em parte, pela tecnologia de automação do trabalho. Ao mesmo tempo que essa tecnologia maximiza os lucros, também faz aumentar a escassez de empregos. Via de regra o trabalhador é sempre visto como o primeiro custo a ser cortado. Em virtude do exposto, podemos considerar que dentro da cultura do descartável, encontram-se as relações de trabalho.

Somos chamados ao trabalho desde a nossa criação. Não se deve procurar que o progresso tecnológico substitua cada vez mais o trabalho humano: procedendo assim, a humanidade prejudicar-se-ia a si mesma. O trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização pessoal. Neste sentido, ajudar os pobres com o dinheiro deve ser sempre um remédio provisório para enfrentar emergências. O verdadeiro objectivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho. Mas a orientação da economia favoreceu um tipo de progresso tecnológico cuja finalidade é reduzir os custos de produção com base na diminuição dos postos de trabalho, que são substituídos por máquinas. É mais um exemplo de como a acção do homem se pode voltar contra si mesmo. (LS 128)

O ser humano necessita do trabalho para a sua sobrevivência, mas, como no mundo não há trabalho para todos, a miséria e o medo ganham espaço, eliminando a possibilidade de atos de generosidade e solidariedade e rompendo com laços de irmandade já existentes. Nesse caso, o que temos assistido é uma perversão de valores e uma individualidade beirando a obsessão.

As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. [...]. Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia. Quando a pessoa humana é considerada apenas mais um ser entre outros, que provém de jogos do acaso ou dum determinismo físico, «corre o risco de atenuar-se, nas consciências, a noção da responsabilidade». [...] O homem e a mulher deste mundo pós-moderno correm o risco permanente de se tornar profundamente individualistas, e muitos problemas sociais de hoje estão relacionados com a busca egoísta duma satisfação imediata, com

as crises dos laços familiares e sociais, com as dificuldades em reconhecer o outro. (LS 14, 118, 162)

Para o migrante, a situação de pobreza-morte se agrava frente a possibilidade de ser aceito em um país e integrado nessa sociedade que o recebe. Ser aceito e integrado se caracteriza como uma verdadeira *salvação*. Conforme Francisco:

[...] as mudanças climáticas dão origem a migrações de animais e vegetais que nem sempre conseguem adaptar-se; e isto, por sua vez, afecta os recursos produtivos dos mais pobres, que são forçados também a emigrar com grande incerteza quanto ao futuro da sua vida e dos seus filhos. É trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que, não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa. Infelizmente, verifica-se uma indiferença geral perante estas tragédias, que estão acontecendo agora mesmo em diferentes partes do mundo. A falta de reacções diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre o qual se funda toda a sociedade civil. (LS 25)

O exclusivismo centralizador, parece fazer com que a humanidade encontre dificuldades para desenvolver a compaixão. Os elementos indispensáveis para uma convivência sadia e amorosa mostram-se tímidos. “Que compreensão de ser humano está subentendida no projeto científico-técnico de dominação da natureza? A resposta mais provável será: o ser humano se entende (ilusoriamente) como o ápice do processo de evolução, o centro de todos os seres (antropocentrismo)” (BOFF, 1999, p.35).

Uma parcela da população vive a compensação de sua solidão, do seu sofrimento emocional e decepção consigo próprio, se entregando ao que impulsiona o mercado, ou seja, como parte de um mecanismo, se entrega ao trabalho e ao consumo.

Um antropocentrismo desordenado gera um estilo de vida desordenado. Na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, referi-me ao relativismo prático que caracteriza a nossa época e que é «ainda mais perigoso que o doutrinal».[99] Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, juntamente com a onnipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante. Nisto, há uma lógica que permite compreender como se

alimentam mutuamente diferentes atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social. (LS 122)

A questão tecnológica é abordada em toda a *Laudato Si'*, alertando sobre as consequências de um conhecimento especialista em detrimento de toda uma cadeia de interligações que corresponde o meio ambiente.

“A solidariedade reúne todos numa mesma comunidade. Todos são convocados para defender o que é comum. ” (WANDERLEY, 2016, p. 246). Francisco aponta o egoísmo e o lucro como fatores dominantes nas relações humanas. Os interesses pessoais sobrepõem qualquer escrúpulo ou preocupação em relação aos efeitos desastrosos provocados pelo desenfreado crescimento tecnológico.

[...] o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência. [...]. Por isso, é possível que hoje a humanidade não se dê conta da seriedade dos desafios que se lhe apresentam [...] carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro dum lúcido domínio de si. [...] O paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política. A economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano. A finança sufoca a economia real. [...] A especialização própria da tecnologia comporta grande dificuldade para se conseguir um olhar de conjunto. A fragmentação do saber realiza a sua função no momento de se obter aplicações concretas, mas frequentemente leva a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte alargado: um sentido, que se torna irrelevante. Isto impede de individuar caminhos adequados para resolver os problemas mais complexos do mundo actual, sobretudo os do meio ambiente e dos pobres, que não se podem enfrentar a partir duma única perspectiva nem dum único tipo de interesses. Uma ciência, que pretenda oferecer soluções para os grandes problemas, deveria necessariamente ter em conta tudo o que o conhecimento gerou nas outras áreas do saber, incluindo a filosofia e a ética social. (LS 105, 109, 110)

Em virtude do exposto, torna-se evidente a necessidade do ser humano, crescer em conhecimentos que lhe ajudem a tomar consciência de sua responsabilidade, do respeito e da comunhão, como obrigações para com o meio ambiente. Se assim fosse e se essa sociedade amadurecida nesse conhecimento fosse consultada, como num plebiscito, provavelmente não aprovaria muitas dessas ações que são praticadas e assumidas como sendo referentes ao progresso e a sua evolução.

Como pode a sociedade organizar e salvaguardar o seu futuro num contexto de constantes inovações tecnológicas? Um factor que actua como moderador efectivo é o direito, que estabelece as regras para as condutas permitidas à luz do bem comum. Os limites que uma sociedade sã, madura e soberana deve impor têm a ver com previsão e precaução, regulamentações adequadas, vigilância sobre a aplicação das normas, contraste da corrupção, acções de controle operacional sobre o aparecimento de efeitos não desejados dos processos de produção, e oportuna intervenção perante riscos incertos ou potenciais. [...] O drama duma política focalizada nos resultados imediatos, apoiada também por populações consumistas, torna necessário produzir crescimento a curto prazo. Respondendo a interesses eleitorais, os governos não se aventuram facilmente a irritar a população com medidas que possam afectar o nível de consumo ou pôr em risco investimentos estrangeiros. [...] A grandeza política mostra-se quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo. O poder político tem muita dificuldade em assumir este dever num projecto de nação. (LS 177, 178)

Podemos depreender que essas obrigações se estendem para com as futuras gerações, e que isso também se configure um ato de compaixão. Uma significativa parcela desse ato, cabe ao Estado e aos legisladores, e nesse sentido, conforme Jonas, na história podemos encontrar matéria dignificante no que tange a legisladores:

Além da filosofia, podemos aprender algo nos louvores aos grandes legisladores como Sólon e Licurgo, ou na censura a um estadista como Péricles. [...] O melhor Estado, assim se imaginava, é também o melhor para o futuro, pois o seu equilíbrio interno atual garante o futuro. [...]. Por isso, o legislador não propõe o Estado perfeito em termos ideais, mas o melhor em termos reais, isto é, o melhor Estado possível, tão possível e tão ameaçado hoje quanto o será no futuro. Tal perigo, que ameaça toda ordem com a desordem das paixões humanas, torna necessário que o estadista, no exercício do governo, exercite uma sabedoria estável, para além da sabedoria única e fundadora do legislador. (2006, p.53)

Francisco chama a atenção para agonia por que passa a maioria da humanidade, as outras espécies e o nosso planeta. Esse alerta que corresponde à realidade dos fatos que assistimos na vida diária, faz *brotar nas entranhas*, um misto de sofrimento e sentimento de impotência. Todavia, o *pobre* de Francisco, não parece *tocar as entranhas* daqueles que detêm o poder de representa-los. “A luta pelo poder é hoje cada vez mais uma luta pelo acesso aos conhecimentos, sobretudo na área da biotecnologia, que muitas vezes

conduz a eliminação do debate sobre questões centrais na vida humana, e em última instância, acabam sendo decididas por uma elite tecnocrática.” (OLIVEIRA, 2016, p.140)

Diante desse cenário, podemos concluir que a responsabilidade pelas condições de vida no planeta se concentra no poder de decisão de uma parcela da população, as quais nem conhecemos e nem podemos dizer que nos representam legitimamente.

Esta responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo, porque «Ele deu uma ordem e tudo foi criado; Ele fixou tudo pelos séculos sem fim e estabeleceu leis a que não se pode fugir!» (Sl 148, 5b-6). Consequentemente, a legislação bíblica detém-se a propor ao ser humano várias normas relativas não só às outras pessoas, mas também aos restantes seres vivos: «Se vires o jumento do teu irmão ou o seu boi caídos no caminho, não te desvies deles, mas ajuda-os a levantarem-se. (...) Se encontrares no caminho, em cima de uma árvore ou no chão, um ninho de pássaros com filhotes, ou ovos cobertos pela mãe, não apanharás a mãe com a ninhada» (Dt 22, 4.6). Nesta linha, o descanso do sétimo dia não é proposto só para o ser humano, mas «para que descansem o teu boi e o teu jumento» (Ex 23, 12). Assim nos damos conta de que a Bíblia não dá lugar a um antropocentrismo despótico, que se desinteressa das outras criaturas. (LS 68)

Na encíclica, o Papa recorda a capacidade que o ser humano possui de desenvolver uma identidade pessoal, de dialogar com os outros e até com Deus. Segundo ele, o ser humano é dotado de capacidades que transcendem o âmbito físico e biológico, mas, também deixa claro que, não só o ser humano, mas também as outras criaturas não devem ser tratadas como objetos “A partir dos textos bíblicos, consideramos o ser humano como sujeito, que nunca pode ser reduzido à categoria de objecto. “ (LS 81), e completa a sua análise com relação as outras criaturas: “Mas seria errado também pensar que os outros seres vivos devam ser considerados como meros objectos submetidos ao domínio arbitrário do ser humano. ” (LS 82). Conforme Passos:

O Evangelho da criação coloca a DSI em um novo patamar, superando qualquer centralismo religioso, cultural e antropológico. O ser humano não fica reduzido a um lugar menor, mas ao seu lugar eticamente correto como filho de Deus destinado a cuidar da criação, missão que se reveste de um desafio maior por incluir em sua esfera a totalidade e a diversidade da vida em todas as suas dimensões e estágios em seu estado atual e no seu futuro. “ (2016c, p.15)

O ser humano pode sentir o sofrimento de uma árvore que está sendo arrancada do solo sem uma causa justa, e isso acontece porque temos a capacidade de nos sensibilizarmos com aquele ser vivo. Entendemos que essa sensibilidade acontece, porque existe naquele ser algo que é nosso, também pertencemos àquele ser, já que ele nos dá sombra, fruto, oxigênio, se nos dá oxigênio, nos dá a vida e a não existência daquele ser implica na nossa não existência. Isso é comunhão. Essa mesma árvore que nos dá a vida, vai também vestir os nossos restos mortais na hora da nossa morte, ela verdadeiramente nos acompanha em cada segundo da nossa existência. Conforme Francisco: “A atitude basilar de se auto-transcender, rompendo com a consciência isolada e a auto-referencialidade, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente; e faz brotar a reacção moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada acção [...]” (LS 208). Entendemos que somos parte da natureza e que essa natureza está contida dentro de nós. Conforme Lisboa:

Assim, entre os nossos índios sul-americanos, que, segundo Viveiros de Castro, sustentam uma visão da natureza *antropomórfica*, e não antropocêntrica, pois tudo é humano na natureza já que o mundo se inicia com a alma humana, não poderia haver hierarquia entre nós e os demais seres vivos. Porque estamos profundamente inter-relacionados e dependentes uns dos outros, *nós humanos* [...] (2016, p.143-144)

2. Significado Ecológico

Em nossa pesquisa procuramos entender o conceito do que estávamos estudando, de modo a facilitar as ligações que nos propomos a fazer, e nesse sentido, conforme Hilpert:

O conceito de ecologia (do grego oikos = casa, governo da casa) foi introduzido pelo livro, publicado em 1866, do zoólogo E. Haeckel, que por ele entendeu a ciência das relações entre o ser vivo individual ou as espécies e o mundo exterior ambiente. [...] descreveu também as múltiplas influências mútuas dos organismos que vivem em determinado lugar, considerando-os entrelaçados na “economia de toda a natureza.” (1993, p.204).

Na encíclica, Francisco propõe uma ecologia integral que considere não só aspectos inerentes da vida, mas também outros aspectos que não pertencem a categoria material: “ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem

das ciências exactas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano. ” (LS 11)

Dado que tudo está intimamente relacionado e que os problemas actuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial, proponho que nos detenhamos agora a reflectir sobre duma *ecologia integral*, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais. [...] A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isto exige sentar-se a pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência duma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo. Nunca é demais insistir que tudo está interligado. [...]. Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individuar e compreender. Boa parte da nossa informação genética é partilhada com muitos seres vivos. Por isso, os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade. (LS 137, 138)

Essa proposta leva em conta a interdependência de todos os seres, tanto em seus aspectos funcionais, como não funcionais, considerando essa interdependência como bem comum. Francisco coloca a ecologia integral como: “[..] inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social. É «o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição». ” (LS 156)

O termo “eco-“ visa designar uma terra, que seja, considerada como um todo, compatível com o homem individual, e também no futuro dê a toda a humanidade a base natural suficiente para existir. A representação da terra como casa da vida frisa simbolicamente aspectos que se faziam desejar em conceitos e teorias até então decisivos sobre o mundo e o homem ou que desempenhavam papel antes marginal; [...] Assim deixa claras antes de tudo a dependência e a necessidade de todos os homens e povos entre si de um âmbito comum de vida. Este âmbito comum de vida, onde ocorrem toda a vida e todo o agir humanos, é limitado e, de mais a mais, vulnerável, e são escassos os recursos. O homem não está como soberano acima ou fora da base natural, mas dela precisa e é dependente. (HILPERT, 1993, p.204)

Do que foi exposto entendemos que, o significado ecológico da compaixão está interligado ao significado antropológico e fica patente na proposta de uma ecologia

integral que não é excludente em nenhum aspecto, pois, além dos pressupostos materiais, considera como requisito, o que transcende a matéria e que corresponde a essência do ser humano, significando com isso, levar a cabo a compaixão através dos seus elementos e aplica-la ao bem comum, que equivale a Terra com todos os seus habitantes. Conforme Passos: “A ecologia é a *casa comum* de todos os seres vivos.” (2016a, p.108)

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projecto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. [...] Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. [...] Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades. [...]. Espero que esta carta encíclica, que se insere no magistério social da Igreja, nos ajude a reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente. [...]. Poderemos assim propor uma ecologia que, nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia. [...] (LS 13, 14, 15)

A *Laudato Si'* trata de questões ambientais que estão diretamente relacionadas com a sobrevivência da vida humana e de todas as outras espécies, daí a importância crucial de compreender as mensagens contidas nesse documento. “Os ecossistemas vivos correm o sério risco de destruição nas próximas décadas, se algo não for posto em prática de imediato. O racionalismo, a racionalidade, a racionalização elegeram o homem como todo-poderoso e cimentaram a ideia de que a natureza existe para ser dominada e submetida por ele. “ (CARVALHO, 2016, p.120). Torna-se indispensável estender o alcance da compreensão para o que abarca a categoria ecologia.

A “ecologia” hoje não designa mais apenas um campo parcial da biologia, mas se tornou conceito-chave de autocompreensão cultural, de política, de orientação de vida individual e coletiva. Nessa ampliação de significado, trata-se, porém, menos da transferência metafórica de uma estrutura processual biológica para averiguar e governar modos de proceder humanos do que do reconhecimento que o homem também se acha localizado e inserido na economia da natureza como sistema global. Mas esse reconhecimento [...] Resulta, ao invés, antes de tudo das perturbações surgidas por toda parte, das exigências exageradas

impostas à natureza, e dos riscos previstos em medida inexistentes até o momento. Como cerne dos inúmeros problemas e evoluções, em si bastante diversificados mas muitas vezes resumidos como “crise do meio ambiente” (HILPERT, 1993, p.204)

A proposta de uma ecologia integral que vai além dos aspectos materiais, mas que transcende, ou seja, enxerga a capacidade do ser humano de superar os seus interesses, pode representar um limite entre o que tem ocorrido até hoje em termos de políticas de desenvolvimento sustentável e o que realmente necessita ser feito. Conforme Lisboa: “Desenvolvimento sustentável não pode ser um meio termo entre crescimento econômico e políticas ambientais, pois, nesse caso, estaríamos apenas nos enganando e tolerando algo que poderia ser considerado como um *marketing* verde.” (LISBOA, 2016, p.147)

Francisco aborda na encíclica diferentes ecologias, tais como, humana, cultural, ambiental, econômica, social, e que todas fazem parte de uma ecologia integral que é princípio do bem comum e um caminho de comunhão, cuja orientação seja, integrar todas as formas de ecologia, como sendo interfaces diferentes de uma mesma proposta. Em sua análise sobre a *Laudato Si'*, Bingemer capta esse olhar compassivo de Francisco: “[...] com seu olhar inspirado pela fé, vê a humanidade como uma família, ‘a única família humana’. Essa visão não permite isolamento, alienação ou a globalização da indiferença diante do imenso problema que a degradação do meio ambiente representa para as futuras gerações.” (2016, p. 180)

Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos. É evidente a incoerência de quem luta contra o tráfico de animais em risco de extinção, mas fica completamente indiferente perante o tráfico de pessoas, desinteressa-se dos pobres ou procura destruir outro ser humano de que não gosta. Isto compromete o sentido da luta pelo meio ambiente. [...]. Além disso, quando o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade. Portanto, é verdade também que a indiferença ou a crueldade com as outras criaturas deste mundo sempre acabam de alguma forma por repercutir-se no tratamento que reservamos aos outros seres humanos. (LS 91, 92)

Em uma ecologia integral, não há espaço para a indiferença, o isolamento e a intolerância. Tudo tem importância, não sendo relegado, mas inserido pelo elemento comunhão. Conforme Bingemer: “A principal preocupação do papa é não separar, sob

pretexto algum, o compromisso em favor do meio ambiente e o engajamento em favor dos pobres. O documento enumera sofrimentos e desgraças que a depredação do meio ambiente traz aos pobres. ” (2016, p. 180)

Conforme Lisboa, a proposta contida na *Laudato Si'* de retorno a uma vida simples não difere do apelo contido nas mensagens: “[...] de tantos povos indígenas, bem como de ecologistas e ambientalistas que sabem que a única saída para a crise ambiental é o reconhecimento dos limites da natureza e a necessidade de reduzir o consumo de recursos naturais e a produção de desperdício e poluição. “ (LISBOA, 2016, p.151)

O Papa relembra São Francisco de Assis como uma inspiração para o desenvolvimento da compreensão desse bem comum, da interdependência das criaturas, do respeito e responsabilidade inerente ao ser humano para com todos e com tudo. A vida simples de São Francisco de Assis tinha um significado muito maior do que o ascetismo, mas uma renúncia ao querer, ao poder e a objetificação:

Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe. São Boaventura, seu discípulo, contava que ele, «enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs».[20] Esta convicção não pode ser desvalorizada como romantismo irracional, pois influi nas opções que determinam o nosso comportamento. Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objecto de uso e domínio. (LS 11)

A compaixão e o cuidado com o ser humano, com as espécies e com o planeta, habita o interior da espécie humana, não se encontrando presente apenas no campo das ideias, mas no agir da vida, um agir implícito e explícito para todos, não como uma lei ou regra a seguir, mas como algo espontâneo do ser humano, algo que desperta a consciência, consciência essa, até mesmo adquirida pela prática de milênios de sofrimento, dor e aprendizado,

consciência que esta arraigada em todos nós, em alguns mais e em outros menos, mas ainda assim, presente. Conforme Bingemer:

A encíclica tem ousadas pretensões, bem fundamentadas. E uma delas é provocar não apenas uma conversão ecológica, mas ir mais longe: lançar os fundamentos de uma espiritualidade ecológica. Assim se pode interpretar o parágrafo 63. [...]. Assim como propõe, para entender a crise ecológica e combatê-la, é necessário recorrer não somente às ciências, mas às culturas dos povos originários, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade. (2016, p. 169-170)

O humano compassivo, parece carregar consigo um amor que não o preserva das desventuras que afligem o outro, sendo esse outro um humano, animal, vegetal ou o planeta. A lógica da compreensão faz com que não se percam detalhes fundantes de um problema, ela não se apresenta como paliativa, mas, ela é agente de transformação definitiva, vai no amago da questão.

A lógica da gratuidade se coloca acima de interesses e representações. Ela existe e é assumida por aqueles que desenvolveram a compreensão de que a vida está acima de qualquer tipo de reivindicação, seja ela, pessoal, de grupos ou de uma nação. “Se a modesta advertência de retroceder antes que seja tarde pode estabelecer um diálogo fecundo com projetos políticos ousados, a inusitada proposta de uma lógica da gratuidade pode ser encontrada nas pautas de reivindicação de muitos movimentos ecológicos e de pensadores. “ (PERINE, 2016, p.110)

Entende-se que o comprometimento e a responsabilidade com que olhamos, o que faz parte do nosso entorno, denota a compaixão ao próximo. Quando nos sentimos responsáveis não queremos a exclusão, a inexistência, o afastamento, mas, pelo contrário, queremos solucionar os problemas que ocorrem neste entorno, que podem estar ocorrendo com a família, os amigos, os vizinhos, as árvores de uma praça, os cachorros e gatos abandonados, inclusive os passarinhos engaiolados num espaço ínfimo do *Pet Shop* do bairro. O Papa fala de uma conversão ecológica que conforme Susin: “Sempre segundo Francisco, na consciência de que não existimos separados do mundo, mas que formamos com todos os elementos da natureza uma comunhão amorosa. Por isso, é de forma ‘amorosa’ que tanto tomamos consciência como agimos no mundo. “ (2016, p. 46)

Francisco sabe bem disso, e na *Laudato Si'*, expõe de forma esclarecedora sem minimizar ou relativizar os fatos. Seria bom dizer que toda a Igreja conhece essa

realidade, dadas as circunstâncias críticas apresentadas na encíclica, mas isso não representaria a verdade. Esse também significa um desafio para o Papa, ou seja, levar essa consciência para todos os católicos e nesse sentido, quer ir mais longe e *mergulhar em águas mais profundas* encarando como tarefa, levar essa conscientização para não católicos também. O diálogo inter-religioso se apresenta como uma proposta para impulsionar essa conscientização, adquirindo um caráter quase missionário e que caminha junto com o Evangelho.

A gravidade da crise ecológica atual exige que se pense alternativas a partir de diferentes abordagens da realidade. Por isso, há que se valorizar também a riqueza cultural presente nos vários povos e a própria sabedoria religiosa que podem contribuir com uma nova compreensão das relações da humanidade com a casa comum. [...] O tema central da *Laudato Si'*, o cuidado com a causa comum, se desdobra como um tema que pode ser assumido também pelas religiões e pelas igrejas cristãs como um dos eixos do diálogo inter-religioso. De forma implícita, na encíclica está a proposta de Francisco para que o cuidado com a casa comum passe a fazer parte da preocupação das religiões e da própria via da cooperação. “ (SANCHEZ, 2016, p.173-175)

3. Significado Teológico

Ao estudar os elementos teológicos presentes na encíclica, percebemos que estes elementos reforçam a mensagem de Francisco, servindo de base para o seu discurso. Não se restringindo apenas ao capítulo dedicado ao Evangelho da Criação. Um exemplo disso encontramos ao pesquisar a palavra Deus que aparece 158 vezes, distribuída ao longo de todo o texto, e a palavra Senhor aparece 33 vezes, entre outras palavras que remetem a teologia.

No contexto teológico, a compaixão e seus elementos permeiam toda a temática bíblica e se apresenta como um nexo entre o humano e Deus, capaz de despertar no humano sua vocação natural de servidor e proporcionando a esse, uma proximidade com Deus. Esse nexo pode ser explicado no sentido de que Deus se serve do compadecido para demonstrar a sua essência e ação ativa frente ao objeto gerador da compaixão. Na encíclica esta temática não é apresentada como uma fuga da realidade ou como a busca de um milagre para a extinção dos problemas da história humana, pelo contrário, conforme Passos:

A opção pelo método indutivo faz com que as fontes bíblicas sejam a principal referência a partir da qual todas as demais fontes se enquadrem. [...] O Evangelho da criação é a chave central a partir da qual se lê a realidade planetária a partir das fontes filosóficas e científicas. [...] O próprio papa lembra que recolheu o que de melhor a ciência oferece hoje sobre a questão como mediação que fornece a base para um percurso ético e espiritual a ser adotado como meta e caminho da *casa comum* (LS, 15). A ciência é a voz qualificada que continua sendo a ferramenta para a proposição ética. “ (2016b, p.87)

Nas narrativas bíblicas Francisco encontra apoio para um diálogo com todas as pessoas que assim como ele, partilham da vontade de agir em favor do outro e do meio ambiente. Mesmo sabendo que a ideia de um Criador do universo não é compartilhada por todos, ainda assim, ele propõe extrair dessas narrativas, subsídios para demonstrar a riqueza presente nas religiões, e que essa riqueza pode ajudar a humanidade a superar as crises por que vem passando.

Por que motivo incluir, neste documento dirigido a todas as pessoas de boa vontade, um capítulo referido às convicções de fé? Não ignoro que alguns, no campo da política e do pensamento, rejeitam decididamente a ideia de um Criador ou consideram-na irrelevante, chegando ao ponto de relegar para o reino do irracional a riqueza que as religiões possam oferecer para uma ecologia integral e o pleno desenvolvimento do género humano; outras vezes, supõe-se que elas constituam uma subcultura, que se deve simplesmente tolerar. Todavia a ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas. (LS 62)

Percebe-se nas palavras de Francisco, que é possível um diálogo benéfico, mesmo não compartilhando da fé num Criador, mas encontrando naquelas histórias, ensinamentos de vida. Ele não propõe que a humanidade leia a Bíblia, mas ele traz na encíclica essas histórias, interligando o significado teológico aos significados ecológico e antropológico e oferecendo a luz de um conhecimento para a busca de soluções que não é oferecido pelo conhecimento tecnológico.

Sem repropor aqui toda a teologia da Criação, queremos saber o que nos dizem as grandes narrativas bíblicas sobre a relação do ser humano com o mundo. Na primeira narração da obra criadora, no livro do Génesis, o plano de Deus inclui a criação da humanidade. Depois da criação do homem e da mulher, diz-se que «Deus, vendo a sua obra, considerou-a *muito boa*» (Gn 1, 31). A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf.

Gn 1, 26). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que «não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas».[37] (*LS 65*)

A sabedoria contida nas narrações bíblicas é abordada de forma sensível e inteligente. Ele expressa o amor com que Deus ao criar o ser humano, o fez a imagem e semelhança de si mesmo, a de um Deus compassivo. Francisco se enche de compaixão para narrar o ato da criação do universo e de todas as criaturas: “A criação pertence à ordem do amor. O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação: «Tu amas tudo quanto existe e não detestas nada do que fizeste; pois, se odiasses alguma coisa, não a terias criado» (*Sab 11, 24*). “ (*LS 77*)

Conforme Francisco, o amor, a ternura, o carinho, a bondade e a misericórdia são consequências do imenso amor de Deus. Em existindo somente Deus antes de toda a criação, ele movido por intensa compaixão criou todo o universo. “Assim, a capacidade do ser humano transformar a realidade deve desenvolver-se com base na doação originária das coisas por parte de Deus. “ (*LS 5*)

Um Deus que criou o universo por compaixão e por compaixão se doou a todo o ser criado, um Deus que se faz presente em cada criatura, e também em todo o universo, seja no ar que as criaturas respiram, seja na água que bebem, um Deus que cria a vida, que se faz vida e que dá a vida. “Os bispos do Brasil sublinharam que toda a natureza, além de manifestar Deus, é lugar da sua presença. Em cada criatura, habita o seu Espírito vivificante, que nos chama a um relacionamento com Ele. ” (*LS 88*)

Todos são chamados a viverem em sua totalidade o cuidado, a responsabilidade e o respeito, já que esses são elementos fundamentais para a continuação da história humana e de todas as espécies. Francisco expõe que a legislação bíblica pede a compaixão para com todas as espécies e cita a narrativa do dilúvio, quando Deus movido pela compaixão oferece um recomeço a humanidade e a todas as espécies através de Noé e de sua arca, que representam o perdão, a fraternidade e a fidelidade:

Embora Deus reconhecesse que «a maldade dos homens era grande na terra» (*Gn 6, 5*), «arrependendo-Se de ter criado o homem sobre a terra» (*Gn 6, 6*), Ele decidiu abrir um caminho de salvação através de Noé, que ainda se mantinha íntegro e justo. Assim deu à humanidade a possibilidade de um novo início. [...] A tradição bíblica estabelece

claramente que esta reabilitação implica a redescoberta e o respeito dos ritmos inscritos na natureza pela mão do Criador. (LS 71)

Em nosso entendimento, Francisco insere o contexto teológico como um facilitador no processo de integração das diferentes interfaces apresentadas ao longo do texto. “Francisco recolhe e apresenta algumas convicções cristãs fundamentais para o enfrentamento da problemática ambiental, ao mesmo tempo que corrige interpretações ambíguas ou erradas da fé cristã que podem favorecer o ‘domínio despótico do ser humano sobre a criação’ (cf. 67, 121, 200).” (AQUINO JUNIOR, 2016, p. 29)

Conforme Francisco, ao dedicar o capítulo II ao Evangelho da Criação, elenca os ensinamentos profundos contidos nessas narrativas simbólicas, com o intuito de elucidar o lugar do homem responsável e cuidadoso, perante o outro, as outras espécies e a Terra:

Estas narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado. A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. Este facto distorceu também a natureza do mandato de «dominar» a terra (cf. Gn 1, 28) e de a «cultivar e guardar» (cf. Gn 2, 15). Como resultado, a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito (cf. Gn 3, 17-19). [...] Longe deste modelo, o pecado manifesta-se hoje, com toda a sua força de destruição, nas guerras, nas várias formas de violência e abuso, no abandono dos mais frágeis, nos ataques contra a natureza. [...] Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. [...] Ao mesmo tempo que podemos fazer um uso responsável das coisas, somos chamados a reconhecer que os outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus e, «pelo simples facto de existirem, eles O bendizem e Lhe dão glória»^[41], porque «o Senhor Se alegra em suas obras» (Sl 104/103, 31). Precisamente pela sua dignidade única e por ser dotado de inteligência, o ser humano é chamado a respeitar a criação com as suas leis internas, já que «o Senhor fundou a terra com sabedoria» (Pr 3, 19) (LS 66, 67, 69)

Conforme Prates, os textos bíblicos citados fazem referência ao estado de degradação do planeta Terra: “O primeiro texto bíblico citado na encíclica – Rm 8,22 – coloca a terra, juntamente com a água, ar e seres vivos, como criaturas entre os pobres num processo que degrada e avilta sua condição criatural. “ (2016, p. 198). Entendemos como vital a presença dos elementos teológicos permeando a encíclica, pois, essa

presença *dá suporte ao texto*, uma vez que, as histórias bíblicas corroboram as mensagens de Francisco.

Ao mesmo tempo, o pensamento judaico-cristão desmitificou a natureza. Sem deixar de a admirar pelo seu esplendor e imensidão, já não lhe atribui um carácter divino. Deste modo, ressalta ainda mais o nosso compromisso para com ela. Um regresso à natureza não pode ser feito à custa da liberdade e da responsabilidade do ser humano, que é parte do mundo com o dever de cultivar as próprias capacidades para o proteger e desenvolver as suas potencialidades. Se reconhecermos o valor e a fragilidade da natureza e, ao mesmo tempo, as capacidades que o Criador nos deu, isto permite-nos acabar hoje com o mito moderno do progresso material ilimitado. Um mundo frágil, com um ser humano a quem Deus confia o cuidado do mesmo, interpela a nossa inteligência para reconhecer como deveremos orientar, cultivar e limitar o nosso poder. Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inúmeras formas de relação e participação. Isto leva-nos também a pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé permite-nos interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece. [...] Por isso a Igreja, com a sua acção, procura não só lembrar o dever de cuidar da natureza, mas também e «sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo». (LS 78, 79)

Do exposto, observa-se que, *como significado teológico da categoria compaixão na encíclica encontramos a excelência que esse princípio tem de embasar a proposta ao ser humano de assumir a posição de guardião do bem comum através do carácter responsável que lhe confere a dignidade de ser colocado como sujeito central da criação e através da prática da ecologia integral que se caracteriza por considerar como requisito, não só o que é material, mas também o que transcende a matéria e que corresponde a aspectos subjetivos do ser humano.*

A encíclica oferece uma teologia da criação encarnada na realidade concreta do planeta: o sistema-terra com sua complexidade físico-biológica, com sua beleza natural, com seus dramas ambientais e sob o comando do sistema económico tecnocrata. É nesse jogo concreto que os apelos do Criador à criatura livre e responsável se dão como graça e como tarefa. Os homens de fé estão particularmente convidados a ler a realidade actual do planeta de maneira crítica, a buscar modos de romper com os rumos impostos pelo regime económico actual e a construir saídas criativas que contribuam com a sustentabilidade planetária. (PASSOS, 2016b, p.91)

Os elementos teológicos, como o Evangelho da Criação, a Trindade, os Profetas, o egoísmo de Caim, a libertação da escravidão do Egito, entre outros, tem a capacidade de transportar a realidade atual para dentro daquela realidade dos textos bíblicos, seja sob a forma de analogia ou simplesmente situando, em que consiste esse caráter transcendente que a ecologia integral abarca, auxiliando a desenvolver um olhar para si mesmo e para os outros, mas, com compaixão.

A proposta de uma espiritualidade ecológico-holística indica que o processo de degradação dos grandes ecossistemas, causado pelo desequilíbrio na casa comum, não é uma fatalidade cega e/ou uma predestinação perversa dos deuses ocultos. Trata-se de uma consequência, cuja causa é a ação predatória do ser humano [...] Essa é uma modalidade espiritual que passa por uma tomada de consciência racional e pela sensibilidade humanizante do coração. [...] A espiritualidade, como o exercício da sensibilidade da consciência e do coração humano no seu relacionamento com o Deus Criador, com o ser humano e com a criação, poderá ser uma mediação que continua iluminando tal convivência na direção da busca de superação da decadência humano-ecológica. [...] A única definição sobre Deus que aparece no Novo Testamento: 'Deus é amor' (1 Jo 4,8). É, portanto, o amor que Deus colocou no coração e na consciência do ser humano que pode movê-lo a uma relação de fraternidade, irmandade, sororidade com o seu semelhante. (PRATES, 2016, p. 199-207)

Entendemos que as mensagens contidas no Evangelho podem auxiliar a compreensão do que venha a ser uma ecologia que transcende. No tema do Evangelho da Criação, através da mensagem de que todos somos responsáveis e somos chamados a ser guardiões ou depositários desse bem comum que é a Terra e os seres que nela habitam, *cultivando e guardando a criação*. No capítulo VI, é delineada a proposta de uma espiritualidade ecológica como um novo estilo de vida, Francisco trata dessa espiritualidade em toda a sua riqueza ao referenciar temas como os sinais sacramentais, o descanso celebrativo, a Trindade, Maria a Rainha da Criação e a Sagrada Família de Nazaré.

O desenvolvimento desta legislação procurou assegurar o equilíbrio e a equidade nas relações do ser humano com os outros e com a terra onde vivia e trabalhava. Mas, ao mesmo tempo, era um reconhecimento de que a dádiva da terra com os seus frutos pertence a todo o povo. Aqueles que cultivavam e guardavam o território deviam partilhar os seus frutos, especialmente com os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros: «Quando procederes à ceifa das vossas terras, não ceifarás as espigas

até à extremidade do campo, e não apanharás as espigas caídas. Não rebuscarás também a tua vinha, e não apanharás os bagos caídos. Deixá-los-ás para o pobre e para o estrangeiro» (Lv 19, 9-10). [...] Na tradição judaico-cristã, dizer «criação» é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projecto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado. (LS 71,76)

O mistério da Trindade, conforme os cristãos, não é para ser compreendido, mas para ser experimentado, como caminho, verdade e vida, na simplicidade da alegria no trabalho e no amor pela vida. Compreendemos que cada tema referenciado tem profunda ligação com as mensagens enviadas por Francisco.

Além disso, quando o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade. Portanto, é verdade também que a indiferença ou a crueldade com as outras criaturas deste mundo sempre acabam de alguma forma por repercutir-se no tratamento que reservamos aos outros seres humanos. O coração é um só, e a própria miséria que leva a maltratar um animal não tarda a manifestar-se na relação com as outras pessoas. Todo o encarniçamento contra qualquer criatura «é contrário à dignidade humana».[69] Não podemos considerar-nos grandes amantes da realidade, se excluímos dos nossos interesses alguma parte dela: «Paz, justiça e conservação da criação são três questões absolutamente ligadas, que não se poderão separar, tratando-as individualmente sob pena de cair novamente no reducionismo».[70] Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra. (LS 92)

Para a Igreja católica, Francisco deixa entrever, que, para anunciar o Evangelho de compaixão, é necessário deixar-se guiar por esse Evangelho de compaixão, pois essas são as renovações que ele quer, uma Igreja que consiga transcender, *ouvir, olhar e amar com a alma*, ou seja, com compaixão e assim ser misericordiosa.

É precisamente nesse marco que se pode observar, no pensamento do Papa Francisco, a presença constante de uma circularidade entre duas realidades colocadas como realidades a serem convergidas: o Evangelho, como dom salvífico oferecido a todos, e a realidade concreta com suas diversas urgências. Entre as duas, a Igreja exerce sua missão evangelizadora e, para tanto, deve buscar sempre discernir o mundo e discernir a si mesma, transformar o mundo e transformar a si mesma. (PASSOS, 2016b, p.83)

Francisco ao tratar da espiritualidade cristã demonstra de forma inequívoca que caminha junto com uma espiritualidade ecológica. Falando aos cristãos e lembrando-os das convicções da fé cristã, baseada nos ensinamentos da palavra do Evangelho, palavra de vida que precisa estar comprometida em todos os sentidos pelo cristão:

Desejo propor aos cristãos algumas linhas de espiritualidade ecológica que nascem das convicções da nossa fé, pois aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver. Não se trata tanto de propor ideias, como sobretudo falar das motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo. Com efeito, não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima, sem «uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à acção pessoal e comunitária».[151] Temos de reconhecer que nós, cristãos, nem sempre recolhemos e fizemos frutificar as riquezas dadas por Deus à Igreja, nas quais a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia. (LS 216)

“A insistência do papa na interligação de toda a criação não deixa dúvidas quanto ao salto de qualidade que ele imprime ao magistério social da Igreja, que não pode mais se ater apenas ao campo tradicional da ‘questão social’, em cujo centro está a contradição entre capital e trabalho. ” (OLIVEIRA, 2016b, p.101). Conforme Oliveira, ao cristão, torna-se essencial aumentar o alcance do que significa ser comunidade, inserindo toda a comunidade de vida e compreendendo-se como Terra, para isso, talvez seja necessário construir um novo paradigma: “Hoje esse paradigma em construção bem pode inspirar-se na sabedoria do *Bem-viver* de certos povos ameríndios, que dão mostras de ver mais longe do que as teorias europeias do socialismo. “ (2016b, p.101)

Francisco estende a proposta de Jesus, de fraternidade, paz, harmonia, para com todas as criaturas: “O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente conosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina. ” (LS 82)

Deus é livre, seu amor é causa e não efeito manipulável. Quer referir-se a essa liberdade, simbolicamente – depois de falar do mundo inanimado – [...] De fato, será que tudo que existe na natureza deve ser domesticado pelo ser humano e estar a seu serviço? [...] Agora Javé lhe faz ver -nova ironia – que, se os animais que acaba de descrever são livres, é antes porque se mantêm distantes do ser humano e porque Deus neles se compraz. Os discursos de Deus são uma enérgica rejeição de

uma concepção puramente antropocêntrica da criação. Nem tudo que foi feito se destina à utilização imediata do ser humano. Por isso, o homem não pode julgar tudo do seu ponto de vista. O mundo criado expressa a liberdade criadora e a alegria de Deus. A natureza se nega a passar pelas forças torrenciais da relação causa-efeito. (GUTIERREZ, 1987, p.121-122)

Os elementos da compaixão dispostos no texto, também nos remetem a história do êxodo e da caminhada judaica, de um povo que mesmo sofrendo, clamava, louvava e colocava as suas esperanças no Deus da vida, o Deus que ouve com compaixão, que perdoa perpetuamente se doando e abençoa com a paz.

A palavra fé aparece por treze vezes ao longo de toda a encíclica, e se apresenta como um elemento importante na identificação do significado teológico da compaixão, já que em grande parte, vem caracterizada como elemento de renovação de vida frente ao contexto atual do indivíduo, das relações e do mundo.

A Bíblia Judaico-Cristã apresenta histórias de um povo sofrido, mas cheio de fé. O Papa se utiliza dessas histórias para reacender a esperança na humanidade. Os profetas denunciavam a injustiça e a opressão causadas pela arrogância tirânica dos poderosos da época, mas também exortavam o povo a permanecerem fiéis a Deus, se apoiando na fé e na misericórdia divina, assim, o povo conseguiria ter esperança de um dia serem libertos da terrível situação em que se encontravam:

A experiência do cativo em Babilônia gerou uma crise espiritual que levou a um aprofundamento da fé em Deus, explicitando a sua onipotência criadora, para animar o povo a recuperar a esperança no meio da sua situação infeliz. [...] Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inumeráveis formas de relação e participação. Isto leva-nos também a pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé permite-nos interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece. (LS 74,79)

A espiritualidade cristã tem a fé como um de seus pilares e como sendo graça de um Deus Criador e Pai. Conforme o Papa, essa fé se apresenta comprometida com o Evangelho e caracteriza a compaixão, uma vez que é apontada como elemento capaz de explicar as razões para a defesa da dignidade do outro e de todos:

Todos aqueles que estão empenhados na defesa da dignidade das pessoas podem encontrar, na fé cristã, as razões mais profundas para tal compromisso. Como é maravilhosa a certeza de que a vida de cada pessoa não se perde num caos desesperador, num mundo regido pelo puro acaso ou por ciclos que se repetem sem sentido! O Criador pode dizer a cada um de nós: «Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia» (*Jr* 1, 5). Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, «cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário».[39] (*LS* 65)

Com muita sensibilidade e leveza, Francisco utiliza das palavras de Jesus para fazer uma analogia do sofrimento expresso nas narrativas bíblicas com o sofrimento de milhões de *crucificados* da atualidade, espalhados pelo planeta, e pede ações concretas no combate a tanto sofrimento, mas também pede que a humanidade queira ter fé, queira confiar em Deus, não colocando a sua existência a serviço do dinheiro. Francisco fala de viver com simplicidade e humildade como uma resposta de compaixão pelo planeta Terra e seus recursos:

Jesus retoma a fé bíblica no Deus criador e destaca um dado fundamental: Deus é Pai (cf. *Mt* 11, 25). Em colóquio com os seus discípulos, Jesus convidava-os a reconhecer a relação paterna que Deus tem com todas as criaturas e recordava-lhes, com comovente ternura, como cada uma delas era importante aos olhos d'Ele: «Não se vendem cinco pássaros por duas pequeninas moedas? Contudo, nenhum deles passa despercebido diante de Deus» (*Lc* 12, 6). «Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as» (*Mt* 6, 26) [...] Jesus vivia em plena harmonia com a criação [...] Jesus trabalhava com suas mãos, entrando diariamente em contacto com matéria criada por Deus para a moldar com a sua capacidade de artesanato. É digno de nota que a maior parte da sua existência terrena tenha sido consagrada a esta tarefa, levando uma vida simples que não despertava maravilha alguma. (*LS* 96, 98)

O Deus encarnado no homem Jesus, se compadece dos pobres e pecadores marginalizados, também ele marginalizado pelos sacerdotes e doutores da lei, injustamente sofre uma morte terrível e humilhante na cruz, mas vitorioso, ressuscita dentre os mortos. A história de Jesus no Evangelho, se apresenta como a expressão máxima da compaixão.

Conforme Passos, deixar-se guiar pela fé no mistério da ressurreição, implica uma liberdade que não permite apegos a esquemas:

Para o cristianismo, não há nenhuma legitimidade fora do carisma do ressuscitado que funda e envia a Igreja; [...] A Igreja em saída retira suas orientações e sua vitalidade das fontes cristãs, “do coração do Evangelho”, repete o papa. Mas retira também seus conteúdos das interrogações e dos desafios advindos do mundo e do mundo de hoje com todas as suas contradições. [...]. Os renovadores são, com efeito, homens sem donos e sem territórios definidos, são cidadãos da humanidade e sujeitos conectados com o universo. O reformador Francisco está inserido no curso da tradição e no seio da instituição eclesial. (2016a, p.22-23)

No nosso entendimento, Francisco pede que a humanidade busque ou aprenda a buscar dentro de si, essa compaixão e que esse pode ser um caminho importante na compreensão e solução dos problemas que perpassam essa *casa comum*. Ainda que individualmente sejamos praticamente insignificantes, esse *movimento nas entranhas* deve partir de cada um.

Por isso, antes de reconhecer como a fé traz novas motivações e exigências face ao mundo de que fazemos parte, proponho que nos detenhamos brevemente a considerar o que está a acontecer à nossa casa comum. [...] Em colóquio com os seus discípulos, Jesus convidava-os a reconhecer a relação paterna que Deus tem com todas as criaturas e recordava-lhes, com comovente ternura, como cada uma delas era importante aos olhos d’Ele: [...] «O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. É a menor de todas as sementes; mas, depois de crescer, torna-se a maior planta do horto e transforma-se numa árvore» (Mt 13, 31-32). [...] exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efectiva realização do bem comum. [...]. Em todo o caso, será preciso fazer apelo aos crentes para que sejam coerentes com a sua própria fé e não a contradigam com as suas acções; [...]. Não vê a sua superioridade como motivo de glória pessoal nem de domínio irresponsável, mas como uma capacidade diferente que, por sua vez, lhe impõe uma grave responsabilidade derivada da sua fé. (LS 17, 96, 97, 158, 200, 220)

4. A casa comum como símbolo da compaixão

Durante a nossa pesquisa percebemos que também existe uma aproximação simbólica entre o planeta Terra com todos os seus habitantes, a *casa comum* e a categoria compaixão. A partir dessa aproximação, procuramos estabelecer uma relação simbólica e demonstrar como essa relação acontece na carta encíclica *Laudato Si’* do Papa Francisco.

Conforme Croatto (2001), sendo próprio do ser humano o ato de simbolizar, seja na arte, na linguagem, na religião ou no amor, não é de se admirar, portanto, que os símbolos estejam presentes nas menores expressões do nosso cotidiano até as maiores em significação. Na *Laudato Si'* o símbolo está amplamente presente no tema compaixão, Francisco dá um rosto humano a compaixão.

Podemos dizer que o sentido simbólico surge da experiência. A *Laudato Si'* nasce em um momento bastante crítico da nossa história. A *casa comum* nos remete a responsabilidade que temos como membros de uma mesma família, a família *vida*, amar a *vida* é amar a nós mesmos, ter respeito e gratidão por essa *vida* e por essa *casa comum* que nos dá o ar, a água, o pão e nos dá a possibilidade de contemplar a beleza da diversidade, e isso é o que se espera de cada membro dessa família. Conforme Perine:

Embora nos contextos das duas ocorrências da palavra gratuidade, Francisco faça referências explícitas aos textos da tradição cristã e ao ensinamento de Jesus, atitudes como o reconhecimento do mundo como dom recebido, ou a consciência de não estar separado das outras criaturas, mas de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal, ou ainda o desenvolvimento da criatividade e do entusiasmo para resolver os dramas do mundo, assim como o cuidado da natureza como parte de estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão são atitudes de gratuidade exigíveis de todos os crentes, que podem ser propostas ‘a cada pessoa que habita este planeta’ (3). (2016, p.98-99)

Em uma *casa comum* a economia é a partilha, o poder é o serviço, e os muros ou fronteiras, serão do tamanho da capacidade de desenvolvermos algo que é inerente a todos nós, a compaixão. Conforme Carvalho:

A terra-pátria é a comunidade de destino que fornece as bases éticas para a humanidade, assentadas em três princípios básicos: solidariedade, responsabilidade, reconhecimento. Todo ato ético implica a relação com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade, com o cosmo. Por isso, a ética de si – auto ética -, a ética do outro – socioética – e a ética das espécies – antropológica – constituem uma tríade indissociável para a instauração da democracia cognitiva, da política de civilização, da restauração da esperança. (2016, p.122)

Para entendermos a transfiguração do planeta Terra em símbolo de realidades transcendentais (CROATTO, 2001), temos em mente que a Terra como um elemento do mundo fenomênico, tendo como seu primeiro sentido, o de ser um planeta, o planeta azul,

com seus habitantes, seres humanos, todas as espécies animais e vegetais, foi transnificada para uma realidade transcendente, uma realidade sobrenatural ou seja, a *casa comum*.

O Papa Francisco captou e transmitiu essa transparência. Para Passos: “A *casa comum* também agradece o pequeno gesto que pode modificar os comportamentos e que alimenta o horizonte maior de esperança de uma ‘nova terra’.” (2016c, p.20)

Ao falar sobre os cuidados da *casa comum*, Francisco faz referência ao nosso habitat, nosso ecossistema e as relações entre os moradores dessa casa. Assim como a etimologia da palavra símbolo remete a união de algo (CROATTO, 2001), tal qual um resgate, considerar o planeta e suas criaturas como *casa comum* é pedir a todos que se encham de compaixão por esse mesmo planeta e suas criaturas, que soframos juntos, que possamos sentir as *dores da Terra e a sua agonia*. Conforme Passos:

Com efeito, a visão da *casa comum* traz novas interrogações para a fé; resgata o sentido da criação contido na tradição judaico-cristã e abre-se, ao mesmo tempo para o diálogo com outras religiões e com outras sabedorias. Mas coloca a Igreja em diálogo com os homens de boa vontade e com as ciências que oferecem suas contribuições para pensar o sistema terra e, com mais urgência, construir saídas. (2016b, p.90)

O *planeta Terra e seus habitantes* se apresentam como símbolo fundante, e figurados como a *casa comum*. Não se tratando de uma metáfora ou uma figura de linguagem, mas da passagem de um simbolizante, a *Terra*, para uma realidade outra, simbolizada, transcendente, a *casa comum*. “A casa é o lugar principal da estada do homem cultivado. Na sua casa o homem sente-se no centro do mundo e, até, a casa torna-se ela própria imagem do mundo inteiro.” (LURKER, 1993, p.41)

Neste simbolizado, aparece um primeiro sub-símbolo universal, a *compaixão*, que agrega os demais sub-símbolos captados na encíclica. A percepção dessa simbologia transfere para nós, o caráter espiritual dessa relação, essa percepção pode ser conseguida através de uma interiorização, onde então, penetramos no mistério. (CROATTO, 2001)

Somente para exemplificar alguns dos sub-símbolos presentes no texto, podemos citar: os textos bíblicos do Evangelho da Criação, a sociedade planetária (LS 55), a desigualdade planetária (LS 5), Cristo crucificado (LS 98), a cruz (LS 99), valores éticos e existenciais, tais como: compreensão, cuidado com a vida, responsabilidade, doação,

semelhança com Deus, solidariedade com o cosmo, com os outros e com o mistério, justiça, sensibilidade, respeito, beleza, ternura e a *Terra como mãe*. Conforme Balera:

A Declaração Universal dos Direitos Humanos [...] parte da premissa da existência de uma única família humana e é esta mesma família o fundamento [...] A casa comum é a habitação do gênero humano, portanto, na ara da casa comum todos se sacrificam em favor do progresso da humanidade no seu todo considerado. As gerações presentes devem, em igualdade de condições, zelar pela vida e pelo bem-estar das gerações futuras. [...] Nesse sentido o caminho é a solidariedade, esta que exige que todos respondam solidariamente uns pelos outros, inclusive, entre as gerações. “ (2016, p. 257)

Também encontramos como sub-símbolos da compaixão as interfaces: ciências, religiões, ecologia, ser humano e vida plena para todas as criaturas, ou seja, com respeito, dignidade, simplicidade e consequentemente com qualidade.

O cuidado para com a casa comum constitui a realidade mais imediata, mais envolvente, mais urgente e mais desafiante para a vida e a convivência humana no atual estágio da jornada humana na terra. Falar da *casa comum* é, mais uma vez, falar da responsabilidade humana na condução da vida comum, na busca da justiça para todos, na conversão para a prática do amor. A justiça humana é justiça da terra, o bem comum é bem de toda a criação, as relações humanas são relações com todos os seres, o amor ao próximo é amor à criação inteira. (PASSOS, 2016c, p.14)

A visualização simbólica da relação planeta Terra com todos os seus habitantes, a *casa comum* e a categoria compaixão, certamente é mais fácil de ser captada por um leitor que crê na existência de um Deus ou de uma espiritualidade, seja ela qual for, pois, este poderá atribuir a essa *casa comum* uma existência sagrada pela presença imanente e transcendente de Deus e de sua criação, ou de uma presença espiritual.

O que crê pode até mesmo justificar essa relação, concluindo que é possível sentir essa presença de Deus imanente e transcendente, na forma da vida que anima um conjunto de átomos e que a torna diferente de uma estátua também formada por átomos.

O que crê poderá dizer também, que tratemos essa *casa comum* e tudo o que ela abriga com amor, respeito e gratidão, pois, além de nos abrigar, de nos alimentar e de encher nossos sentidos de beleza, e de alegria, é também um grande hospital escola que trata e ensina uma humanidade necessitada de cuidados, a reconhecer que somos

herdeiros dessa *casa comum*, portanto, herdeiros dessa sacralidade. Para Heschel, é através do mérito que se alcança o dom de Deus e ofender um ser humano é como ofender a Deus:

A vida humana é santa, mais santa do que os pergaminhos da Torá. Sua santidade não é obra do homem; é antes um dom de Deus, que deve ser alcançado por mérito. O homem deve, por isso, ser tratado com a honra devida a uma semelhança que representa o Rei dos Reis. [...]. O que há de divino no homem não resulta do que ele faz, mas do que ele é. [...]. O temor que devemos sentir de ofender um ser humano deve ser tão profundo como o temor de Deus. Um ato de violência é um ato de dessacralização. Ser arrogante diante do homem é ser blasfemo diante de Deus. (1974, p.159-160)

Quando Francisco fala em conversão ecológica (LS 3, 217, 219, 220), encontramos o relacionamento com os significados da categoria compaixão, bem como os elementos da categoria, nas narrativas bíblicas citadas na encíclica, as quais, apresentam a compaixão como princípio presente. Conforme Passos:

O *Canto das criaturas*, primeiro documento da língua italiana, abre solenemente o documento; Francisco de Assis, o santo pobre dos pobres, entra na boca do Magistério papal como mestre de uma verdade a ser defendida com urgência pela Igreja: a vida e a convivência da casa comum. Francisco e seu canto são assumidos como a moldura dentro da qual se encaixa o conjunto da reflexão com seu respectivo método. (2016b, p.85)

“Do mesmo modo, podemos distinguir, nos Evangelhos, as «parábolas» que são verdadeiros conjuntos simbólicos do Reino.” (DURAND,1988, p.10). De acordo com o que foi elucidado no primeiro capítulo desse trabalho, a compaixão faz despertar virtudes, consciência, ética, valores, que nos enriquecem. Essa riqueza não desperta inveja e nem cobiça, mas admiração. Conforme Durand “E se tantos símbolos, tantas metáforas poéticas animam o espírito dos homens, não é porque, em última análise, eles são os ‘hormônios’ da energia espiritual?” (1988, p.97)

A compaixão é universal, existe, independente de fé, quando somos motivados pela compaixão, tornamo-nos capazes de compreender um sacrifício por uma boa causa. A sobrevivência da *casa comum* se apresenta hoje, como a maior causa humana. Conforme Passos:

A *casa comum* que abriga necessariamente a diversidade se edifica como sistema único; vista de fora, mostra-se com grande dom do Criador, vista de dentro como relação integradora de todos os seres que a compõem; vista na integração dos dois olhares como tarefa de cuidado de todos os seres humanos. (2016b, p.93)

Francisco expõe o sofrimento por que passa o planeta e suas pobres criaturas, e nisso inclui o homem como pobre criatura, ressaltando que a sobrevivência do homem bem como de todas as outras espécies, dependem do meio ambiente em que vivem, a *casa comum*, e que a sobrevivência do meio ambiente necessita da presença de todas as espécies de criaturas existentes no planeta.

O papa termina sua carta com duas orações complementares: uma pedindo pela nossa Terra e outra intitulada *Oração cristã com a criação*. Na primeira prece estamos irmanados com todos os seres e as criaturas. Na segunda unimo-nos aos que creem em Cristo pelo sopro de seu Espírito de Amor. Ambas querem mover pela compaixão aos nossos corações empedernidos para que possamos ouvir os brados dos pobres e da Terra Mãe e Casa Comum. (ALTEMEYER, 2016, p.68)

Na *Laudato Si'* não há um pedido de conversão religiosa, mas sim um pedido de conversão ecológica, de desenvolvermos uma consciência e um envolvimento no sofrimento alheio e esse sofrimento não é só o do ser humano, mas também o de todas as espécies que habitam este planeta. Mardones fala dessa compaixão independente da fé, como sendo essencial e capaz de alimentar a esperança de que dias melhores virão:

Um pensamento sensível a esta tradição de alteridade pode ver nas vítimas, na solidariedade com a finitude humana — como diria M. Horkheimer —, com seus sofrimento e com sua morte, uma compaixão que, longe de ser um sentimento brando e efêmero, se abre para o anseio de uma justiça plena. Nesse fundo de solidariedade compassiva jaz a débil esperança de que a realidade não seja toda ela como se mostra, nem permaneça fechada no dado, nem conduza ao triunfo do verdugo sobre a vítima. Os vestígios da ressurreição aparecem nesse clamor de esperança, inclusive para os filhos descrentes de nossa modernidade. (2006, p.244)

O homem como dependente do meio que o cerca, seja de forma física ou espiritual, precisa estar atento aos sinais que o cercam, ver, ouvir e sentir esses sinais, e por fim agir, tal qual o reflexo de uma humanidade que está atenta aos sinais de sofrimento, ou seja, trata-se de uma sensibilidade de quem sabe que a humanidade pode perder tudo ou, como disse Mardones em outras palavras:

E preciso que o pensamento nos sirva para viver. E para isso precisamos de um pensamento que alimente a vida. Não há dúvida de que esse pensamento deve ter um caráter simbólico. Supõe observar a realidade com uma sensibilidade capaz de pressentir a profundidade e a riqueza da própria vida; deve penetrar além do dado perceptível sem desdenhar do trabalho da reflexão. Deve reunir sensibilidade e pensamento, inconsciente e reflexão. Para reabilitar a linguagem religiosa, precisamos reabilitar a linguagem simbólica. E vice-versa. A atual tarefa de sanar o pensamento não será efetiva e real se não recuperarmos a riqueza da linguagem religiosa. Em um momento de pouco crédito do cristianismo em nosso mundo ocidental, a tarefa é particularmente árdua. Porém, desta jogada dependem a saúde da cultura moderna e o futuro do cristianismo. (2006, p.242)

Para melhor compreender os sinais visíveis de desgaste do nosso planeta Terra, podemos associa-lo a um corpo humano, uma vez que a Terra apresenta semelhanças indiscutíveis com um corpo, como exemplo, sabe-se que a maior parte da superfície terrena é constituída de água e que o corpo humano em sua maior parte é constituído de água. Quando um corpo humano está morrendo, ocorre a falência dos órgãos, e a vida deixa de habitar naquele corpo. Infelizmente, é essa a realidade do nosso planeta Terra ou da nossa *casa comum*. Como não ter compaixão por esse corpo que é nosso. Essa sensibilidade é expressa no Evangelho e podemos associa-la à compaixão.

Quando chegou perto da porta da cidade, estavam levando um morto para enterrar, um filho único, cuja mãe era viúva, e uma multidão considerável da cidade a acompanhava. A vê-la, o Senhor foi tomado de compaixão por ela e lhe disse: “Não chores mais”. Ele se admirou e tocou na padiola; os que a carregavam pararam; e ele disse: “Jovem, eu te ordeno, desperta”. (Cf. Lc 7,12-14)

O cortejo fúnebre estava levando o morto para fora dos portões de Jerusalém, para os judeus, um morto era algo impuro que não podia ser tocado, portanto a morte tinha que estar fora da cidade. Jesus sentiu o sofrimento daquela viúva que tinha perdido o único

filho. A vida de uma mãe está presente na vida de um filho, ou seja, ela estava perdendo a vida dela ou o que dava sentido à sua vida, e então, Jesus compadecido, sofre com ela e rompe com a ética judia, tocando o morto.

Mesmo para quem não é cristão ou não tem religião, a imagem de Jesus crucificado evoca a situação do outro, de um mundo que não é o nosso, mas o mundo do próximo e por vezes, o nosso mundo mesmo, afinal quem pode dizer que não padece ou carece de algo. Não parece ser ilícito sermos solidários conosco também.

Em tempos atuais, a imagem de Jesus crucificado nos remete a situação dos refugiados de guerras e migrantes, dos que não tem um abrigo, dos que não tem família, dos que são explorados, abandonados, violentados em sua dignidade, ou seja, de todos os carentes de algo, principalmente de amor fraterno.

Jesus crucificado remete a olhar o outro e nos enxergarmos nele e assim nos sentirmos responsáveis por aquele outro e então sofrermos com ele. Jesus crucificado remete a um Deus que dá a vida pela sua criação, a um Deus que supera qualquer vestígio de indignação, rancor, e até mesmo de justiça, já que na crucifixão, a compaixão vence a justiça. Conforme Mardones:

E o Deus cristão, que se abaixa e se esvazia (*kénosis*) até a morte de cruz, é um Deus nada afastado ou distante, mas que se entrega até o desaparecimento em seu outro. Essa encarnação fundamenta um movimento para a alteridade que se traduz no máximo respeito a todo rosto humano, com o qual Deus se identifica. [...]. Podemos afirmar que o sagrado de todo ser humano está presente no Deus de Jesus. Desde Jesus, é difícil negar que o Outro não nos interpele a partir do rosto das vítimas da história. (2006, p.244)

Para entender essa vitória é mais fácil quando se tem fé, ou seja, acreditar naquele Jesus que foi crucificado e ressuscitou dentre os mortos, isso fica patente na fala de Croatto:

Pelo símbolo o *homo religiosus* solidariza-se com o cosmo, com os outros seres humanos e especialmente com o Mistério. Pelo símbolo são reconhecidas as pessoas iniciadas de uma comunidade: a cruz é “signo” (para qualquer um!) de que seu portador é um cristão, mas é “símbolo” do mistério redentor só para quem experimenta esse

mistério. Sua menção verbal ou sua representação artística tem uma função comunicativa na comunidade de fé. (2001, p.107)

Podemos encontrar alguns dos sentidos da cruz na explicação de Durand: “Para um cristão, a cruz não se reduz ao instrumento infamante de um suplício romano. Para um hermeneuta, a cruz também não se reduz à cruz do Cristo; ela já brilha em todo o seu sentido de Encruzilhada e de Mensagem no *swastika* hindu, como na ‘cruz de Malta’ dos manuscritos astecas. ” (1988, p. 96)

A cruz representou e representa símbolos em várias civilizações e em diferentes partes do planeta, conforme podemos verificar na fala de Croatto:

O símbolo também é universal. Os mesmos símbolos, com os mesmos significados, podem aparecer, ao mesmo tempo, em culturas isoladas entre si; ou em outras separadas pelo tempo, sem conexão histórica entre elas. É claro que também existem símbolos particulares, próprios de uma cultura ou grupo humano (a "cruz" é um exemplo); mas a maioria dos símbolos fundamentais são patrimônio de toda a humanidade. (2001, p.108)

Entendemos que no cristianismo, um dos significados da cruz é personificar a compaixão, a imagem de Jesus crucificado simboliza a compaixão levada às últimas consequências ou ao extremo. Os cristãos entendem como sendo um sacrifício por todos, para tirar o povo da morte e os conduzir a vida eterna, uma vez que ele poderia ter se defendido perante Pôncio Pilatos e ter evitado a crucifixão, mas Jesus era movido por compaixão. “Tudo n’Ele fala de misericórdia. N’Ele, nada há que seja desprovido de compaixão. “ (MV 8)

Para o cristianismo, pelos ensinamentos contidos no Evangelho, Jesus quis mudar o destino da humanidade e instituir uma nova consciência baseada na compaixão e não na justiça da lei. “Por isso Deus, com a misericórdia e o perdão, passa além da justiça. Isto não significa desvalorizar a justiça ou torná-la supérflua. [...] Quem erra, deve descontar a pena; só que isto não é o fim, mas o início da conversão, porque se experimenta a ternura do perdão. ” (MV 21) Para o cristão, na pessoa de Jesus, a cruz simboliza a vitória sobre a morte e o sofrimento, remetendo a um trono na eternidade.

No nosso entendimento, a relação compaixão, *casa comum* e planeta Terra também simboliza o retorno às origens.

A morada do Deus dos humildes – Por outro, com a volta do exílio, uma dupla lição será dada ao povo para libertá-lo de seu particularismo e do seu formalismo: por um lado, Deus abre a sua casa a todas as *nações (Is 56,5ss; cf. Mc 11,17); por outro, proclama que a sua casa é transcendente e eterna e que para nela ser introduzido é preciso ter um coração *humilde e contrito (Is 57,15; 66,1s; cf. SI 15). Mas nessa morada celeste, quem poderá introduzir o homem? A *Sabedoria divina mesma, que virá aos homens construir a sua casa e convidá-los a nela entrar (Pv 8,31; 9,1-6). (LEON-DUFOUR, 1984, p.133)

Conclusão

Concluimos que, apesar de tratarmos o significado da compaixão dentro da encíclica como sendo três significados distintos, antropológico, ecológico e teológico, para nós, como podemos observar, ficou muito claro que os três são interdependentes, de forma, que um não se desenvolve sem o outro, e o significado teológico representa o sustentáculo dos outros dois significados.

Para nós, torna-se evidente que os problemas que a humanidade atravessa são os mesmos que a Igreja Católica também atravessa, pois, apesar dela representar um lado espiritual, ela é constituída de humanos, portanto, a proposta de Francisco de uma ecologia integral é universal, uma vez que o antropocentrismo moderno e egoísta está presente em toda a humanidade.

A nossa *casa comum* está doente, e nós também somos essa *casa comum*. “A Amazônia e o seu mítico <<pulmão verde>> tornou-se o grande símbolo vivo e doente da ecologia mundial...” (DURAND; CHAUVIN, 1996, p.202). Contra os fatos, não há o que se argumentar. A *Terra grita* por socorro e não há como ficar impassível. Conforme Carvalho:

Há uma constatação de extrema seriedade expressa no fato de que a humanidade é portadora de profundas feridas e que não sabe como curá-las. [...]. É preciso retomar o caminho da ética, da justiça, da sabedoria, bases da misericórdia. É necessário, porém, acabar com o maior de todos os pecados: a corrupção. Transformada em sistema, torna-se hábito mental, modo de viver. [...]. Sua autoestima se baseia na fraude, no oportunismo, na indignidade, na total ausência de compaixão. É preciso ensinar a misericórdia às crianças. (2016, p.125)

Vivemos um tempo em que, o futuro também está em perigo. A história das novas gerações pode não ocorrer e também a nossa história, parece estar próxima de chegar ao fim. Existe um alarde no meio científico e não é de hoje, sobre os crescentes, visíveis e

documentados perigos por que passa todo o planeta, pondo em risco a continuidade de nossa história.

A humanidade está em maior perigo do que já esteve em qualquer outra fase de sua história. O cosmos mais amplo tem um futuro potencial que poderia ser infinito. Mas serão essas vastas extensões de tempo preenchidas com vida, ou ficarão vazias como os primeiros mares estéreis da Terra? A escolha pode depender de nós, neste século. (REES, 2005, p.205)

No diálogo entre a fé e a razão, Francisco pede que haja cuidado, respeito e responsabilidade para com toda a criação. Não é lícito a ciência empreender novas realizações que ponham em risco a saúde e a sobrevivência das espécies. Se no passado a fé deu motivo ao erro do ser humano, no presente, apesar da fé ainda representar fator gerador de guerras provocadas pela intolerância religiosa, resultando em milhares de mortos e refugiados, a ciência demonstrou que com apenas um toque de dedo é capaz de destruir toda a humanidade, foi assim com Hiroshima e Nagasaki.

Realmente, é ingênuo pensar que os princípios éticos possam ser apresentados de modo puramente abstracto, desligados de todo o contexto, e o facto de aparecerem com uma linguagem religiosa não lhes tira valor algum no debate público. Os princípios éticos que a razão é capaz de perceber, sempre podem reaparecer sob distintas roupagens e expressos com linguagens diferentes, incluindo a religiosa. (LS 199)

O potencial destrutivo da ciência é muito mais perigoso do que qualquer outro fator. Além da bomba atômica, temos as novas descobertas que aparentemente se mostram eficazes, eficientes e inofensivas, mas que não é bem assim. Os próprios cientistas veem denunciando o imenso perigo que o uso desenfreado da tecnologia representa para o planeta e as suas espécies. Conforme Francisco:

O respeito da fé pela razão pede para se prestar atenção àquilo que a própria ciência biológica, desenvolvida independentemente dos interesses económicos, possa ensinar a propósito das estruturas biológicas e das suas possibilidades e mutações. Em todo o caso, é legítima uma intervenção que actue sobre a natureza «para a ajudar a desenvolver-se na sua própria linha, a da criação, querida por Deus».[112] [...] Além disso, qualquer solução técnica que as ciências pretendam oferecer será impotente para resolver os graves problemas

do mundo, se a humanidade perde o seu rumo, se esquece as grandes motivações que tornam possível a convivência social, o sacrifício, a bondade. [...] será necessário insistir para que se abram novamente à graça de Deus e se nutram profundamente das próprias convicções sobre o amor, a justiça e a paz. Se às vezes uma má compreensão dos nossos princípios nos levou a justificar o abuso da natureza, ou o domínio despótico do ser humano sobre a criação, ou as guerras, a injustiça e a violência, nós, crentes, podemos reconhecer que então fomos infiéis ao tesouro de sabedoria que devíamos guardar. Muitas vezes os limites culturais de distintas épocas condicionaram esta consciência do próprio património ético e espiritual, mas é precisamente o regresso às respectivas fontes que permite às religiões responder melhor às necessidades actuais. (LS 132, 200)

Essa corrida científica faz lembrar o descobrimento da América, a busca do ouro e da prata americanos e consequentemente a destruição das civilizações autóctones. O conhecimento pede compreensão, isso permite que possamos atuar não como meros espectadores, mas como protagonistas da história.

A ciência tem efetuado descobertas que se tornaram empreendimentos irresponsáveis e capazes de destruir o *índio* de hoje, ou seja, a própria espécie humana e até o planeta. A encíclica *Laudato Si'* veio expor ao mundo as condições gritantes de injustiça, pobreza, abuso e morte, presentes nessa *casa comum*. Não dá para fechar os olhos e fingir que não está acontecendo com a gente. Isso está acontecendo com a vida e a vida é prioridade.

Com toda a tecnologia existente, podemos concluir que o poder da indústria de informação é inquestionável, sendo assim, indagamos se existe de fato um engajamento dessa indústria da informação no sentido de divulgar a realidade dos fatos, buscando conscientizar o ser humano sobre essa realidade, e também se essa indústria da informação realiza um trabalho em conjunto com outros setores, na busca de soluções para erradicar a morte pela miséria. Conforme Dowbor:

Outro eixo poderoso de captura do espaço político se dá através do controle organizado da informação [...] A vinculação da dimensão midiática do poder com o sistema corporativo mundial é em grande parte indireta, mas muito importante. As campanhas de publicidade veiculadas empurram incessantemente comportamentos e atitudes, centradas no consumismo obsessivo dos produtos das grandes corporações. [...] O círculo se fecha, e o resultado é uma sociedade desinformada e consumista. [...] A publicidade, o tipo de programas e de informação, o consumismo e o interesse das corporações passam a formar um universo articulado e coerente, ainda que desastroso em

termos de funcionamento democrático da sociedade e de sustentabilidade do planeta. “ (DOWBOR, 2016, p. 272- 274)

A impressão que temos, é que não há interesse em trabalhar a realidade, não há envolvimento de fato com a vida, e como exemplo disso podemos citar a situação dos refugiados em sua luta pela sobrevivência em todo o planeta, especialmente as crianças com toda a sua fragilidade. Os registros desses momentos históricos de tragédia, com a mesma rapidez com que chegam, vão embora, e isso nos leva a questionar, o tamanho do impacto que esses registros exercem em nossas consciências, quanto realmente conhecemos do que recebemos de informação e quanto nos identificamos com o teor dessas informações. Na Bíblia, o órfão, a viúva e o estrangeiro são apresentados como pessoas fragilizadas que merecem a atenção, respeito e generosidade, entre outras atitudes benéficas. Conforme Fromm:

De modo significativo, no Velho Testamento, o objeto central do amor humano é o pobre, o estrangeiro, a viúva, o órfão, e por fim o inimigo nacional, o egípcio e o edomita. Tendo compaixão pelo desamparado, o homem começa a desenvolver o amor por seu irmão; e em seu amor por si mesmo ama também o que necessita de auxílio, o frágil, o inseguro ser humano. A compaixão envolve o elemento de conhecimento e de identificação. “Conheceis o coração do estrangeiro – diz o Velho Testamento – pois fostes estrangeiros na terra do Egito;... portanto, amai o estrangeiro!” (1964, p.57-58)

As propostas de Francisco na *Laudato Si'*, não aparecem soltas, mas estão inter-relacionadas, evidenciando com isso que estão embasadas por um trabalho científico responsável, que pode ser utilizado como base para a busca de conscientização através de um novo modelo de educação que privilegie a alteridade, a simplicidade e a compaixão. Nessas propostas, a esperança se apresenta como causa de ânimo e de alegria.

Se é impactante o realismo com que Francisco trata os ‘efeitos’ e as ‘causas’ da ‘crise ecológica’, não menos impactante é o otimismo e a esperança com que ele a aborda. [...] É perpassado de esperança do começo ao fim nem ingênua nem cínica, mas uma esperança comprometida e comprometedora [...] Essa esperança se funda e se nutre em última instância em Deus, que sempre oferece à humanidade ‘a possibilidade de um novo início’ (71). Não obstante o nosso pecado. (AQUINO JUNIOR, 2016, p. 37-38)

CONCLUSÃO GERAL

Retomaremos os temas desenvolvidos, e as conclusões expostas ao final de cada capítulo de forma que, através de uma síntese global, possamos expressar um balanço dos alcances obtidos e dos limites encontrados nas diferentes fases desta pesquisa e no final da conclusão apresentaremos uma autoavaliação.

Nessa etapa do trabalho, esperamos ter conseguido com os nossos estudos, confirmar a hipótese desta pesquisa, ou seja, que a categoria compaixão vem expressa de forma subjacente ao longo de todo o texto da *Laudato Si'*, e essa expressão fica patente através da relação de complementaridade entre os elementos da categoria presentes no texto e também nas interligações dos principais significados da categoria: antropológico, ecológico e teológico, uma vez que esses significados estão entrelaçados, ou seja, a compreensão não se dá de forma separada.

O estudo da categoria compaixão e da forma como ela se expressa através da relação de seus elementos, possibilitou um aprofundamento na importância do sentido e relevância que exerce nas relações humanas, aumentando também a nossa compreensão do efeito que tem a sua ausência. Ter estabelecido como ponto de partida em nossos estudos, conhecer a categoria, tornou possível situá-la no pensamento de Francisco, de forma a facilitar as nossas análises.

A nossa pesquisa sobre Francisco, possibilitou conhecer um pouco do educador, do intermediador e do líder da Igreja Católica, relacionando a categoria a essas características, e com isso, encontramos um humano que vive a compaixão e que encontra na simplicidade, no trabalho e na fé que demonstra possuir o sentido de gratificação e alegria da vida. O empenho demonstrado por Francisco ao querer dialogar com a

humanidade sobre os problemas que afetam essa mesma humanidade e o nosso planeta, com todas as suas formas de vida, denota compromisso com a realidade dos fatos.

Como significado antropológico da categoria compaixão na encíclica, entendemos que este se apresenta como uma rogativa ao ser humano de superar qualquer exclusivismo centralizador através do reconhecimento da responsabilidade que lhe confere a dignidade de ser colocado como sujeito central da criação. Como significado ecológico da categoria compaixão na encíclica, entendemos que ele parte do significado antropológico e se complementa através da proposta de uma ecologia integral que não é excludente em nenhum aspecto, pois, além dos pressupostos materiais, considera como requisito, o que transcende a matéria e que corresponde a essência do ser humano, significando com isso, levar a cabo a compaixão através dos seus elementos e aplica-la ao bem comum, que equivale a Terra com todos os seus habitantes. E o significado teológico da categoria compaixão na encíclica se dá pela sua excelência em embasar a proposta contida nos dois significados já expostos.

O material pesquisado nos auxiliou na exposição de como a categoria vem sendo associada as transformações de caráter humano e espiritual e como esse princípio pode ser interpretado como uma luz eficaz no direcionamento do caminho a ser vivido pelo ser humano, no sentido de promover o bem-estar de todos os seres vivos, bem como, um agente em potencial, capaz de extinguir os males causados por sua antítese, uma vez que, vivemos um início de século marcado pela miséria e morte.

O limbo em que se encontra os corações dos senhores de planos ou dos enigmáticos seres terráqueos, os impede de reagir positivamente frente ao desafio de transformar condutas inadequadas, já que a solução, as vezes é possível. Conforme Flannery: “A transição para uma economia sem carbono é possível porque já temos toda a tecnologia necessária para fazê-la. É apenas a falta de entendimento, o pessimismo e a confusão gerados por grupos de interesses que continuam a nos impedir de prosseguir.” (2007, p.27)

Muita violência e intolerância tem sido praticada por grupos que se autodenominam religiosos, mas que de fato, parecem mais se esconder atrás de uma religião, utilizando-a como escudo e disfarce da sua ânsia de poder e de sua intolerância radical. A religião ainda se mistura com a política, conforme Abumanssur “A violência é sempre um exercício de poder. [...]. Nesse mesmo contexto de modernidade, a religião,

quando se apresenta como fonte de legitimação da violência, se apresentará também como instância de organização política. “ (2009, p. 348-349)

O homem ainda padece de concepções de vida tacanhas e limitadas as suas próprias experiências. A exteriorização da indiferença, da intolerância e do isolamento refletem também a falta de compreensão do ser e do estado do ser. Há os que vivem uma miséria existencial, uma vida vazia de sentidos, uma solidão compensada no consumo e na Internet, outros vivem a fome literalmente, já que uma grande parte da população do planeta sofre com a falta de condições dignas de sobrevivência. Conforme Sanchez, existe uma enorme distância a ser vencida:

É necessário ressaltar que entre as pessoas apenas as distancias geográficas são reduzidas. [...]. A primeira é a distância existencial entre as pessoas [...]. A segunda distância é a distância social provocada pela desigualdade, e pelas injustiças e ganha expressão na existência da fome e da miséria. (2012, p.111)

É verdade que a humanidade passa por uma crise de identidade e de convivência e é verdade que a tecnologia pode levar o homem a sua própria extinção, não podemos voltar a viver como homens das cavernas, mas podemos fazer aflorar essa consciência latente, presente no indivíduo e na sociedade, por mais precários que estes se apresentem.

O exemplo de Santa Teresa de Lisieux convida-nos a pôr em prática o pequeno caminho do amor, a não perder a oportunidade duma palavra gentil, dum sorriso, de qualquer pequeno gesto que semeie paz e amizade. Uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo. Pelo contrário, o mundo do consumo exacerbado é, simultaneamente, o mundo que maltrata a vida em todas as suas formas. (LS 230)

Essa dignidade necessária a boa convivência, esse respeito e consideração ao desconhecido, esse querer ser generoso, poderiam preencher esses espaços de ausência do bem. As soluções surgem com as crises, estamos à procura da identidade perdida, do elo, da essência que cria sem destruir, do simples e do terno, do Deus que se tornou oculto a uma humanidade padronizada e binária, da luz e do sal de um viver simples e belo como uma canção de amor a vida e a natureza, uma vez que ser pobre não significa ser infeliz, indigno ou feio.

Em linguagem histórica, os pobres têm um potencial humanizador porque oferecem comunidade contra o individualismo, serviçalidade contra o egoísmo, simplicidade contra a opulência e abertura à transcendência contra o positivismo cretino, do qual a civilização ocidental está toda imbuída. É claro que é verdade que nem todos os pobres oferecem isto, mas também é verdade que eles oferecem.” (SOBRINO, 1994, p.93)

Aprender a ser pobre parece se mostrar a solução para preservação do Planeta Terra. “Com efeito, cresce seminalmente um novo paradigma de re-ligação, de re-encantamento ´ pela natureza e de com-paixão pelos que sofrem; inaugura-se uma nova ternura para com a vida e um sentimento autentico de pertença amorosa à Mãe Terra. “ (BOFF, 1999, p.25-26). Em uma humanidade descrente, a pobreza pode apresentar significados transcendentais, ensinar hábitos, valores, alegrias, que independem do consumo como fonte de realizações. Conforme Sobrino:

A utopia, no mundo de hoje, não pode ser outra coisa que “a civilização da pobreza”, todos partilharem austeramente os recursos da terra para que chegue a todos. E neste “compartilhar” se consegue o que o Primeiro Mundo não oferece: fraternidade e, com ela, o sentido da vida. E como caminho para chegar a essa utopia ele propôs a civilização do trabalho *versus* a atual civilização do capital, em todas as suas formas capitalistas e socialistas. [...]. Produzirá também a luz da utopia: que o verdadeiro progresso não pode consistir no que agora se oferece, mas em descer da cruz os povos crucificados e repartir com todos os recursos e bens de todos. (SOBRINO, 1994, p.92)

Necessitamos do convívio comunitário, da liberdade de ir e vir por esse mundo afora, do discernimento da justiça, de que todos temos razões, nós e os outros. Passos expressa essa verdade quando diz: “A necessidade, a alteridade e a liberdade definem a condição humana distinta da natureza animal. É certamente o equilíbrio dessas forças que estrutura a convivência humana justa e, por conseguinte, constrói a própria humanidade na espécie sapiens. ” (2012, p.201-202)

Vivemos tempos em que começamos a questionar quão verdadeiro são os conceitos antropocêntricos. Questionamos que direito tem o homem sobre as espécies animais e vegetais. Também começamos a questionar, quando termina o instinto e começa a consciência, será que de fato existe essa separação ou foi invenção humana. Na

história humana, houve povos escravizados que não eram considerados humanos pelos escravizadores, e esses escravizadores questionavam se os povos escravizados tinham alma.

Em tempos do relativo quase que absoluto, podemos dizer que a fome involuntária não é relativa, e também não é justa, sendo assim, podemos também dizer que a justiça também não é relativa. Portanto, ser justo, não se trata de um ponto de vista, mas de uma capacidade inerente ao indivíduo, que precisa ser desenvolvida e se tornar habito. Já a compaixão, esta, talvez seja a maior expressão de beleza existente na natureza, e essa beleza, todos podemos manifestar, mas para que isso aconteça, o indivíduo precisa voltar a ter vontade de viver.

Por outro lado, ninguém pode amadurecer numa sobriedade feliz, se não estiver em paz consigo mesmo. E parte duma adequada compreensão da espiritualidade consiste em alargar a nossa compreensão da paz, que é muito mais do que a ausência de guerra. A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, reflecte-se num equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida. A natureza está cheia de palavras de amor; mas, como poderemos ouvi-las no meio do ruído constante, da distracção permanente e ansiosa, ou do culto da notoriedade? [...] Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, reflectir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença «não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada». (LS 225)

Talvez um grande desafio do século XXI, seja despertar na humanidade a vontade de viver, vida que envolve pensar, falar, agir e principalmente sentir. Se o mal existe como um ser que odeia a humanidade, nesses nossos tempos ele conseguiu grandes vitórias, pois ele criou um reino onde impera o isolamento, a indiferença e a intolerância, que caminha a passos largos desde o individual até o social, como exemplo disso, podemos citar, a efemeridade presente nos relacionamentos amorosos, pessoais, profissionais e até religiosos. O ser humano tem facilmente acesso a todo o tipo de informação, a redes sociais e a uma infinidade de dispositivos que trabalham nesse sentido. Parece, com isso estar vivendo a indecisão do que viver. Conforme Sanchez: “As relações sociais são mercantilizadas na medida em que a pessoa humana, dentro dessas relações, é transformada em mercadoria. ” (2012, p.119)

A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contacto com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece. (LS 222)

Entendemos que quando Francisco fala de uma Igreja em saída, trata-se de uma Igreja feita de seres humanos disponíveis, desapegados, mas não desamorosos, livres, mas conscientes da importância de suas ações, desejosos de compartilhar e comprometidos com a bondade. Essa Igreja em saída, parece não ter nada a ver com construções sem vida, burocracias, poder e fronteiras de todos os tipos, mas sim, com uma Igreja que privilegia o diálogo, o respeito a alteridade e a simplicidade como características missionária.

Em momentos críticos como os que vivemos, revisitamos a sabedoria ancestral dos povos e nos colocamos na escola de uns e outros. [...] Importa construir um novo *ethos* que permita uma nova convivência entre os humanos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica; [...] *Ethos* em seu sentido originário grego significa a toca do animal ou casa humana, vale dizer, aquela porção do mundo que reservamos para organizar, cuidar e fazer o nosso habitat. Temos que reconstruir a casa humana comum – a Terra – para que nela todos possam caber. Urge modelá-la de tal forma que tenha sustentabilidade para alimentar um novo sonho civilizacional. A casa humana hoje não é mais o estado-nação, mas a Terra como pátria/mátria comum da humanidade. (BOFF, 1999, p.27)

Bergoglio ao ser nomeado Papa, deixou claro que vinha para servir ao povo todo, sem distinção, para fazer o que fez durante toda a sua vida, trabalhar. Entende-se que esse é um dos objetivos do Papa Francisco, ou seja, uma Igreja para o mundo todo, que saia dos limites que não foram impostos por Cristo. No Evangelho, o que vemos é um Jesus

que não tem onde deitar a cabeça, um Jesus que pregava nas barcas, no mar, nas montanhas, no meio das multidões, ou seja, um Jesus acessível a todos que o quisessem encontra-lo, como parece que deveria ser ainda hoje.

No cristianismo, o Evangelho de Cristo traz um Deus Pai que se solidariza com o sofrimento sem fim da sua criação e que por amor se encarna no filho do homem, sofrendo junto com a sua criação, mas, com a sua ressurreição somente possível pela sua compaixão, vem demonstrar com o seu exemplo, que é possível ao homem se libertar do ciclo temporal da morte rumo a eternidade da vida.

Segundo a compreensão cristã da realidade, o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem: «Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele» (*Cl* 1, 16).^[80] O prólogo do Evangelho de João (1, 1-18) mostra a actividade criadora de Cristo como Palavra divina (*Logos*). Mas o mesmo prólogo surpreende ao afirmar que esta Palavra «Se fez carne» (*Jo* 1, 14). Uma Pessoa da Santíssima Trindade inseriu-Se no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até à cruz. Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da encarnação, o mistério de Cristo opera veladamente no conjunto da realidade natural, sem com isso afectar a sua autonomia. [...] O Novo Testamento não nos fala só de Jesus terreno e da sua relação tão concreta e amorosa com o mundo; mostra-no-Lo também como ressuscitado e glorioso, presente em toda a criação com o seu domínio universal. «Foi n'Ele que aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude e, por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas (...), tanto as que estão na terra como as que estão no céu» (*Cl* 1, 19-20). (*LS* 99, 100)

Em nosso entendimento, o mistério da origem tem como precursor a compaixão e estando o mistério de Cristo presente desde o princípio, podemos dizer que Cristo representa a compaixão de um Pai que no ápice de sua manifestação se revela na presença misericordiosa de um Cristo encarnado. Conforme Moriconi, no verbete compaixão “A antecipação da encarnação de Cristo, gesto supremo da compaixão de Deus para com toda a humanidade e com cada pessoa. É na cruz de Cristo, de fato, que Deus e o ser humano se tornam solidários e a compaixão se ilumina pela luz. “ (1999, p.174)

No Antigo Testamento encontramos a manifestação da compaixão e no Novo Testamento de forma apoteótica temos a concretização dessa compaixão que vem representada com todos os seus elementos, como uma luz do que vem a ser o Reino de Deus. Através da compaixão, o ser humano se reconhece dentro da vida, uma vez que esse princípio é capaz de eliminar fronteiras, criar laços de irmandade e erguer pontes de acessibilidade.

É importante estabelecer, através e para além do dicionário, que do ponto de vista bíblico, a compaixão não é sentimento simples que nasce da capacidade mais ou menos grande de comover-se diante dos sofrimentos alheios, mas o rosto com o qual Deus se manifestou e, consequentemente, o fundamento daquela fé que, verdadeiramente pode e deve eliminar a resignação. Esta é a premissa necessária para verdadeira compreensão da compaixão que, antes de ser dever do ser humano, está no coração de Deus, de tal modo interessado em Israel, a ponto de se comprometer na sua libertação do Egito [...] No coração deste mesmo Deus que tanto amou o mundo a ponto de ofertar-lhe seu Filho único que morre por amor de todos. Por isso, a práxis da compaixão, seja no Antigo, seja no Novo Testamento, antes de ser preceito ou exortação, é exigência de fé que procura levar o fiel a assumir o mesmo comportamento compadecido de Javé (AT) e os mesmos sentimentos de Cristo, comovido diante de toda pessoa que tenha necessidade de ser “curada” (NT). (MORICONI, 1999, p.175)

Entendemos que uma grande contribuição da nossa pesquisa, se constituiu ao eleger a categoria compaixão como chave de leitura da encíclica, pois, com isso, demos continuidade a esse documento, inserindo esta categoria dentro dos caminhos possíveis de conscientização da população. A compaixão pode representar um olhar de filho que enxerga o planeta Terra como uma mãe e não como uma madrasta, e nesse sentido, a presença da Sagrada Família de Nazaré na encíclica, se apresenta também como exemplo de ecologia integral.

Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora Se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. [...] E ao lado d’Ela, na sagrada família de Nazaré, destaca-se a figura de São José. [...] No Evangelho, aparece descrito como um homem justo, trabalhador, forte; mas, da sua figura, emana também uma grande ternura, própria não de quem é fraco mas de quem é verdadeiramente forte, atento à realidade para amar e servir humildemente. [...] A vida eterna será uma maravilha compartilhada, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados. [...] Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus, porque, «se o mundo tem um princípio e foi criado, procura quem o criou, procura quem lhe deu início, aquele que é o seu Criador» [...] Que Ele seja louvado! (LS 241, 242, 243, 244, 245)

Como balanço de nossa pesquisa, entendemos que alcançamos os objetivos específicos, que foram: caracterizar a categoria relacionando-a com elementos identificados na encíclica, investigar e debater como a categoria se faz presente no pensamento de Francisco e identificar os principais significados da categoria na encíclica *Laudato Si'*, sendo possível com isso, alcançar o objetivo geral, de elaborar um estudo sobre a categoria compaixão e como ela se apresenta no pensamento do Papa Francisco, especialmente na encíclica *Laudato Si'*.

A maior limitação do estudo, foi ter que reduzir o enfoque de alguns temas apresentados, como por exemplo, a própria compaixão, a teologia da retribuição e expressões de compaixão, uma vez que apresentamos apenas dois exemplos de vida. É interessante informar que as nossas limitações de conhecimento certamente reduziram o potencial do estudo.

O tema dessa dissertação surgiu da vontade de realizar uma pesquisa que tratasse a compaixão como um princípio a ser estudado por sua relevância no processo de amadurecimento do ser humano em suas relações. Investigar a compaixão por outras vias se configura um caminho importante, uma vez que essa categoria extrapola o catolicismo, por isso seria interessante que novas pesquisas fossem realizadas considerando outras tradições, de forma a preencher lacunas e responder perguntas em aberto. Isso representaria um saldo muito positivo, pois ampliaria o diálogo inter-religioso e intercultural, uma vez que, cultivar as nossas raízes, transmitir ensinamentos e evangelizar, a princípio, são caminhos que podem levar a compreensão e quem sabe a prática da compaixão.

Como autoavaliação, acredito que esse estudo significa um salto em minha iniciante trajetória como pesquisadora e certamente irá contribuir para os meus projetos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionários

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Verbetes “Compaixão”. p. 154-155.

ARANGUREN GONZALO, Luis A. Verbetes “Compaixão”. In: VILLA, Mariano Moreno. *Dicionário do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2000, p. 113-115.

CLÉMENT, Elisabeth; DEMONQUE, Chantal; HANSEN-LOVE, Laurence; KAHN, Pierre. *Dicionário prático de filosofia*. 1ª Ed. Lisboa : Terramar, 1997. Verbetes “Compreensão”. p. 62.

_____. *Dicionário prático de filosofia*. 1ª Ed. Lisboa: Terramar, 1997. Verbetes “Respeito”. p. 334.

_____. *Dicionário prático de filosofia*. 1ª Ed. Lisboa: Terramar, 1997. Verbetes “Responsabilidade”. p. 335.

LEON-DUFOUR, X. e OUTROS. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis, Vozes, 1984. Verbetes “Casa”. p. 133.

LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. Paulus, 1993. p.41.

MORICONI, Bruno. Verbetes “Compaixão”. In: CINÀ, Giuseppe (Org.). *Dicionário Interdisciplinar da pastoral da saúde*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 174-180.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner L (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. 1. ed. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2015. Verbetes “Diálogo”. v. 1, p.266-273.

HILPERT, Konrad. Verbetes “Ecologia”. In: EICHER, Peter (Ed.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. Paulus, 1993, p.204-209.

ROGER, Alain. *Vocabulário de Schopenhauer*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. Verbetes “Compaixão”. Volume I, p. 628.

_____. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. Verbetes “Misericórdia”. Volume II, p. 1769.

Livros e Artigos

ABUMANSSUR, Edin Sued. *Religião e Violência*. In: SOARES, Afonso Maria Ligório (Org.); PASSOS, João Décio (Org.). *A fé na metrópole: desafios e olhares múltiplos*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. v. 1.

ALTEMEYER, Fernando. *Uma teologia ecológica integral: procuro, logo sou*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si’*. Paulus, 2016.

ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO/Noticias/Vaticano/O que é uma encíclica? Disponível em: <<http://arqrjio.org/noticias/detalhes/3243/o-que-e-uma-enciclica>>. Acesso em: 10/06/2017.

BALERA, Wagner. *Por uma nova ordem jurídica mundial*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Paulus, 2016.

BERGOGLIO, Jorge; SKORKA, Abraham. *Sobre o céu e a terra*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

BINGEMER, Maria Clara L. *Louvor, responsabilidade e cuidado. Premissas para uma espiritualidade ecológica*. In: MURAD, A; TAVARES, SS (orgs). *Cuidar da Casa Comum. Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, 2016.

BOFF, Leonardo. *Princípio de Compaixão e Cuidado: O Encontro entre Ocidente e Oriente*. 4. ed. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2009.

_____. *Paixão de Cristo--paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Vozes, 1977.

_____. *Saber cuidar: ética do humano--compaixão pela terra*. Editora Vozes Limitada, 1999.

_____. *A encíclica do Papa Francisco não é “verde”, é integral*. In: MURAD, A; TAVARES, SS (orgs). *Cuidar da Casa Comum. Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, 2016.

CARVALHO, Edgard de Assis. *A perspectiva interdisciplinar inerente à encíclica*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Paulus, 2016.

CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo, Paulinas, 2001.

CROIDYS, Pierre. *Um coração de ouro – (Padre Damião)*. 2º Edição. Tradução de MORAES Leal. Lisboa: Livraria Bertrand, ano: n/d.

CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco: teología, ética y política*. Ediciones Manantial, 2016.

DOWBOR, Ladislau. *A governança do sistema: os meios e os fins*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Paulus, 2016.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*; tradução Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

DURAND, Gilbert; CHAUVIN, Danièle; REIS, Maria João. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ESQUIVEL, Adolfo Perez. *Prefácio*. In: SCAVO, Nello. *A lista de Bergoglio*. São Paulo: Paulus, Paulinas, Edições Loyola Jesuítas. 2013.

FARROW, John. *Damião, o leproso*. Tradução de Maria Helena Amoroso Lima. Revista por Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio, 1940.

FERRARO, Benedito. *Laudato si' e a opção pelos pobres*. In: MURAD, A; TAVARES, SS (orgs). *Cuidar da Casa Comum. Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016.

FLANNERY, Tim. *Os senhores do clima: como o homem está alterando as condições climáticas e o que isso significa para o futuro do planeta*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FRANCISCANOS/Símbolos Franciscanos/O Cântico das Criaturas. Disponível em:

<http://www.franciscanos.org.br/?page_id=3124>. Acesso em: 30/06/2017.

FRANCISCO, Papa. *A Igreja da Misericórdia: A Minha Visão Para a Igreja*. Editora Paralela, 2014.

_____. *O Nome de Deus é Misericórdia*. Brasília: Editora Planeta, 2016.

FROMM, Erich. *A Arte de Amar*. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1964.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Editora Companhia das Letras, 2005.

GUTIERREZ, Gustavo. *Falar de Deus: a partir do sofrimento do inocente; uma reflexão sobre o livro de Jó*. Petrópolis, 1987.

HANH, Thich Nhat. *Transformação na consciência: de acordo com a psicologia budista*. Tradução Odete Lara. 2º edição. Editora Pensamento, 2006.

HANH, Thich Nhat. *Vivendo em paz: Como Praticar a Arte de Viver Conscientemente*. Editora Pensamento, 1992.

HESCHEL, Abraham J. *O homem à procura de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

JESUÍTAS BRASIL/Institucional/Missão, Visão e Valores. Disponível em:

<<http://www.jesuitasbrasil.com/newportal/institucional/missao-visao-e-valores/#33>>.

Acesso em: 08/09/2017.

JOSAPHAT, Carlos. *Laudato Si', na perspectiva da doutrina social da Igreja*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Paulus, 2016.

JÚNIOR, AQUINO. Francisco de. *Fé cristã e a superação da crise ecológica. Abordagem teológica*. In: MURAD, A; TAVARES, SS (orgs). *Cuidar da Casa Comum. Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, 2016.

KING, Robert Harlen. *Thomas Merton and Thich Nhat Hanh: Engaged spirituality in an age of globalization*. A&C Black, 2001.

LISBOA, Marijane Vieira. *Laudato Si': Uma abordagem do ponto de vista das ciências sociais*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Paulus, 2016.

MARDONES, José María. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2006.

MOREIRA, Gilvander. *Compaixão misericórdia: uma espiritualidade que humaniza*. Paulinas, 1996.

MISSÃO PAZ SÃO PAULO/Eixo Saúde. Disponível em:
<<http://www.missaospaz.org/eixo-saude>>. Acesso em 27/12/2016.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL/Direitos Humanos/'Abandonadas e descartadas: mais de 150 milhões de crianças vivem nas ruas', alertam especialistas da ONU' disponível em: <<https://nacoesunidas.org/abandonadas-e-descartadas-mais-de-150-milhoes-de-criancas-vivem-nas-ruas-alertam-especialistas-da-onu/>>. Acesso em: 09/09/2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2014.

_____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *O paradigma tecnocrático*. In: MURAD, A; TAVARES, SS (orgs). *Cuidar da Casa Comum. Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, 2016.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *A difícil integração humana na comunidade de vida da Terra*. In: MURAD, A; TAVARES, SS (orgs). *Cuidar da Casa Comum. Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, 2016b.

OS JESUÍTAS EM PORTUGAL/*Etapas da Formação*. Disponível em:
<<http://www.jesuitas.pt/Teologia-201.aspx>>. Acesso em: 08/09/2017.

PASSOS, João Décio. *A Igreja em saída e a casa comum*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016a. v. 1.

_____. *Aspectos metodológicos da encíclica Laudato Si'*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Paulus, 2016b.

_____. *Crítica ético-teológica da cultura de consumo*. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. *Religião e consumo: Relações e Discernimentos*. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. Introdução. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Paulus, 2016c.

PERINE, Marcelo. *Misericórdia e gratuidade: “Como a neblina que filtra por baixo da porta fechada”*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Paulus, 2016.

PLUM VILLAGE/ *Thich Nhat Hanh*. Disponível em:

<<https://plumvillage.org/about/thich-nhat-hanh/biography/>>. Acesso em: 17/09/2017.

PRATES, Lisâneos Francisco. *A espiritualidade como princípio transversal*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Paulus, 2016.

QUEIROZ, José J. *O consumo e a dinâmica do efêmero*. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. *Religião e consumo: Relações e Discernimentos*. São Paulo: Paulinas, 2012.

REES, Martin. *Hora final: alerta de um cientista: o desastre ambiental ameaça o futuro da humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RUBIN, Sergio; AMBROGETTI, Francesca. *El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio, sj*. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2010.

SANCHEZ, Wagner Lopes. *Espiritualidade do consumismo*. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. *Religião e consumo: Relações e Discernimentos*. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. *O diálogo inter-religioso: fontes e método*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Paulus, 2016.

SCAVO, Nello. *A lista de Bergoglio*. São Paulo: Paulus, Paulinas, Edições Loyola Jesuítas. 2013.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. *Desejo e felicidade: algumas considerações teológicas*. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. *Religião e consumo: Relações e Discernimentos*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SOBRINO, JON. *Onde Está Deus?*. Editora Sinodal, 2007.

SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Trad. Jaime A. Clesen. Petrópolis: Vozes, 1994.

SUSIN, Luiz Carlos. *Conversão ecológica: “conversão da conversão”*. In: MURAD, A; TAVARES, SS (orgs). *Cuidar da Casa Comum. Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, 2016.

Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*. 2. ed. Tradução de Alexandre Corrêa. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1ª parte da 2ª parte. v. 5. 1980.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. *O diálogo internacional como desafio ético e político*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si’*. Paulus, 2016.

XAVIER, Donizete José. *Catolicismo e pluralismo interno*. In: SOARES, Afonso Maria Ligório (Org.); PASSOS, João Décio (Org.). *A fé na metrópole: desafios e olhares múltiplos*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. v. 1.

Documentos Pontifícios

BENTO XVI. *DISCURSO DO PAPA BENTO XVI. AOS PARTICIPANTES NUM CONGRESSO. DA «FUNDAÇÃO ROMANO GUARDINI» DE BERLIM Sala Clementina. Sexta-feira, 29 de Outubro de 2010*. Disponível em:

<https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20101029_fondazione-guardini.html>. Acesso em: 19/09/2017.

Cúria Romana. *PONTIFICIUM OPUS A SANCTA INFANTIA. DAMIÃO DE VEUSTER*. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/p_missionary_works/infantia/documents/rc_ic_infantia_doc_20090324_boletin14p15_po.html>.

Acesso em 11/09/2017.

FRANCISCO, Papa. *Angelus*. Praça de São Pedro. Domingo, 3 de Agosto de 2014. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140803.pdf>. Acesso em: 22/09/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. III Domingo de Quaresma, 28 de fevereiro de 2016. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160228.html>. Acesso em: 10/04/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. IV Domingo de Quaresma, 06 de março de 2016. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160306.html>. Acesso em: 10/04/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 22 de maio de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160522.html>. Acesso em: 28/04/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 19 de junho de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160619.html>. Acesso em: 28/04/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 29 de junho de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160629.html>. Acesso em: 28/04/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 17 de julho de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160717.html>. Acesso em: 28/04/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 18 de setembro de 2016.

Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160918.html>. Acesso em: 28/04/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 30 de outubro de 2016.

Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20161030.html>. Acesso em: 28/04/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 13 de novembro de 2016.

Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20161113.html>. Acesso em: 28/04/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 04 de dezembro de 2016.

Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20161204.html>. Acesso em: 15/04/2017.

_____. *Angelus*. Praça São Pedro. Domingo, 11 de dezembro de 2016.

Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20161211.html>. Acesso em: 15/04/2017.

_____. CAPELA PAPAL PARA A TOMADA DE POSSE DA CÁTEDRA DO BISPO DE ROMA. HOMILIA DO SANTO PADRE FRANCISCO. *Basílica de São João de Latrão. II Domingo de Páscoa ou da Divina Misericórdia, 7 de abril de 2013.*

Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130407_omelia-possesso-cattedra-laterano.html>. Acesso em 19/09/2017.

_____. *Carta encíclica Laudato Si': Sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB. 2015.

_____. *CARTA ENCÍCLICA LUMEN FIDEI DO SUMO PONTÍFICE FRANCISCO AOS BISPOS AOS PRESBITEROS E AOS DIÁCONOS ÀS PESSOAS CONSAGRADAS E A TODOS OS FIÉIS LEIGOS SOBRE A FÉ*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html>. Acesso em: 20/09/2017.

_____. *DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS BISPOS DOS PAÍSES BAIXOS EM VISITA «AD LIMINA APOSTOLORUM» Segunda-feira, 2 de Dezembro de 2013*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/december/documents/papa-francesco_20131202_presuli-paesi-bassi.html>. Acesso em: 18/09/2017.

_____. *DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PÁROCOS DA DIOCESE DE ROMA*. Sala Paulo VI, 6 de Março de 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140306_clero-diocesi-roma.pdf>. Acesso em: 22/09/2017.

_____. *DISCURSO DO PAPA FRANCISCO. AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS CATÓLICOS ITALIANOS*. Sala Paulo VI. Sábado, 15 de Novembro de 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141115_medici-cattolici-italiani.html>. Acesso em: 22/09/2017.

_____. *Encontro com os jovens. Discurso do Santo Padre. Universidade de São Tomás, Manila. Domingo, 18 de Janeiro de 2015*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150118_srilanka-filippine-incontro-giovani.html>. Acesso em: 01/07/2017.

_____. *Exortação Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAЕ. Quando Deus visita. Terça-feira, 16 de Setembro de 2014. Disponível em:*

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco-cotidie_20140916.html>. Acesso em: 22/09/2017.

_____. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o XXIII dia mundial do doente 2015. Disponível em:*

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20141203_giornata-malato.pdf>. Acesso em: 30/06/2017.

_____. *Misericordiae Vultus: O Rosto da Misericórdia-Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da misericórdia. Editora Paulinas, 2015.*

_____. *PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO DURANTE A VISITA À COMUNIDADE DE SANTO EGÍDIO. Basílica de Santa Maria em Trastevere. Domingo, 15 de Junho de 2014. Disponível em:*

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papa-francesco_20140615_comunita-sant-egidio.html>. Acesso em: 22/09/2017.

_____. *Regina Coeli. Praça São Pedro. Domingo, 08 de maio de 2016.*

Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_regina-coeli_20160508.html>. Acesso em: 05/04/2017.

_____. *Regina Coeli. Praça São Pedro. Domingo, 15 de maio de 2016.*

Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_regina-coeli_20160515.html>. Acesso em: 15/04/2017.

_____. *SANTA MISSA NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA COM ALGUMAS VÍTIMAS DE ABUSOS SEXUAIS POR PARTE DO CLERO.HOMILIA DO PAPA FRANCISCO. Segunda-feira, 7 de Julho de 2014.Disponível em:*

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140707_omelia-vittime-abusi.html>. Acesso em: 27/09/2017.

_____. *Viagem Apostólica do Papa Francisco à Suécia. Solenidade de todos os santos. Angelus. Malmoe*. Terça-feira, 01 de novembro de 2016. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus-svezia_20161101.html>. Acesso em: 28/04/2017.

_____. *VISITA PASTORAL À REGIÃO DE MOLISE, ITÁLIA. ENCONTRO COM OS CIDADÃOS E PROCLAMAÇÃO DO ANO JUBILAR CELESTINIANO. DISCURSO DO PAPA FRANCISCO. Praça da Catedral de Isernia. Sábado, 5 de Julho de 2014. Disponível em:*

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140705_molise-indizione-anno-celestiniano.html>.

Acesso em: 22/09/2017.